



2)(046)

Volume Novo

(IX. - 9º)

A AUTOR ...FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA

N CONTEÚDO:::ARTIGOS DE JORNAIS REGIONAIS
(E ALGUMA RESPOSTA E ATÈ CARTA)

D TEMPO;;;;;UM QUARTO DO SÉCLO XX (1971-1996)

O ARRUMAÇÃO----EM 12 CADERNOS OU VOLUMES

R SERIAÇÃO ::::CRONOLÓGICA NÃO ESTRITA

I DEPÓSITO DOS ORIGINAIS(DOS JORNAIS):
NA BIBLIOTECA DA C.M:de BARCELOS

N ÍNDICES: A) NÚMERO/TÍTULO DO ART/QUE JORNAL/
H QUE DATA/_FOLHA/_OBSERVAÇÕES
ÍNDICE:::B) IDEOGRÁFICO SEM RIGOR ALFABÉTICO

A

TÍTULO DA COLECÇÃO:

A N D O R I N H A



Barcelos
Perm.

LISBOA.....1996

52885
BIBLIOTECA MUNICIPAL
C. M. B.



FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA
JUIZ DE DIREITO JUBILADO

ALTERO a nota infra:

Rua D. Carlos Mascarenhas, 70, 2.º-Esq. — 1070 LISBOA q. aconteça...leitor do
☎ 385 58 55 q. segue (mutatis mutandis)

A quem aconteça

vir a ser leitor dos artigos que
seguem: foram todos publicados no jornal barcelense A Voz do Minho; são de texto menos pesado que o da Monografia a Galegos. Reuni esses artigos porque a Monografia se esgotou. As pessoas de Galegos não puderam entender bem a Monografia (é uma sopa com muita "sustância" que poucos "stâmagos" suportaram), mas entenderam bem estes artigos. Exigem os artigos menos de mim do que a idealizada nova Monografia que me PROPUSERAM FIZESSE (a máquina, hoje, está a pregar-me partidas). Também os artigos saíram com gralhas, mas não é preciso que rectifique.

Aos curiosos direi que escrevi o seguinte:

C/ a S.ra D.ra Lança Cordeiro-1967 Ou
1966, 1 Colecção de Pontos de Exame-
A Minha Sexta Classe. Língua Pátria.
Uns 10 anos depois, um Guia do Sini-
nistrado do Trabalho.

A seguir, a Galegos, Sta Maria Barcelos,
que, de 160 fui apertando e ficou com
32 páginas apenas. Alguns artigos de Di-
reito, nem todos com Separatas. De 71 a
96 publiquei mais que mil artigos em
vários jornais de terras como estas:
Viana, Vilaverde, Braga, Barcelos, Sertã,
T. Vedras e uma ou outra mais, tudo em
menor escala e menos valia que os tra-
balhos do ex-condiscípulo e amigo,
Silva Araújo Mas também já o compen-
saram: tem seu nome gravado na Gr. En-
ciclop. Port. e Brasª. Parabéns.

Em 1967 foi um texto de suas 90
pgs que me atrevi a fazer circular pe
los então meus alunos, mais de 400. Matéria bem
difícil - A Religião e a Moral. O Autor teve
aplausos, mas de sacerdotes não se lembra
de os ter tido, sinal evidente de que lhos não
mereceram. Mesmo assim, ainda às vezes se
distrai a ler alguma daquelas 90 folhas que
já não saberia repetir.

Ultimamente começou a elaborar um Dicionário
de Galegos (de Coisas e pessoas de...);
e portanto autonomizou umas folhas pa-
ra Santo Amaro; e quanto aos Azevedos;
e meteu-se também nuns Estudos sobre o
Tombo de Galegos. E dos tais mil e tal
artigos fez estes ou aqueles recortes
que colou sobre folhas A4, e destas, cons-
truiu 12 volumes a 60 para 80 fls. cada
um. O trabalho que isso deu nem digo nem
o conto. Perguntam-me quando publico.
Mas não tenho intenção de publicar nem
sequer os Estudos acerca do Tombo. Falta um
Latim (Exerc. c/ Soluções), de 67.

Dedico este trabalho, assim: 1º a
Deus. Depois, a minha Mulher e aos
meus Filhos, a meus Pais, em Galegos
e ao sr. dr. Vale Lima, de A Voz do
Minho, em que, primeiro, saíram.

24.2.97.

e 20.3.97

Vol 9-21.

FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA

COLEÇÃO DE ARTIGOS

DE JORNAL-Colec. ANDORINHA -VOLUME NONO (9;IX)

Segue índice desses art- Ind.A

Folha no- volume	Título abrev do artigo	Nome do Jornal	Data do jornal	Art No...	Observações-
fls 1	Carta de Lisboa	Vilaver	21.11/71	1	
1	Novo Livro-O Rio Neiva	Barc.	25.11.78	2	
2	Sobre o XIVcent do II conc.de Braga	V M	12.8.72	3	dá uma cronologia
3	Carta a Pedro Afonso	Calipol	-7.7.73	4	Do Prof dr Ol Caeiro N.Xav.
4	Últ Quadrante	"	18.Ago.73	5	Respondo
	-complem. do de fls 3				
5	Agora falo eu	N Fam.	28.9.73	6-	Nota de J Bar -do divórcio
6 e 7	Br. e única Adenda	Calip.	29.9.73	7	Do Caeiro Notas s. o A.
8	A S Rússia	Badal.	11.10.75	8	(v.o 25 de No Vembro-J Neves)
9	Ac da Rev Análise Soc.	Cáv.	13.12.75	9	0 nº1 é de 75
"	A Q. da Ref Agrária	C Sar.	2.11.79	10	
10	S o Natal	V M	20.12.75	11	
11	O dia a dia	" "	28.2.76	12	
"	D.Filipa de Lenc.C/Aborto=CV		26,1.78	13	
"	Qual vai ser o Rito de Viana?			14	
12	Direito do Trab e Ind. Nacional	Cv	27.5.76	15	
13	O 3º G=a China	N Fam.	5.11.76	16	Narc Elvas
14	Coisas	V M	1.1.77	17	
	Nota de J.Barç=15.6.78				"art Subst.=f castigada e es correita....
"	Emt. da G do Vietname	Card.Sar.=	23.3.79	18	
15	Coisas ..Cron.dos Jorn de Barç	V M	12.2.77	19	v.Pres.e Diál
16	No Trib Pol. deMoscovo	CV	29.9.77	20	
17	Coisas..			21	Nunabre hereje
17	Corrija isso...	"	5.1.78	22	
18	Corr.Polít na URSS	"	6.10.77	23	
19	P. a Hist.social d.Minho	C S:	23.6.78	24	
19	Coisas de....	V M	15.5.71	25	lei de incên dios
20	Novo Livro=trad.SEGE=doC S		28.7.78	26	lapso no nome
"	s Rep.,as Crianças e Fátima	CS	13.7.79	27	presas em Our
	=Um pequeno Recorte =Gragoso			28	
21	Alg Consid s. a rejeição de um pároco		21.12.78	29	um o.f.m.
"	As divagações do Dr Sousa Bad Dias		25.5.79	30	filme =As hor de Maria

:Folha	:Título do art.	JORNAL	:Data do:	Nº do:	Observ.	:
				jornal art		
22	Uma dioc.p.TV Badal	.	26.1.79:	31	Demoraram q 6 meses a publicar	
"	O Rev Fernandes Tomás (1820)	Barc	5.6.82	32	julgou o Ruir do pad.	
23	Alg N s Monog=J Barc		29.3.79			
"	Vapaçps					
"	Em t da nova G no Vietname			33		
		in C.S.	30.3.79			
24	Mortos q.aind ensinam					
		V M ?	?	34	Ramos e Gouveia...	
25	= ao 23 (2º)	J Barc	5.4.79	35		
26	Uma Poet minh. E S		11.5.79	36	D Laur.	
"	Mem. de uma mr					
	sábua	CV	1.9.79	37		
"	Satoko=Sta jap	CV	?	38		
27	Nov Mon regi= C S		19.5.79	39	Balug Vila C =S Vitor Joane	
=	Not breves	CV	13.1.77	40	"jorn.vigoroso,j cons. inv.prof=int polif. =p.Lx Aux.	
28	S a Vis do Papa à Polón.	Barc	2.6.79	41	só parte	
"	A mem de Ant de Faria	CV	8.2.79			
	=farm e esc.					
29	Psic da mr	Barc	14.7.79			
	===Papa Pol.				Completa o da fls 28	
30	Am da Exp Moç	CV	13.9.79	44		
"	Coisas	V M	1971	45	C Povo ...	
31	Em t de 4 anos=J Barc		8.11.79			
32	de Rev.					
32	Alg Curios.d.			46	C Sul,Pol,Ang China...	
	q vai p. mundo	Barc	10.11.79			
33	Este M q se es	Not Fam	7.12.79	=47		
33-verso	Ou 34..	:				
35	Roma e os Cat ingl	Barc	15.9.80	48	é o nº2 (2)	
36	P.no Jap.em Fev	Not Fam	30.1.81	49		
" verso	ou 37					
38	O Ocíd=Unid			50		
	e diá.civiliz.	J Barc	28.1.82			
39	Cont 38					
"	Alg obs.Sociol	C S	28.5.82	51	Vai à Missa?Inq no Pat	
40	P a Hist	Barc=Barc	30.7.82		Visita à irmã Vicent.	
	Mr eclesial	:				
41	Rescaldo do D M:	Mis CS	5.11.82	53		
42	M Senhoras,..	: C S	18.6.82	54	abord.por ClLima em 9.7.82	
"	Coisas...	:V M	12.9.81		Madeira	
43	Bod de prata mis			56		
	o P m.Salg de	:J.de Barc	18.11.82		clandestino	
44	Peruanos....Papa	:C S	1.3.85	57		
45	Carta de Lisboa	N Fam.	22.3.85	58		
46	P o meu club de V M		6.4.85	59		
	doentes					
47	Tomar o pulso	C Sar	24.5.85	60		
	ao doente					
48	A Juv.Ano della	V M	25.5.85			
49	O r. Brac.....	CV	?			
50	S umas Ref Im-	Barc	8.6.85	62		
51/	Saud.às Nações	CV	13.6.85		fls 51 e 52	
53	Continua fls 49		9.1.86			

Volume 11
Art de Jornal -Colec.ção Andorinha

fls	Artigo	Jornal	Data	Nº	Observações	Margem
54	Uma Hist p as Presidenciais	Barce	18.1.86	64	=	
55	a luta das pres	J Barc	23.1.86			
56	Carta de Lisboa	Vilaverd	2.2.86	66		
57	A p d.Unid dos Cristãos	C S	7.2.86	67		
58	Honra ao Mér.	CV	5.5.88	68	mon de Esmeriz	
59	Idem man de Teollog	Barc	7.5.88	69		
60	Cav ,Ca.inho					
61	C vão Coisas...	CV	10.11.94	70	De Lx ao Minho	
		W. 16.2.95				



UNIVERSIDADE DO MINHO
BIBLIOTECA PÚBLICA DE BRAGA

Exmo. Senhor
Dr. Francisco Alves de Almeida
Rua D. Carlos Mascarenhas, 70-2º E
1070 LISBOA

Sua referência

Sua Comunicação

Nossa referência

Data

BPB-117/96

Assunto

30. OUT. 1996

021642

Em resposta à prezada carta de V. Exa., aqui recebida em 23 Out. 96, informo que é com todo o gosto que a Biblioteca Pública receberá a oferta da colecção de artigos publicados na imprensa local, bem como os Apontamentos da autoria de V. Exa.

Sendo esta a mais importante biblioteca do Norte do país (excluindo, naturalmente, o Porto) temos sempre o maior interesse em receber documentação sobre a região, nomeadamente quando se trata de colecções de artigos escritos em diversos jornais, por isso mesmo de difícil localização e compilação.

Relativamente à questão do tombo de Galegos, Sta. Maria, transmiti a informação à senhora directora do Arquivo Distrital de Braga.

Pedia a V. Exa. que, quando nos enviasse os livros referidos, os fizesse acompanhar de uma nota bio-bibliográfica, para uma completa identificação do doador desses documentos.

Renovando os meus agradecimentos pela iniciativa, aproveito para enviar os melhores cumprimentos.

Henrique Barreto Nunes
(Assessor de Biblioteca)

6/2/1943

Volume n°9

Índice temático, temas principais versados:

A-----	B	C
Abreu-Leonídio 9.1-Balugães 9.1		Cávado.9.1
António de Sá .9.1-Braga 9.1		Oossourado 9.1
Afonso-pedro- ps.do Autor 9.3		Concílio d eBraga II
Azevedos 9.5 Bento(S.) E amaro831		Caeiro 9.2 e8.49e 50
Angola,catequistas 9.5- Bert.Russel847		,3e 4(Prof.Dr.Olívio)
aumento de violadas: Borges Grainha 8.38		os Criados no Miço 10.
França:69.x;74=+ 60% -Bibliot.de Viçar		A ChinA-só 3º 9.13
9.14 8.48 (1830)		Barcelos,jornais]Cronolo
Antero de Faria 9.28-Biologia Trágica 59		gia 9. 15
Dr Ant Sousa Dias Biografias s.J.C8.60		EEEEEE
9.21 e 8.44 D		
Aldeias com bustos		
a filhos seus 8.29 Dume-S,martinho 9.2		
Amigo de seu amigo8.3Dreito do Trabalho Expresso(j)9.5		
Arquivos de Falcão -Nac.9.12 Intern,		Éticos q.do a Rússia os
Machadô 8.39 Bispaddo em torres?		tinha 9.18
Afeganistão 8.45e46 Disparates de 74/79Experiências-Moç. 9.30		-Évora-usos 9.49
Assassinos 9.53e 56 9.31		-Encíclicas -só um-8.54
Dizem-seateus 8.57		Etnologia 8.61e65
F	S	G
Falcão Machado9.5		
Fátima-videntes		eraãdo(São) enfim traduzido
e Repúblicas 9.20		Gente d8.20Vila de Rei8.52
Fernandes Tomás em		Garibaldi em Felgueiras,
papéis de Gal.Barc.22		um lutador 8.37
(As(freguesias mais		
antigas em barcelos8.36		
H	I	
Hist.Social 9.9 e 19		Imprensa Regional-valiq
Hist.dos de Valpaços 25-		Infante Santo 8.54
" de Barcelos 8.51		-Ilhéus e rios 8.53e12.2
Que é um homem? 8.55		
Histªfazem-na x,y ho		
mens 8.62		

Índice Temático (continua a pg anterior):

I		L	
Instituto Marx.8.55	Judeus sábios e sé-	Leis-Trab-Mil e tal 8.68	
Instâncias laborais	rios? 8.65	Lenine 8.68	
8.15	João Bapt. e Hospital	Lições-Filologia 8.65	
+	8.57	Laurinda(D.)Araújo,a poe	
+	Jornais em Barc.8.56	tisa 8.17	
+	João Ilharco 8.19		
+	Jardineiras de Deus		
+	8.14		
+	João Paulo II 8.9		
M		N	
Mulheres.Menos respei-	Natal 8.61	Ontologia/Saber Filosófico	
tadas hoje? 8.63	Nuclear 8.61	8.41	
Minhotos:virt. e def.	Namíbia 8.58		
8.63	Napoleão e J.Cristo		
Minho-férias 8.55	8.30		
Miguel Ângelo 8.53	Nazis 8.21		
Mensageiro-Revista	Natal na América		
nacional 8.38	Núncios são papais		
Missões Índias-	8.9		
no Brasil,hoje 8.28	Noveas do Menino		
Monografias-V.Seca8.26	8.4		
Missões ad Gentes 8.16	Q		
P		R	
Palestinianos 8.52	Quadros do Baptista	(Os) Romanos/ a mulher 8.49	
Pais V BOAS-	24--8.10	Revista do Minho 8.37e 10	
Barc/bibliot 8.48		Remelhe 8.16	
Pó:livrar dele os arquivos 8 .41		Roda do Mundo/Satélite/	
Padre Durães-8.36		Internet 8.18	
Pecado de não votar		Rodrigues de Vasconcelos	
8.33		(Gr.E.Port e Bras.	
(os)Passos de Barc			
Pinto casa padres 8.19			
S		T	
Suíços 8.47	Tombo de Ga egos	Ucha(S. Romão)-D.Ernesto	
	8.25	8.45	
		Unisco (Dona) 8.23	
V		Z	
Vereação/extinguir escolas 8.42			
Vaz (de Braga) ego 8,36			
Vida SOviética(não vingou) 8:34			
Vasconcelos(Ev.zac)-de Gal,(vem na Gr EncPort e			
Vaica			
	Bras.BARcelos não o sabe.		
	(ver Rod de Vasc).		

Carta de Lisboa

Poucos serão os que não ouviram seu pai a contar à fazeira, nas noites de inverno, algumas ou muitas histórias. O pai ou porque seja mais atento ou tenha mais tempo, enqua o a mãe prepara a ceia, ou ainda porque teve mais casos, saiu mais de casa e viveu com mais e diferente pessoas, sabe

Bona (INB) «Um companheiro fiel que se esforça simultaneamente em conseguir manter e assegurar a paz no Mundo», assim caracterizou o Chanceler Federal Alemão Willy Brandt o governo japonês, quando do seu brinde por ocasião de um banquete por ele oferecido em honra do Imperador Hiroito, em cima à esquerda, e da Imperatriz Nagako, no final da visita oficial de três dias que o Par Imperial Japonês efectuou à República Federal da Alemanha. Durante a sua visita, o Imperador japonês tornou realidade um desejo já muito antigo: com o navio de excursões Loreley, em baixo, e disfrutando de um tempo outonal maravilhoso, o Imperador Hiroito desceu o Reno entre Bingen e Coblença, a parte mais atractiva do rio. No Penedo da Loreley, durante a passagem do navio com o Par Imperial Japonês, estava hasteada uma enorme bandeira japonesa com o Sol Vermelho no fundo branco.

e conta histórias. A mãe conta histórias de fadas e rainhas.

Esses pequenos casos fazem a história do nosso país.

Mas, em geral, não sabemos a nossa própria história. E daí o interesse e o mérito de alguns estudiosos que se dedicam a recolher o que se passou «por aí além». É o caso do sr. Leonídio de Abreu, que estudou a terra de Prado e António de Sá, agora às voltas com Parada de Gatim.

Todos podem ajudar, contando acontecimentos que saibam. Basta um postal ao Vilaverdense. Mais tarde, algum outro curioso irá passar a livro.

Cada dia calcamos terreno e vemos coisas a que não damos importância.

Exemplos

Sabem dizer-me porque é que em Cruto há barro? Porque não aparece ele do outro lado do Cávado?

Que significa «Gatim»? E «Parada»? E «Pico de Regalados»? E «Freiriz»? Porque terão sido dados estes nomes a estas terras? A gente gosta de saber, não é?

Lugar de «Sobradelo» de Aldeia, de Portela, etc. Porque têm estes nomes e não outros?

A terra Santa dos Mouros chama-se Meca. E não querem ver que no concelho de Alenquer — perto de Lisboa — há uma freguesia com o lugar de «Meca»? É por ali terem vivido os Arabes ou Mouros? Lá que

quer a de Forjães — limítrofe do Neiva nem a de Ponte de Lima (2ª edição saía antes deste livro)

Vamos ao que toca a Barcelos.

Refere Balugães a pgs. 20, 39 e 95 e 35 e 125, Frágoso (23), Quintiães, Aborim — 76, Panque — 102 e 95, Cossourado — 95, 97, 125 e 138, Aguiar — 25 e 133, citânia de Carmona — 127, Lijó — 135. Refere Fornelos — 135 mas há erro: é a antiga e extinta Fornelo (singular) de que já falei acerca do Tombo de Galegos de 1518.

Que fins pretendem os autores? Não sei. Se é reunir o que há sobre as terras do Neiva, aquilo não basta.

Têm ali algumas notas os pescadores, os donos de terras junto de rios, os historiadores de moínhos, açudes, da Casa de Crestes, os cultores de linhagens, os amigos de paisagens como a bem descrita nascente do rio Neiva (pg. 18), os amigos do Arquivo de

há uma razão, há. Não sabemos qual.

A questão é a mesma para as nossas terras e lugares.

Na minha aldeia (em Barcelos) há lugares com estes nomes: Portela, Lóvaqueira, Santa Cruz, Cabanas, Pena Grande, Aldeia, Chauso. Penela, Souto de Oleiros, Agrads, Vessadas, Valdomil, Paranhos, Fraião, Caldas, etc. Há lugares nas freguesias de Vila Verde com nomes destes. Havemos de descobrir o porquê e isso é fazer história.

E as igrejas que temos? Uma mais lindas e majestosas, outras mais que tal. Decerto, não poucos leitores hão-de perguntar-se, como eu: — quem construiu a vossa igreja? Quando a fizeram? Em que sítio se erguia a velhinha, que houve — ou não houve? — antes da actual?

E o mesmo se diga das nossas capelas: S. Bento, S. Brás, Santa Marinha, Santo Amaro. Quem as fez e quando é que foram feitas?

Não dizia atrás que calcamos terra sagrada sem saber que ela o é? (Pecamos sem querer. Valha-nos isso!).

Acho que não devia ser assim. Podíamos saber melhor o que foi a nossa terra.

F. Almeida

NOVO LIVRO:

O RIO NEIVA

Falou-me da publicação dele em Abril o Dídimo Mesquita mas só veio a sair em Setembro. Tem 237 páginas e escreveram-no 11 autores.

Saiu com ajuda da Câmara de Barcelos e um organismo de Viana. Tem uma parte que é o Direito das águas que não entendo bem ali. Sendo assim de vários autores, é um tanto descoordenado e contudo algo interessa às gentes de Barcelos, como às de Viana, Esposende, Ponte e Vila Verde. Os autores citam bibliografia antiquada e não examinaram as monografias de Prado — onde se fala em execuções movidas por Sá de Miranda nem se-

Braga (matrículas e ordens — 27), os filólogos dedicados ao estudo da deusa Nébia (saiu há pouco monografia sobre este nome), os amantes da biografia de Sá de Miranda (por mim não irei saber se casou antes ou depois de 1530 mas lamento o abandono a que se votou Carrazedo onde foi sepultado). E também os arqueólogos e os estudiosos das nossas vias antigas, os curiosos de versos e outros mais

Se vier a jeito, voltarei a falar dele.

Francisco de Almeida

(isto é, os polímeros, mas talvez a Paula Hipólito (Surreal)).

Sobre o XIV Centenario do II Concílio de Braga

Em 5/8/72, veio neste Jornal a notícia da festa dos 1400 anos sobre o 2.º Concílio havido em Braga e que foi no ano de 572.

Ainda bem que a notícia veio. E ainda mal, porque devia ter vindo há mais de 1 ano. Ou a festa de 1 centenário decide-se em 15 dias? *v. 4. 72/872*

Foi o concílio de 572 presidido pelo nosso antigo e grande Arcebispo, S. Martinho, que antes fora bispo de Dume, hoje simples freguesia a nordeste de Braga e a uns 3 kms. de Braga.

Presidido. É que ao concílio assistiram os bispos de Viseu, Coimbra, Lamego e outros, de Portugal e os de Lugo, Orense, Tui, Astorga e outros, da Espanha.

Pergunto: porque é que no centenário não aparecem investigadores dessas dioceses? Não os há? E em Braga só há 3?

Oxalá façam trabalho útil. As histórias dos concílios são o que

melhor temos para estudar as das nossas cidades e aldeias dos primeiros tempos. Apela-se por que a Diocese publique os trabalhos, e cuide de mandar organizar nova edição de todas as obras do Grande Arcebispo, incluindo a tradução delas: nem todos sabem Latim e o povo teria interesse em possuir essas obras. Aposto em como raríssimo será o padre que já as tenha lido ou sequer visto. Não estão assim à mão.

A Diocese devia ter preparado um folheto (ao menos) que remetesse aos Párocos para estes prepararem o povo para o Centenário. Ficar-se a nível de algum letrado não é nada para honrar a memória de um S. Martinho a quem a nossa Terra tanto deve, sem o saber. A culpa não é do povo.

É tempo: — de repor as reliquias do Santo no lugar delas; — de obrigar os de Compostela a

(Cont. na pág. 6)

restituir S. Frutuoso, que furtaram; cuidar do monumento de S. Frutuoso (em Real-Braga) e da Capela Velhinha de Dume, que se encontra rodeada de canteiros, como eu vi há uns 4 anos. Vergonhas diocesanas e nacionais.

v. 4. 72/872

Para ser mais útil, umas notas da história.

Viveram por esta Terra muitas raças de gente.

Até cerca do ano 100 antes de Cristo, predominaram os Celtas, de que descendemos.

Foi, em seguida, esta Terra conquistada pelos Romanos (da Itália), que se misturaram com os de cá, dando os Hispano-Romanos. Todos pagãos.

Cerca de 250 depois de Cristo: teve Braga o seu 1.º bispo, que o era também de todo o Minho e Galiza.

Cerca de 303: por serem cristãos, são mortos Veríssimo, Vicente, Víctor, Eulália. Veja-se como serão antigas as paróquias que têm algum destes Santos por padroeiro.

Por 395 aparece uma escritora, também religiosa e pere-

grina da Terra Santa, de nome Etéria.

411 — A nossa Terra é contida por 2 povos: os Suevos e os Vândalos, todos pagãos, que destroem igrejas e perseguem o povo de cá. São deste tempo os ilustres Vito e Orósio, de Braga.

429 — Os Vândalos passam à África.

Seguem-se conquistas pelos Suevos e guerras com os Visigodos. *(572)* — 2.º Concílio de Braga

550 — É rei dos Suevos um tal Charrarico que, por amor ao filho, desaparece o reino suevo. Dominam os Visigodos, que tiveram a Capital em Toledo.

lho e sucessor, doente, de nome Teodomiro, se «apagou» — apesar de pagão — com S. Martinho de Tours (na França) pedindo-lhe curasse Teodomiro.

É na França que os enviados da Charrarico encontram o Padre Martinho. Este era da Panónia (actual Jugoslávia?) e foi quem trouxe, de França para o rei suevo, reliquias de S. Martinho de Tours.

P.e Martinho recebe do rei suevo uma terra em Dume onde constrói um mosteiro ou convento.

Em 556, Dume passa a diocese (dentro da enormíssima arquidiocese de Braga) e o padre Mar-

Francisco de Almeida

12/14/25 Vol. 9 9-3 712/73

CARTA A PEDRO AFONSO

Pedro Afonso, permita-me que o trate assim, pois mesmo sem o conhecer, sempre gostei do seu ar mbaraçado. Já não sei em que último quadrante (creio que foi no primeiro), logo notei na sua prosa uma franqueza rude de varapau e bota cardada, que o acreditou a meus olhos como um exemplar genuíno do meu Alentejo em vias de extinção. E simpatizei consigo.

Estou daqui a visioná-lo de manga arregaçada, curtindo a existência entre a sombra dum chaparro e o relento das noites em cadeira de buinho, cortando à navalha talhadas de melancia quando o sol a pino nos requeima cá por dentro, ou sorvendo o caldo da açorda quando a geada de dente de cão repassa até a lanugem do pelico. Foi assim que eu o vi. Mas não importa se esta imagem de Pedro Afonso é falsa ou verdadeira; a verdade está naquilo que a sua prosa me sugeriu, como expressão do homem da «plânicie heróica» — empírico na sua brutal franqueza, mas telúrico, autêntico e grande. Não sei se você

conhece aquela alusão de Miguel Torga ao camponês do Alentejo: «E preciso ter uma grande dignidade humana, uma certeza em si muito

(Continua na página 4)

(CONTINUADO DA PAGINA UM)

(Admirar desta forma) — profunda, para usar uma casaca de pele de ovelha com o garbo dum embaixador».

Ora diz você que na geografia estamos de acordo: este País divide-se em Lisboa, Porto e Província. Pois divide. E não julgue que a coisa não tem o seu quê de original. Eu diria, por exemplo, que um grande país como a Alemanha se divide apenas em... Província. Entre a grande urbe que é Munique (quase Lisboa e meia) e uma pequena cidade alemã dos seus dez ou

22.73 - Faculdade
vinte mil habitantes, a diferença que você nota é mais no ruído e na solução (os espantalhos do nosso século) e, claro está, nas solicitações de passatempo. Porque, de resto, a grande indústria levou a todo o lado os mesmos hábitos de vida, a mesma orgânica social, a mesma mentalidade e até um nível cultural que não se afasta muito da média. Dificilmente você achará um natural de Hamburgo ou de Munique que se entretinha a ostentar perante um provinciano as valdades alfacinhãs que ainda hoje são uns dos sintomas da nossa comparticipação geográfica. Só agora é que começa a vislumbrar-se entre nós uma tentativa de nivelamento, a partir da disseminação de escolas superiores e da planificação de centros industriais em terras enteadas. Há para aí tanto que fazer! Mas verá que, se alguma coisa vier a alcançar-se nessa mobilização dos recursos nacionais, a tendência há-de ser para transformar Portugal de norte a sul numa grande e única... Província. Pelos visto, você interessou-se também por aquela parte do meu artigo em que me refiro à habitual visita a Vila Viçosa dum Curso para Estrangeiros. Aí custa-me desiludilo, mas, tal como as coisas se apresentam, o Curso não deve voltar à nossa terra. Com certeza quer saber

porquê e eu sinto que lhe devo essa explicação. Aqui a tem. A excursão normalmente iria só até Évora, dentro do raio de acção que permite o regresso a Lisboa no mesmo dia; para ir até Vila Viçosa era preciso pernoitar, e você está a ver, nos tempos que correm, quanto custa o alojamento e outras despesas, para oitenta ou noventa pes-

Há uns anos, porém, a Fun-

COMISSÃO DE M

Afonso

dação da Casa de Bragança, no propósito louvável de mostrar também Vila Viçosa, passou a custear todos os anos as despesas excedentes: o jantar em Évora, a dormida, a quilometragem Évora-Vila Viçosa e vice-versa, o pequeno almoço no dia seguinte e o almoço no castelo de Vila Viçosa. A tradição foi-se mantendo, mas no ano passado, quando

em Junho (tardamente, valha a verdade) a administração do Curso de Férias requereu à Fundação da Casa de Bragança a concessão do subsídio habitual, foi notificada de que a Fundação não poderia futuramente ir além do custo do almoço no castelo e da visita ao palácio. A excursão estava anunciada desde Outubro, o Curso de Férias teve que suportar dessa vez o prejuízo, mas decidindo desde logo que no futuro a excursão se limitaria a Évora, pois o subsídio da Fundação ficara assim reduzido a menos de um terço do contributo anterior. Aquí tem

NASCIMENTO

Em Lisboa onde reside, deu à luz, no dia 12 de Agosto, um menino a Sr.^a Dr.^a D. Irene Fouta Polvora Alves de Almeida, esposa do nosso muito ilustre Colaborador Sr. Dr. Francisco Alves de Almeida.

«A Voz do Minho» felicita o Sr. Dr. Francisco de Almeida e sua Esposa por mais este «Rebento» e pede a Deus um porvir risonho para o bebé.

você os factos na sua singeleza. Claro que ninguém pensa culpar a Fundação da Casa de Bragança; como você muito bem diz, porque havia de ser ela «a aguentar com tudo»? Temos em vista, repito, o muito que essa instituição tem feito por Vila Viçosa. Só nos cabe lamentar que desta vez não tenha podido ir mais além. A propósito, aprendi muito a sua proposta frontal de se ir bater a outras portas. É talvez o que mais tarde se poderá tentar, porque para este ano já não lhe vejo remédio. Olhe, você que está aí mais perto, poupe-me os passos, vá pondo o problema à Câmara Municipal de Vila Viçosa...

Onde parece que não estamos de acordo é na «fisionomia traçada ao jornal de Província». Não admira, é tudo uma questão de óptica. Quando você desdobra o jornal de Vila Viçosa, porque o vê de muito perto, parece-lhe das proporções do «Diário de Notícias»; mas experimente contemplá-lo de longe, como eu, como o resto do País, e verá que as proporções reais saltam aos olhos. É também por uma questão de óptica que os jornais de Lisboa e Por-

Resp-159-4

Último quadrante

«O Calipolense» de 7-7-73 trouxe a público uma «carta a Pedro Afonso» da autoria de Olívio Caeiro.

Já antes de ela ter sido publicada, me chegara aos ouvidos que havia uma carta a Pedro Afonso. Só alguns dias após a publicação a pude, todavia, ler. Para que os leitores recordem o assunto: O Prof. Caeiro continuava um outro seu escrito acerca da ida ou não ida de um Curso de Férias desde Lisboa a Vila Viçosa.

Só hoje posso continuar os Quadrantes, pelo que só agora aprecio a dita carta.

Dito isto, ao negócio. E eno observo:

1.º) Parece que em diversos pontos o Professor concordou comigo;

2.º) Onde não tenhamos concordado — e porque aos de Vila Viçosa nada interes-

sam as nossas eventuais divergências — ficará cada um na sua;

3.º) Devo agradecer ao Professor as referências que fez ao Pedro, observando-lhe, contudo: a) que nunca este Pedro calçou bota alentejana (que aliás admira e lamenta não seja mais divulgada); b) que cometeu erro de perspectiva (ou então usou de liberdade poética) ao caracterizar Pedro Afonso. A ser como perspectivou, eram desnecessárias as Universidades (e bem sabemos serem necessárias). Que o diga Évora!...

4.º) Logo que possa, tentarei cumprimentar o Prof. Caeiro, tal como sugeriu.

oOo

Velo tudo isto a propósito dos nossos valores monumentais, nomeadamente de Vila Viçosa. Teve o sr. Professor (CONTINUA NA PAG. QUATRO)

9-4
diferença 913

to, com o seu maquinismo gigantesco de telex, agências noticiosas, reporteres, corpos redactoriais e arranha-céus, conseguem enxergar com nitidez a longa distância, vêem o que se passa em Tóquio ou nos antípodas, e nós, de qualquer ângulo que os encaremos, sentimos-lhes sempre o gigantismo. Ao passo que os jornais de Província, vivendo do esforço de meia dúzia de homens de boa vontade, só conseguem enxergar de perto, nos limites daquilo que está ao seu alcance imediato; e aí é que eles são grandes, porque descobrem pormenores que aos outros escapam, podendo até prestar melhores serviços à sua região que os jornais de longo alcance. Se, porém, pretenderem simplesmente imitar os grandes órgãos de Imprensa, então acabam por cair no risco dum pretenciosismo miope. Questão de óptica. Ora contra tais condicionismos, convença-se, Pedro Afonso, não há vontade nem capacidade que valham!

Era isto que eu vinha dizer-lhe a propósito dos seus quadrantes. Desculpe o tempo que lhe roubei às fadigas da lavoura. E quando um dia calhar, apareça por cá. Atolado o dia inteiro em sofisticadas citadinas, nada me dá mais alegria do que apertar a mão dum homem saudável e aberto. Porque é com homens como você que a tal Província se faz. Não como eu, que a troquei por outras miragens.

Olívio Caeiro

Último quadrante

(CONTINUA DA PAGINA UM)

Caeiro um grande mérito; fez faiscar a luz acerca de um problema que é de todo o País e a que não tem sido dada a competente atenção (mas vai-se acordando do letargo o que demonstra de algum modo o valor do jornal da «Província»).

Se me é permitido — e o sr. Professor consente — sugiro nos relate como são feitos «lá fora» os cursos de férias para Estrangeiros (portugueses incluídos). Ainda agora partiu para Londres uma pequena para, durante 30 dias, (são trinta)! frequentar um curso de inglês. Quanto? Tudo engloba, (viagens por avião, comida, alojamento e tratamento de roupas), apenas 6 contos (são apenas seis). Com que patrocínios é possível a um português obter tão grande benefício a tão baixo custo? Não sei, mas «o que é facto» é que isso se vê!

oOo

Para findar, que isto vai tão longo como os escritos — que s) detesto — de alguns que por

18/8/73

ai escrevem (só palavras):

— Não gosto de ver um acampamento (barracas) à entrada de Évora, estrada de Lisboa.

— O Alentejo deve ter sido a Província que melhor acertou o passo no tocante à previdência dos rurais. Honra seja aos patrões do sítio.

— Apresento os meus pésames ao sr. Comandante da Região Militar de Évora pelos militares vitimados, bem como às respectivas famílias.

— Diziam-me há dias: — as coisas vão subir em Agosto.

— Só em Agosto? Há uns milhares de pessoas a quem não saiu a sorte dos bancários. A propósito: uns tantos bancos alarmaram-se porque o Totta e outro, pagando mais que os «mínimos», provam que era infundado o argumento para o não-aumento dos salários, como, decerto, todo o mundo suspeitou.

PEDRO AFONSO

AGORA FALO EU

Notícia de imprensa, nº 905 de 28/9/73

Começou há tempos a publicar-se em Lisboa um jornal que se intitula Expresso. Causou sensação e se, a princípio, só raros o liam, tenho reparado que a «moda» de o comprar pegou. Porquê não sei nem vou investigar as razões. Até a «Voz do Minho», de Barcelos, já o citou pela boca do Dr. Falcão Machado. Para o atacar. Uma técnica que o Expresso usa é a de provocar conversas entre meia dúzia de Fulanos sobre isto e aquilo, gravar a conversa e publicá-la depois chamando-lhe «mesa-redonda», o que não é novo. Novo é a publicação sistemática do «lá» dialogado. Industriais? Banqueiros? Serviços públicos? Tudo há-de correr aí a ver o que aqueles «melros» pensam. Viste o Expresso? E que tal? É tema de conversas circulares exotéricas.

Como disse, a mesa-redonda pegou e não pega por parte de muitos grupos porque eles têm medo do público. Este tem a sensação (que até pode ser infundada) de que certos discursos que se publicam são para se ouvirem e nada mais: não provocam qualquer reacção, muito menos em cadeia, nem levam qualquer rumo diferente do que se acusa de errado. Ora bem: e se os «cérebros» das nossas terras comessem pensar em voz alta, publicando o que «lá» se discute ou ao menos resumos? I que me parece poderem os especialistas, como os do Expresso e outros, só verem teorias-lógicas, límpidas, puras, mas fazerem cair tudo de costas se assim aplicadas. Ora os práticos nada fizeram contra... E isto é o nosso drama.

* * *

Já várias terras têm melhor ou pior, a sua monografia. Algumas até têm monografias diversas. Não sei do que haja sobre Famalicão, salvo o trabalho

de B. Salgado. Aí vai uma achega.

Ao estudar os livros das Visitações (1663-1841) que os Cónegos de Braga fizeram à paróquia de Galegos (Barcelos) — de que tenho publicado notas em «A Voz do Minho» (Barcelos), deparei com diversos nomes que me parecem de naturais do actual concelho de Famalicão. Os historiadores de Barcelos (que abrangem Famalicão) estudam algo de Famalicão. Não basta. A Casa do Vinhal tem algo a dizer sobre os Pinheiros e Azevedos de Barcelos. E o jugado de Vermoim? E a «vila» de Famalicão, já vila em 1531? E Landim?

Pois dos livros de Gale-

gos consta que no ano de 1831 lá esteve em «visita» o cónego João Teodósio Araújo Leão, abade da fre-

(Continua na 4.ª página)

DR. FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA

Deu-nos a honra da visita na nossa Secretaria o Ex.º Senhor Dr. Francisco Alves de Almeida meríssimo Juiz do Tribunal do Trabalho em Lisboa, nosso ilustre conterrâneo e apreciado colaborador de «Jornal de Barcelos». 23/8/73

Gratos pelos seus cumprimentos pessoais, sinceramente retribuídos, e com reconhecimento por suas atenções, a que, de nossa parte, diligenciaremos corresponder.

Agora falo eu

(Continuação da 1.ª página)

guesia de Santa Maria de Telhado e agraciado com os títulos da Ordem de Cristo e Comendador da Condição em Vila Viçosa.

* * *

Vem saindo a público uma tomadas de posição sobre o catolicismo-protestantismo-ecumenismo. Nada de confusões. Por exemplo, é errada a técnica usada por um inquérito que concluiu haver em Portugal 64% de indivíduos favoráveis a que os casados pela «igreja» se divorciem. Porquê? Porque mete no mesmo saco ateus e agnósticos, protestantes e católicos. Como iam ateus e agnósticos votar contra o divórcio? E os protestantes, se algumas seitas pelo menos o admitem? O problema é de fé (não desate o homem o que Deus atou, disse Cristo). Logo, sejam coerentes

11/4.22 orientat-

e calem-se os que não têm fé em Cristo. Significa: o problema é dos católicos.

Falam em sacerdócio dos fiéis, do Povo. E outro problema que, a ser deduzido até às extremas consequências, implicará muita coisa. Seja como for, não se vê um leigo dedicado ir por aí fora levar a palavra de Deus aos povos. Em Angola (região de Malange), vi eu e conversei com um catequista protestante: bem falante, razoavelmente culto, bem vestido. Logo a seguir vi o catequista católico: esfarrapado e descalço. Concluam. Em Barcelos contam-me haver uma rapariga, excepcionalmente inteligente e cativante, que reúne grupos, etc, etc, nas barbas do pároco. E o que diz pega. Ora só por ignorância pode tal acontecer.

Que fazemos?

Francisco de Almeida
11/4.22 II

Breve e única adenda

Prof. Dr. Olívio Caeiro

*De Viena
Austria*

Aquele Último Quadrante de Pedro Afonso, o de 18 de Agosto, colheu-me mesmo à saída do País, razão por que não vim mais cedo comentá-lo. De longe, portanto, mas na cordial proximidade que caracteriza o meu diálogo com Pedro Afonso, lhe envio esta adenda, que

desejo breve (Pedro Afonso é homem de pouca retórica) e com a qual dou este tópico por encerrado.

A dialogar os homens se entendem. Jamais vi alguém entender-se de armas na mão ou brandindo os punhos cerrados. Digo isto e estou pensando (não cito nomes em certa facção da crítica que ultimamente por aí

tem vingado através da agressão impune, da linguagem desaforada, da chicana de lavadouro público, que só conduz a um tipo de polémica azedo e estéril.

Pois ainda bem que Pedro Afonso e eu dialogámos tranquilamente, ao sabor do tempo e das ideias, como quem pensa em voz alta, mas sabe que há pensamentos que nem em silêncio se têm. Em estilo o fizemos? Cada um no seu coeficiente pessoal, como era de esperar. A mim, por exemplo, não me interessaria aquele tom de torneio galante com troca de galhardetes, que informou a oratória parlamentar da Monarquia, mas que já passou de moda. A oratória que lhe sucedeu, a da grande tirada bombástica e da frase-carimbo, continua em moda, mas não gosto. A tal da crítica de faca na liga, essa então muito menos. Assim, cada qual a seu modo, um mais desinibido e directo, o outro porventura mais irónico e rebuscado, dialogámos como gente ordeira e nos entendemos,

BREVE E ÚNICA ADENDA

(CONTINUADO DA PAGINA UM)

penso eu, com honra para ambas as partes.

Resta apenas um ponto a esclarecer, razão desta adenda. As reflexões precedentes, de resto, já lá conduziam, pois, como adiante se verá, é essencialmente duma questão de estilos que se trata.

Empenha-se Pedro Afonso em salientar que cometi «erro de perspectiva» na avaliação da sua personalidade, tomando-o, ao que parece, por um rústico com aspirações a jornalista. Foi isto que julguei entender nas entrelinhas. Ora não houve da minha parte nem erro nem acerto de perspectiva, pois nunca tive em vista traçar o perfil duma personalidade, no sentido real em que convencionalmente a tomamos. O que procurei, sim, foi encerrar uma dupla realidade — o homem e a sua inquietação criadora —, incidindo a minha atenção em especial sobre esta última. Simples «liberdade poética» também não é; trata-se dum fenómeno mais vasto e mais profundo, cujas

linhas gerais tentarei esboçar.

Começo por dizer que aceito sem a mínima surpresa que Pedro Afonso seja um indivíduo com formação universitária; Miguel Torga também o é, Aquilino Ribeiro também o foi, e todavia, veja-se o sabor rústico da sua prosa! Para o caso pouco importa a verdadeira identidade de Pedro Afonso: nome de cédula pessoal ou criptónimo, alto funcionário ou cavado de enxada (nunca curei de informar-me), quando um impulso de criação literária ganhou forma na prosa dos seus Quadrantes, ele destacou-se de si próprio e construiu um outro eu que passou a distratar de autonomia em relação ao seu criador. A chave do meu pensamento já se continha, aliás, no passo que então escrevi: — «Mas não importa se esta imagem de Pedro Afonso é falsa ou verdadeira; a verdade está naquilo que a sua prosa sugeriu, como expressão do homem da «planície heróica», etc.».

Por fútil que tudo isto pareça, a verdade é que temos aqui em equação um dos pro-

blemas basilares da estética literária. Quem é na realidade o artista? Que interdependência existe entre o criador e a sua obra? De que natureza é o impulso que o conduz à recriação artística, através da palavra, do universo que o circunda? E a realidade daí resultante, em que grau de autenticidade podemos aceitá-la? Afere-se simplesmente pelo padrão da realidade dita objectiva?

Questões altamente complexas, envolvendo o próprio conceito de Arte, que não cabe aqui desenvolver no âmbito duma apostilha. Ao leitor eventualmente interessado, de bom grado o remeto para o notável ensaio do Prof. Johannes Kleinstuck, Wirklichkeit und Realität, Stuttgart 1971, ou, aos menos versados na língua alemã, para o estudo crítico que sobre aquela obra publiquei na Revista da Faculdade de Letras, Lisboa 1971.

O que importa aqui referir é que por vezes o impulso criador, em vez de dirigir-se ao

271

mundo objectivo, interioriza-se, gerando uma metamorfose do eu numa outra personagem, que quase sempre representa um ideal de qualquer natureza, uma construção optativa do artista. Assim, Eça de Queiroz, por ex., como que incarna no esteta superior que é Fradique Mendes, e Fernando Pessoa desdobra-se nos seus múltiplos heterónimos. Em casos mais extremos tem-se assistido mesmo ao que pode designar-se por uma fraude literária. O paradigma mais flagrante é James Macpherson. Este poeta escocês da linha pré-romântica, falecido em 1796, deu-se à fantasia de convencer os literatos do tempo de que havia descoberto por feliz acaso um manuscrito do séc. III, contendo os poemas dum bardo celta, dera-se à tarefa de os traduzir do idioma gaélico para o inglês moderno e publicava-os para conhecimento dos seus conterrâneos. Os Poemas Ossianicos correram mundo e convenceram pela autenticidade aparente da sua linguagem rude e da atmosfera brutal e misteriosa que Macpherson soube imprimir-lhes. Só o espírito crítico do séc. XIX, apoiado nos estudos filológicos então nascentes, logrou desmascarar de vez a mistificação de Macpherson. Hipótese semelhante se tem posto para as famosas Cartas de amor de Soror Mariana. Segundo alguns estudiosos, a freira apaixonada do convento de Beja nunca existiu como tal; seria tudo invenção dum francês, que, mercê duma ficção genial, implantou como verdade histórica o que não passa de mais um caso fictício de amores impossíveis, na estirpe de Abelardo e Heloisa.

De qualquer modo, seja um fenómeno de automitificação, como Fradique e os heterónimos de Pessoa, seja uma fraude deliberada, como o Ossian de Macpherson, a metamorfose só é possível mediante uma montagem estilística adequada. O autor há-de conferir ao seu outro eu reacções, e sobretudo uma linguagem, que o acreditem como autêntico.

Pedro Afonso abriu neste jornal uma secção a que deu o título erudito de Último Quadrante (isso bastava para me deixar de sobreaviso quanto à identidade do autor), consistindo em apontamentos avulsos sobre o quotidiano. Vasou estes, porém, intencionalmente, numa

9-7
linguagem tão espontânea, dum rudeza tão castiça, que logo atraiu a minha atenção, pois vi nela uma curiosa achega para a criação, até hoje por concre-

que essa tentativa implicava, resulta evidente num exame comparativo ao Quadrante de 18 de Agosto. Desta vez o autor vinha argumentar pro domo, oferecendo umas quantas justificações que diziam respeito mais propriamente ao cidadão, ao indivíduo com responsabilidades sociais. Daí que o seu mito de Pedro Afonso tomou um tom mais culto e solene, mais dialéctico e esquematizado, que lhe fez perder o sabor agreste dos outros Quadrantes. E a estes, porém, que eu gostaria de o ver regressar. E porquê? 271x-73

Porque, para além de alguma literatura, que já existe, sobre o Alentejo (Azinhal Abelho, João Falcato, Manuel da Fonseca e outros), quem sabe em que medida os pequenos contributos como os de Pedro Afonso poderão vir a constituir o arranque para uma genuína literatura do Alentejo?... Pois se não existe uma literatura específica do Alentejo, é preciso antes de mais forjar os instrumentos linguísticos susceptíveis de torná-la uma realidade. A Andaluzia, por ex., também não tinha a sua literatura, mas Garcia Lorca criou-a, ao realizar o mito do cigano, através da sugestão autóctone da sua linguagem. O Alentejo aí está, filão por desvendar, à espera do seu cabouqueiro. Que mais será preciso? Como diria o nosso autor dos Quadrantes: — Toca a criar linguagem dessa, senhores!...

Bem, a adenda vai mais longa do que o título prometia; deixo para outra vez a crónica que me é sugerida sobre cursos de férias cá e lá fora.

Terminei as minhas considerações sobre Pedro Afonso, o homo transtaganus. Quanto a Pedro Afonso, o cidadão, que me promete para breve a sua visita aí em Lisboa, ele que venha (depois de meados de Outubro) e afianço que será bem-vindo!

Viena, Setembro de 1973.

OLIVIO CAEIRO

decer as referências que fi-
meida, acaba de nos agra-
rador. Dr. Francisco Al-
O nosso distinto colabo-

Dr. Francisco Almeida
1973

7175-
tizar, daquilo a que poderíamos chamar uma prosa do homem alentejano, à semelhança do que fizeram Torga e Aquilino para as gentes do norte. Por isso mesmo me interessou.

O desdobramento psicológico

Dr. Francisco de Almeida

Depois de ter passado alguns dias em Barcelos, já regressou a Lisboa onde exerce funções públicas, o Sr. Dr. Francisco de Almeida, nosso ilustre Colaborador.

O Sr. Dr. Francisco de Almeida fazia-se acompanhar da Ex.ma Esposa, Sr.^a Dr.^a D. Irene Fouto Polvora Alves de Almeida.

Ao agradecer os amáveis cumprimentos, desejamos ao ilustre Amigo que os dias que passou na sua cidade tenham sido repousantes.

Dr. Francisco de Almeida

15.10.73
Com viva satisfação recebemos a notícia da nomeação do nosso ilustre col'orador Sr. Dr. Francisco Alves de Almeida para Juiz do Tribunal do Trabalho de Évora.

Há vários anos radicado em Lisboa onde desempenhava funções idênticas, pôde o Sr. Dr. Francisco de Almeida mostrar os seus dotes de inteligência e de trabalho, pelo que esta nomeação não é mais do que «dar o seu ao seu dono».

Congratulamo-nos com o acontecimento e felicitamos o Sr. Dr. Francisco de Almeida, filho de Barcelos que agora ocupa lugar de destaque na magistratura portuguesa.

Dr. Francisco Alves de Almeida

Tomou posse e Torres Vedras o novo juiz do Tribunal do Trabalho daquela Vila, Dr. Francisco Alves de Almeida, que vinha desempenhando essas funções no Tribunal do Trabalho de Évora.

Ao ilustre magistrado, que é articulista distinto e grande amigo deste jornal, apresentamos nossos melhores cumprimentos, com votos das maiores venturas tanto em família como no trabalho.

Agradecemos a atenção para Torres Vedras sua recente transferência zemos a sua pessoa sobre a



A Santa Rússia

Em Portugal pouco sabemos do ser e do espírito do povo russo. A culpa é de muitos e também do nosso agarrado provincianismo.

Poucos sabem, com efeito, que a U.R.S.S. é maior que a Rússia. Por esses séculos fora os imperialistas Czares foram abocanhando e submetendo à etnia russa diversas nações: o Kazan, a Ucrânia, a Sibéria, etc. Os Russos, e seu patriarcado de Moscovo, são

em geral cristãos que a si próprios dizem «ortodoxos» isto é, correctos. Os czares meteram-se a governar o patriarcado — pior do que em Portugal fez o regalista Pombal — sempre, como é costume, com o pretexto de fazerem o povo seguir o modo de vida traçado pelos Evangelhos. Como se o Espírito se não pudesse revelar senão por aí.

De tudo se resume:

— 4

Página 4

Vol. 10-31 de 11-X-75

A Santa Rússia

a) a U.R.S.S. deve ser o Estado onde menos descrentes há;

b) uns 75%, isto conforme inquérito de 1937 (tempo de Estaline), escreveram ser crentes; Dad. 11-X-75

c) destes, a maior corrente é a dos tais ortodoxos;

d) dentro destes há algumas seitas.

Há uns 30 anos foram anexadas mais 3 nações: Estónia, Letónia e Lituânia (ali perto da Polónia e Finlândia).

Na U.R.S.S. vivem uns 17 milhões de católicos (que existiam nas terras séculos além conquistadas).

Estes 17 milhões seguem 2 ritos: o estilo oriental e o estilo ocidental ou latino (o nosso em Portugal).

Bispos e padres é que não têm: porque os católicos foram oficialmente metidos no mesmo saco que os ortodoxos. Logo os católicos não podem contactar com Pedro em Roma.

Os católicos russos têm seminários? Não consta (e são tantos como 2 vezes Portugal). Têm livros, revistas, etc.? — Não consta. Alguém tem ou teve liberdade de ver como quisesse que vida é a dos cristãos (católicos ou ortodoxos) na U.R.S.S.? — Não

consta.

Sabe-se:

a) que as únicas igrejas católicas na U.R.S.S. são a da Embaixada francesa e mais duas, mas eram 980 em 1917; Dad. 11-X-75

b) que há muito cristão ortodoxo que cavou da U.R.S.S.: para os Balcãs, França, Alemanha, América, Austrália, etc.; lutam agora no movimento dito «ecuménico»;

c) o chamado patriarcado (ortodoxo) de Moscovo inclui, por força, o da Ucrânia, da Rússia branca, da Galícia (ex-católicos), etc.

O certo é que os monumentos mais veneráveis e destacados pela beleza eterna da arte são religiosos: catedrais, mosteiros antigos, etc.

O certo é também que as lendas, os cantares, o folclore da U.R.S.S. traduzem uma concepção cristã do mundo;

O certo é ainda que o povo russo é apreciado sobretudo pelo que dele escreveram um Dostoievski e outros.

O certo é que poucos povos haverá na terra cuja alma

tenha aderido mais séria e profundamente às pessoas de Jesus Cristo e da Mãe d'Ele. é ver os belíssimos quadros, imagens, etc., que as colecções artísticas da Rússia — à venda em livrarias portuguesas — nos mostram.

De tudo isso é que os autores deduzem que o povo russo é um povo eleito, santo, é a santa Rússia. Há o regime político, de governo, de posse ou não de bens, é outro negócio: podem passar como se foi o odiado czarismo. 11-X-75

Nota: quem quiser aprofundar veja O Cristianismo Oriental, do russo Zernov, da editora Arcádia (Lisboa).

Outra nota: podem os leitores perguntar se é válido falar de povos no que toca a vivências religiosas. Mas a sociologia é ciência. Esta es-

tuda factos e a consciência de um Ser Supremo é um facto em mais de 80% dos que hoje habitam a terra. Pelo que razão não há para não tratar dele.

Pedro Afonso

Acerca da revista

Análise Social

Esta publicação vai no n.º 41. Sai um por trimestre. Vi o n.º 1 de 1975. Pertence ao Instituto S. de Economia (Gabinete de Instituições Sociais).

Entre outros colaboram: o Murteira, Pulido Valente, E. Serra. Todos óptimos!

Temas: Universidade Aberta (Ensino Superior a distância), demografia no Sul de Portugal, etc.

Sobre a demografia no Sul, diz o resumo do artigo: «a fecundidade (n.º de filhos)... está submetida a ... declínio, detectável desde os começos do século. Os efeitos... não podem deixar de ser muito preocupantes. Ora nem a emigração nem certas variáveis... parecem ser, neste caso, relevantes... só tal estudo... permitirá intervir para evitar que o «celeiro de Portugal» se transforme num «deserto (ou no asilo de Portugal)».

Quer dizer, e é verdade, que as alentejanas não parem filhos. De uma, tão sem vergonha, ouvi contar que fez uns 60 abortos! Assim sendo, e não há esperanças de moralização capaz, pergunta-se:

a) quem defenderá a terra em caso de invasão?

b) para quê tanta disparatada ocupação de terras (roubos, como

muito trabalhador alentejano — nem a todos falta o bom senso — diz)?

Uma solução deviam tê-la alguns à vista: como não temos Sibéria, os «trabalhos forçados» far-se-iam no Alentejo. Não pensem que é sonho: a gente não sabe — mas é de presumir — que o n.º 4 da direcção do P. C. (Cunhal. Quem serão os outros três? Segredo!) já tivesse isso planeado. Só os parvos são apanhados desprevenidos.

Mas não é da revista que venho dizer. É das revistas ali noticiadas e certos temas.

Anoto que muito estranhei não ter encontrado um só título sobre Portugal. As revistas são estrangeiras. Ignoram-nos? Então a nossa fala de originalidade não entra no saber lá de fora?

ALGUNS TEMAS

American Journal of Sociology — Chicago: Antecedentes económicos e políticos do Monoteísmo.

Então as pessoas acreditam num só Deus por causas económicas e políticas?

Communications — Paris: Bases biológicas do saber e do poder.

Até parecem Gonçalvistas a discursar em seco!

tue os valores de ordem moral e espiritual» tem o sr. Silva dúvidas de que B. é não só marxista, mas P. C. às ordens de Cunhal? Quando abrem os olhos? Pensam que vos vai dizer de quem depende?

A. TORRES

A Questão da Reforma Agrária

■ por Francisco de Almeida

PELO que há pouco ouvi por estas bandas, presumo que as nossas gentes pouco entendem do que significa essa tão falada Reforma Agrária. Isto apesar de em Coimbra, Barcelos, Amarante ou Braga aparecerem as escritas a defendê-la. De facto, o País não se mostrou solidário de al-o a baixo quando em 74 as terras de bastante gente deixaram por artes mágicas de pertencer de facto àqueles que constavam das escrituras da terra. Porque, que interessa seres tu o dono da vaca, se é o vizinho que leva o dinheiro do leite e das crias e até vende a vaca e fica com as massas?

Reforma agrária é uma alteração do que era em relação às terras e é já uma alteração aquela lei que proíbe dividir um campo

que só tem uns metros de lado. Em rigor, sempre através dos séculos houve de tempos a tempos alterações das leis das terras. Falta-nos ter presente, porque alguns estudos há, a história da propriedade. Vieram os Suevos e tiraram as terras aos nossos avós. Vieram os Mouros e tornaram a tirar. Vieram os de Oviedo e tiraram-nas aos Mouros. Vieram os Liberais e apanharam o que era dos conventos. Vieram os do Sul e criaram as UCÊPÊS, Unidades

La Critica Sociologica — Roma: Estruturalismo e Religião.

Aí tem os leitores um caso, decerto, de religião sabida que não vivida. Se é que é sabida.

Diogene — Paris: da história-narração à história-problema.

O tema é muito actual, mas o certo é que, muitos dos nossos livros de história foram queimados, disse-o o Tempo, e esta gente, do «progresso» nem sabe história nem quer deixar que a estudem.

Économie et Humanisme — Paris: A caminho de uma sociedade militarizada?

Depende da ditadura que nos imponham. Se em democracia como alguns a querem, só uns tantos «moradores» e tal ficarão militarizados com G-3: «boas mãos». Quem acredita que o perigo já passou? Só se for ingénuo. É ver os cuidados em não «beliscar» os Responsáveis. É ver a pressa — anormal — com que os páras — pobres carneiros! — abandonaram bases! É ver que os das dos Moradores não saíram à rua. Mas porquê? Só pode ser porque a central mandou parar.

Revue Française de Sociologie — Paris: Os operários e a Igreja Católica.

Como pode ser? Ser operário não é incompatível com ser católico? Eles dizem que sim: faltalhes a consciência (verdadeira) de classe. Santo Deus!

Há mais com interesse. Traduzimos os títulos.

Nota: Acerca do Bourbon Lindoso (Bourbon, reparemi!): uma vez que B. advoga «o Estado possui (quem lho deu?) o direito ilimitado... (que) o homem mede-se do trabalho (que pretoguês!) pela sua produtividade... que substi-

Colectivas de produção agrícola.

Claro que esta reforma em que o Estado apanha a terra que doutros era é coisa para durar dezenas de anos ou séculos e para já irreversível (não voltará atrás).

Não é contudo a última moda pois se não-de inventar outras. Desde 1834 que muita da nossa gente se apoderou do que fora das ordens como a de Vilar sem invocar o lema de «a terra a quem a trabalha». Vejam os senhores leitores o livro Barcelos. Aquém, do Dr. Teotónio, e digam-me onde param os casais que Manhente (convento) possuía por essas freguesias fora. Ou dos de Palme, ou do convento de Banho ou do da Varzea.

Impossível que numa aldeia to-

SOBRE O NATAL

HÁ uns 20 anos, quem no Minho tinha criados ficava sem eles de 23 a 26 de Dezembro. Porquê? Iam às casas de seus pais para a consoada. Elas até levavam das casas dos patrões cestos cheios. Ainda é assim?

Possivelmente apesar de já não andarmos à luz de archotes nem do petróleo nem do azeite ou sebo; apesar de podermos ouvir grandes palestras na rádio ou televisão; apesar de tudo, cada ano que vem trás um Natal mais desfigurado, mais oco, mais sem sentido. Em dia de finados já vi risotas no cemitério; em 8 de Dezembro, poucos deram à festa da Conceição algum sentido. Não admirará que também o Natal se transforme em dia de peru ou bacalhau, com doces e iguarias. E pouco mais. Quer dizer: tais festas vão perdendo significado.

Países há onde celebrar o Natal — por mais que a propaganda afirme o contrário — não se pode. Se calhar, é aí onde a festa adquire sentido: porque só aprecia a comida quem tem fome.

Observações

Algum leitor já perguntou a si mesmo porque é que o 1.º Natal o de Belém se verificou apenas há uns 2.000 anos? Parece que Deus não teve pressa nenhuma.

Já reparou que Deus perdeu tempo e trabalho? Mandou profetas ao povo que Ele escolheu e nada. Mas porquê escolher aquele povo — judeu — e não os Iberos (de cá) ou os Cartagineses ou Chineses?

(Cont. na página 4)



SOBRE

(Cont. da

E porque é que tantos povos ainda hoje não ouviram falar desse Menino? Dos que ouviram: porque é que até em livros escolares (livros únicos) de algumas nações se ensina que isso do Menino-Deus é lenda?

Nota: problemas destes não pertence serem estudados em livros de aritmética e semelhantes. Nos de história, não sei. Se temos historiadores a mais como dizem, algum nos responderá a essas questões.

Afinal, o problema é este: que ganha ou que perde quem, como tantos, põe o Menino, e a consciência atrás da porta? E indiferente, ou não é, seguir a doutrina que esse Jesus do Natal veio ensinar? Como nós não O vimos, nem ouvimos a falar, nem a curar doentes, etc., que meios temos para saber sequer que Ele existiu? Pela história do que já houve na tarefa? E vamos acreditar todas as histórias? Seja: como distinguir o que se diz — e é verdade — do que se nos diz e é mentira?

NATAL

página 1)

Ha-de haver aí alguém a botar sentença sobre estes assuntos. Atenção, portanto.

Discípulos e Mestres

Os leitores já viram, o que não sei é se repararam: homens e mulheres, moços e adultos, ao nosso lado, têm cada um seu deus. Para estes é Marx; para aqueles é Sade; para uns outros será Lenine, ou Mao ou Freud, ou Diderot. Há-os que seguem Lutero e outros que tais.

Uma só coisa eu observo: é que são coerentes, quero dizer, aderiram porque os conhecem e às suas obras. Copiam-nos no vestir, no viver, no falar e estudam-nos cada vez melhor. Será que aqueles que dizem seguir o Menino são exactamente os que não O copiam na vida, nem estudam as obras d'Ele? Se é, estamos como os Judeus: perdeu Deus o tempo connosco.

F. Almeida

O DIA A DIA

TM.9

9-11

O DIA A DIA

(Cont. na página 4)

V. 11 28.2.76

Barco parado há um ano

Uma empresa tem um barco novo destinado à pesca, baptizado com o nome de Santa Cruz. A «Comissão Administrativa» nomeada pelos do Governo resolveu mudar-lhe o nome para «25 DE ABRIL».

PELO

Dr. Francisco de Almeida

Surgiu uma dificuldade: já havia 1 barco com esse nome. Não faz mal: comprou o direito de usar tal nome.

O pior foi quando, ao gravar no barco o «25», surgirem os que nele haviam de trabalhar a dizer: — Vão pôr-lhe esse nome? Então, nós não embarcaremos nele.

— Porquê? — Porque o barco se destina a pescar nas águas do mar

do Sul e não estamos dispostos a apanhar um tiro!...

E lá voltou o barco ao nome de Santa Cruz! Entretanto, o barco está parado há 1 ano, nada rende, gasta-se e os salários pagam-se. Administração eficaz!

Vamos a voos

Já se começou a preparar os novos cadernos de recenseamento. Que se vai passar?

Primeiro, há quem não queira eleições porque são para eles «farsa». Farsa eleitoral. A coisa resolver-se-ia na ponta da espingarda e com dinheiro a rodos para comprar os que dão ao gatilho.

Que lição já tirou o povo das eleições de 1975? Que foi LEVADO com essa do socialismo, de que al-

(Cont. na página 4)

guém se atreveu a dizer: — só há um!

Que partidos temos nós? Talvez três: pelo diabo, por Deus e os Mouros. Não será por Deus um Suarista que vai a Roma abraçar aquela Passionária que dissera em 36 a um colega deputado: — vais morrer calçado! E morreu. Às mãos dos DEMOCRATAS dela, os roxos.

• 28.2.76

Vejam lá quantos jornais não há que, tal como outros órgãos, confundem os interesses deles com os do povo! Daí que só dêem certas informações.

Francisco de Almeida

D. Filipa de Lencastre contra o Aborto

Ter H.

Trata-se daquela rainha de Portugal que veio da Inglaterra casar com o osso D. João I há seiscientos anos

Aconteceu que, andando ela no fim da gravidez do 5.º filho, adoeceu de tal modo que os médicos acordaram que a única forma de salvar

a rainha era dar-lhe uma beberagem. Mas tal beberagem ia matar a criança.

Lê-se na Crónica de D. Fernando, o tal 5.º filho, edição do Prof. Dr. Mendes dos Remédios, ano de 1911, que o rei foi ao quarto de D. Filipa levando já a beberagem. Ali chegado, tentou convencer a mulher a tomar a droga.

Ela não foi nisso e disse ao rei que nunca fora assassina e não ia sê-lo agora, e logo de filho seu; que preferia morrer a tomar o que o rei trazia na mão. De resto, bem podia Deus salvá-la a ela e ao filho ou, ao menos, ao filho.

Com isso, o rei deitou aquilo fora. E nem ela morreu nem o filho. Este veio a ser o grande português que se chama Infante Santo.

AC. TORRES

Qual vai ser o Rito de Viana?

A nova diocese tem muitos homens de valor que até agora serviam em Braga; tem o túmulo de um santo arcebispo que foi Bartolomeu dos Mártires e seguiu até agora o rito bracarense. Que rito vai seguir desde agora que é diocese autónoma? O bracarense, o romano?

O falecido historiador, padre Miguel de Oliveira, no trabalho «Lenda e História» — 1964 — mostrou-se adversário do Rito Bracarense, acusando o nosso Monsenhor Ferreira de se ter enganado ao afirmar que o nosso rito continua o suévico. Engano só porque Pascoal II escrevera a S. Geraldo que os padres ordenados segundo as fórmulas de Braga estavam bem ordenados! O argumento não pariu conclusão contra Oliveira, e antes a favor de Ferreira? Onde é que isso prova que Braga abandonou o suevo — ou de S. Martinho — e

passou para o rito romano? Onde é que Toledo alguma vez foi sé metropolitana, como Oliveira afirma, logo em 675? Veja Lenda, pág.

(Continua na 3.ª pág.)

Qual vai ser o Rito de Viana?

(Continuação da 1.ª pág.)

186 e Diaz e Diaz em São Frutuoso de Braga. Metrópole das Hespanhas sempre foi Braga.

Não sei o que decidirão os Vianenses. Farão como os da diocese de Miranda (hoje Bragança) que logo no século XVI disseram adeus ao rito de seus pais para se abas-

tardarem com o romano? Lenda, pág. 193).

Que nos sabe dizer Afonso do Paço que aqui nos tem revelado temas do Alto Minho? Uma coisa é certa e é que devem ser as populações de Viana, também elas, a pronunciarem-se acerca do problema.

AC. TORRES

Direito do Trabalho e independência nacional

24.9 9-12
24.129-27.V.76

Em que consiste hoje ser nação independente? ou: até que ponto pode hoje uma nação dizer-se independente? Nação, Etnia, Estado, poder político, comunidade, tudo seriam noções a examinar e criticar por haver sobre cada termo as mais diversas concepções. Independente — dependente: são situações que a história relata. Hoje já não é verdade que cada um mande em sua casa.

Direito do Trabalho: do mundo dos que agem por conta, ao serviço, de outrem. Sabendo-se que em Portugal, já antes do 25 de Abril, mais de 80% dos Activos eram trabalhadores por conta de outrem (Estado

e particulares), temos um panorama perigoso: poucos os dadores de trabalho, muitos (4 em cada 5) a terem de obedecer. Isto tem de fazer com que, necessariamente, se dê uma mutação social. Foi o que o 25 de Abril em parte já causou e em parte é irreversível. Agora, pelo menos, já não é necessário que algum tio ou parente, tenha depósito de milhares para x ser administrador, advogado ou até empregado de um banco, duma Seguradora, etc. Teoricamente, não. Na prática, a posição prévia passou a ser outra: partidos, por exemplo. O que vai significar luta pelo lugar ainda mais renhida que dantes.

Há dois direitos do trabalho: o Nacional e o Internacional. Mas o Internacional usa dividir-se em Público e Privado. Exemplo: A é português, tem uma casa na Palestina, morre na Itália, deixou dois filhos e fez testamento doando 4/5 da casa a Z, sua mulher. Surgem milhentas questões: que tribunal vai tratar a questão (havendo litígio); que lei ou leis aplica: a portuguesa? A de Israel? Mas se Portugal e a Roménia convencionam fornecerem-

(Continua na 5.ª pag.)

A TORRES

que já não é a primeira vez... deremos a interna. Alguns dirão a independência internacional per- De outro modo... perda (quase) o outro: Cuba é uma amante cara. nos ajuda logo, mas como dizia Pedir aos amigos de leste? Dão- aparecemos a pedir pelos Europeus? vão caindo ao rio? Com que caras lho, se novos não há e dos velhos balhar? Onde os postos de traba- acabada? Poderemos ao menos tra- da herança (enquanto ela durar). E trabalharmos, comemos de vendas- cistas, apesar de fascistas...; não- lhões (mas deixaram-nos os tas- Somos herdeiro rico de 170 mi- tal Pedinte? maior dependente internacional que foram caros). Quere-se alguém, terá de mendigar auxílios (sempre Nesse dia, o governo, pelo Povo, republica. haver trigo nos celeiros da Faraona ser a fome pelo Nilo acima e sem não a galinha, sob pena de a seguir o leite; podem comer-se os ovos, micas: se comida a vaca, lá se foi- dades ou potencialidades econo- lectivos, passaram além das reali- Convenções, e até dos Acordos, co- Portarias (sobretudo), sejam das passarem as normas, sejam das que deixe de ser direito: quando interno do trabalho virá a ser tal Possivelmente o nosso direito do bem comum. às ordens dos partidos que não

cam a independência até interna: tanto que, para captar sorrisos, per- tecer que os governos se afoitem a feita para vacas gordas). Pode accon- ser erro aceitar tudo (porque ela é não. Em parte foi erro. Como pode exemplo, e o Salazar: dizia não e... resistir a aplicá-la? A URSS, por fazer recuar uma convenção, ou Mas quem tem poder capaz de igrejas.

capilaridade e até incitamento das nal), ao menos por imitação ou no Penal, no Político (Constitucio- também no de Família, no Fiscal, Não só no Direito do Trabalho:

ção, etc. da universalização, da uniformiza- parte. E uma das maiores causas comunicação: alguns outros, só em tre si (leis laborais) totalmente em- sos comunicantes: alguns estão en- dizer que os Países são como va- assinadas (ou a elas aderiu). Quer isso que, após o 25 de Abril, vá- lação interna (estadual). E é por de elaborar a correspondente legis- mal visto... Mas aderindo, têm que adiram (quem não aderir fica- venção. Conviés aos outros para Assinados uns tantos, nasceu con- nem.

que propõe aos Estados que assi-

pagas). Ela elabora logo um plano subídio para férias (além delas do país A que vem concedendo volta com invenções. Recebe dados Internac. do Trab.). Anda sempre a internacional designado OIT (Organiz. No trabalho: há o organismo in- bilicé (aspecto de soberania).

venção é direito inter-nações; pu- se sardinha contra carne, a con-

(Continuação da 1.ª pag.)

Direito do Trabalho e Independência Nacional

O 3.º grande — a China

Por N. de ELVAS

A coisa mais inglória é o estudo da política internacional: nada é fixo; tudo muda de segundo a segundo. Há anos os grandes eram a América, a URSS, a França, e a Inglaterra. A França e os da Ilha faliram. Em vez deles surgiu

a China. Só há 3 grandes. Há anos também, perguntava-se: em caso de conflito, a quem adere a China? À URSS? À América? Julgo a América caída, como estúpida que é. Idem,

(Continua na 5.ª página)

Os pactos são estes (podem ver o livro do missionário português «condenado à Morte»):—Em 1949, havia na china, 100 vezes mais gente que Portugal, 20 arcebispados, 85 bispados, 34 prefeituras (quase-bispados) 6.000 sacerdotes (metade chineses) e uns 44 milhões de católicos.

E depois? Veio Mao e os dele e quiseram que os bispos obedecessem ao Governo e não ao Papa. Como na URSS os ortodoxos fazem. Daí resultou: os bispos foram presos; padres foram «ajuramentados». Pequim que tinha 30 igrejas, tem 4 e só 1 padre alemão celebra ali missa. Os padres de lá nem ouviram falar de Vaticano II. Nacionalizaram os bens das dioceses (Moçambique não inventa nada nem Portugal). Talvez algum bispo tenha decidido apostar-se do Papa para não ser considerado espião. Viverão o melhor que podem e os cristãos sob os Árabes não tiveram outrora vida melhor. Lembram os Moçárabes.

Há núncio em Cuba (de mãos atadas), mas o da China foi expulso em 51. Criou-se uma igreja nacio-

nal e fez-se comícios para registar as adesões a ela, como com a igreja viva na URSS. O Governo conta acabar com o sentido religioso em 2 gerações. Por isso a Revolução Cultural atacou forte os católicos, protestantes, budistas e maometanos (de tudo lá há). Para uma igreja há 6 padres «mas estão de férias» disseram a um turista. Quem quiser baptizar-se, pede-o, tendo mais de 18 anos (quase como na URSS) e fica logo marcado: será segregado.

Para a Ásia, o panorama é: População: 2/3 da Humanidade, mas só 2.5% de católicos. Filipinas, 26 milhões (80%); Índia, 7 (6,8%); Vietnam do Sul, 15 (10%) e o do Norte, 2 (6,6%). Total: 43 milhões. Núncios na Formosa, Índia e Filipinas. Noutras ter-

pro-núncios e delegados apostólicos.

Em 1965, o Papa escreveu. Não teve resposta. Daí que Paulo tenha dito que só resta orar pelo povo chinês.

Ora parece claro — e diz-se aí — que Oteló é algo pró-chinês. Mas o Machel, seu conterrâneo, não o quer em Moçambique. Como permitiram os Portugueses que um do «Maputo» os governassem? Degeneraram. Ele faria ao Português o que Mao — esse tem olhinhos — fez aos Chineses.

Vejam agora o namoro da China à Europa: à Albânia (coitada da courela!), ao P. P. D., ao Fanfani, etc. Que é isto? Não é parva: no dia em que a Europa se desconjuntar de vez (é ver a Itália e os aviões russos sobre a porca da Dinamarca, amolecida pela escravidão do sexo),

O 3.º grande — a China

nesse dia, se a URSS poder — e a América não fizer ondas — (e como poderá fazê-las?) a China será ocupada. Daí o pavor da China e os alertas à Europa. Irá a tempo? N. de Elvas

COISAS DE LONGE E DE PERTO

Revista Paris-Match, Novembro de 76: entrevista com um rapaz, nascido francês filho de polaco e russa que foi com a mãe parar à Ucrânia. Não lhe respeitaram o passaporte francês: incorporado, vai parar à fronteira da China (6 meses neve e 6 meses chuva — como se diz com algum exagero).

PELO

Dr. Francisco de Almeida

Na tropa russa, quem roube o outro é executado pelos camaradas; só saíam de 6 em 6 meses durante 6 horas; nenhuma pequena ande a passear com soldado russo, a comida é paupérrima; um regimento revoltou-se e liquidou os oficiais; o Ocidente (nós) ainda não está maduro para ser conquistado, etc. etc.

Quem tem os pés na terra, juízo? Os Russos.

Na mesma revista e mês: entre 69 e 74, as violações de mulheres (França) aumentaram 60 por cen-

to. Não fui ver as estatísticas deste mal cá na terra, mas não devemos estar melhor. Aqui está: há divórcios, há toda essa libertinagem da juventude, todas essas facilidades e viola-se! E ousarão proclamar que não poucas adoram ser violadas.

Não vou meter os leitores em discussão sobre porque é ou não é assim. Mas direi — minha opinião — que, em grande parte a culpa é das mulheres (não digo das violadas, entenda-se).

Ainda Nov. /76: André Froissard, filho do secretário-geral do partido comunista francês em 1935, de ateu fez-se católico em 2 minutos. Paris-Match entrevista-o e diz ele: — o diabo existe, ele escreveu-me. A conversão deu-se já em 35, mas só agora se fala do homem — que o pai fez examinar por psiquiatras (tinha o convertido 20 anos) — por ter descrito as suas experiências em 2 livros que tiveram milhares de leitores. Títulos dos livros na nossa língua. DEUS EXISTE, EU ENCONTREI-O e Há outro Mundo.

Em Portugal não somos da tribo de ou de, somos portugueses. Todos e há mais de 1000 anos. Ora ainda há pouco havia no Vietname e países vizinhos diferenças racionais e tribus. Ora vejamos:

No livro ETNOLOGIA (Enciclopédia Meridiano Fischer), páginas 305 a 316, se descrevem essas tribus, a saber: os Moi no Vietname, Pnongue no Camboja e cá no Laos e ainda os célebres Kemers. E para falar dos Moi, grupo Radé: vivem ao longo dos rios e lagos, quase só cultivavam o arroz, dividiam-se em homens livres e escravos, mas quem manda é a mulher, têm sacerdotes pagãos, os filhos só herdam das mães (não dos pais), parem os filhos de cócoras, são adúlteras com frequência e o amante só tem de pagar um tanto pelo delíto, (outrora o marido podia matar o adúltero). Os enterros são coisa sagrada e não profana como agora entre nós.

Podem perguntar-me como foram estes selvagens inventar o carácter ilícito de ter amante, que o enterro é sagrado e o

por Francisco de Almeida

Muito disso está de facto errado, mesmo face à razão e à lei de Cristo que Portugal tem seguido. Onde eu pensar que isto do Socialismo e mesmo Comunismo no Vietname e China e outros é providencial: arrasar para levantar um homem novo, não o que Mao pretendia e de que o livro «Condado à Morte» fala, mas outro como a seguir às Catacumbas houve em Roma: leal, verdadeiro e honrado em vez de ditador, ladrão, mentiroso, hipócrita, libertino e assassino, que está a ser-nos o pão de cada dia.

Não me vão os leitores pensar que o povo Vietnamita e outros dali não tem muitas virtudes. Se calhar (o povo, não os governantes) são mais amigos de Deus que nós aqui. Só assim se compreende terem eles uma história com mais de 4000 anos (4 vezes a duração da nossa que vai em 1000 apenas).

Pronto: fico por aqui ao fazer desta.

Dr. Francisco de Almeida

Inicia hoje a sua colaboração em «Jornal de Barcelos» o Dr. Francisco de Almeida, meritíssimo Juiz de Tribunal do Trabalho, em Lisboa.

Os nossos dedicados leitores vão assim ter ensejo do apreço de artigos substanciais e de forma castigada e escoreita, com que «Jornal de Barcelos» muito se honrará.

Os nossos agradecimentos ao Dr. Francisco de Almeida pela atenção que teve a bondade de nos dispensar, ao serviço de Barcelos e em promoção da sua cultura.

Em torno da guerra no Vietname

COISAS DE LONGE E DE PERTO

CRONOLOGIA DOS JORNAIS DE BARCELOS

A partir da obra Imprensa Bracarense — de A. Lopes de Oliveira — escrevi apontamento sobre a sequência, através dos anos, dos jornais havidos em Barcelos, para ser publicado na revista de Braga Presença e Diálogo — do que aos interessados aqui dou notícia. Em resumo: houve aqui 59 títulos de jornais, a começar em 1851. Não foram os de Barcelos dos mais madrugadores em terem jornal.

Alguns títulos — bastante bem adaptados, mas nem por isso originais: Barcelense, Barqueiro do Cávado, Eco, Mercantil, J. do Povo (já do povo?), Jornal de Barcelos, Aurora do Cáv., Imparcial e outros como Lei e Ordem (é preciso ressuscitá-lo agora), Mosquito, Gaita, Seta, Lágrima, Deus e Pátria, Sardão. Mais idealistas: Radical, Justiça, Ação Social, Sempre Unidos (sindicalista), Verdade.

De alguns só se conhece o nome — tudo a traça levou, como levou os homens que neles lutaram.

Tenho para mim que vários deles mais não foram que folhetos mordazes em que uns quantos fulaninhos embigodados da «vila» se escovavam uns aos outros. Alguns tiveram — confissão deles — não mais

que 250 assinantes. Não podiam fermentar nem ensinar aldeias fora.

Cumpramos perguntar se não laboramos hoje em erros semelhantes. Ontem e hoje são uns carolas quem jornaliza. Até que ponto é ouvida a voz do jornal? Que ensina e a quem? Que divulga? Até onde penetra?

PELO

Dr. Francisco de Almeida

Publiquei uma pequena monografia de Galegos. Para que os de lá saibam remeti exemplares a diversas pessoas — que o povo não vai às livrarias. Resultou. Alguns já me pagaram, está a dar faísca — há pareceres pró e contra ela. Ora, como os de ontem, os nossos jornalistas raro vão às aldeias. Fazem mal.

Se dos jornais passássemos aos jornalistas de Barcelos, veríamos enorme galeria — por estudar: António R. F. B., José Osório, Baptista Lima, Humberto Faria, Calás, B. Torres, Garrido, Porfírio Santos, Mário Figueiredo, Reis Maia, Soucasaux, M. Boaventura, D. Guimarães, Eugénio de Castro, etc. Nem os nossos conhecemos, o que confrange.

Francisco de Almeida

Pelo Dr. Franc

Uma das fontes para monografias paroquiais será — pensei eu — constituída pelos jornais publicados em cada terra e fui procurar, pois desconheço monografia de Barcelos que nos dê o elenco dos que em Barcelos houve e publico o que recolhi por me parecer que poderá vir a ser útil aos investigadores da nossa terra.

Talvez a Biblioteca Municipal de Barcelos tenha esse trabalho feito. Oxalá. A Nacional de Lisboa não tem.

Segui a obra Jornalismo Português, de A. X. Silva Pereira que traz os jornais até 1889: 1.º por anos semessitos; 2.º por ordem alfabética. Este trabalho poderá ser ampliado com os nomes dos jornais publicados até 1915

Jornal: Acção Social (v. 1.º e 2.º)
disco de Almeida 79 80, 5.º).

3-40-345-15 Pg.

através da obra de Martinho da Fonseca «Aditamentos ao Dicionário Bibliográfico de Inocência...» de 1927.

Eis a lista dos publicados em Barcelos até 1889.

<u>Eco do Cávado</u>	cad. 31, 2
O Barqueiro	do Cávado 1853
O Barcelense	1859-1878
O Ecco de Barcelos	1860-62
O Mercantil	1862-64
Jornal do Povo	1864-66
Jornal de Barcelos	1866
O Imparcial	1867
Aurora do Cávado	1867-1889
Revista Bibliográfica e Filológica	1868
Lei e Ordem	1873
Folha da Manhã	1879
O Tirocinio	1882-89
O Minhoto	1882
O Mosquito	1883
Gazeta do Povo	1885
Revista do Minho	1885
A Ideia Nova	1885
A Nira	1885
Mocidade	1886
O Minho	1888
A Jornada	1889

É possível que algum me tenha escapado. Estes jornais não estão completos na B. Nacional de Lisboa. Os anos indicados são os do início da publicação e não sei para cada um o tempo que a publicação durou.

Francisco de Almeida

No Tribunal político de Moscovo

Q.V. 29/9/77 - (6)

Ali a polícia política das ruas chama-se *milícia popular* e reúne-se no Konsomol. Deve trazer bragaadeiras, mas se trouxesse reconheciam esses bufos pagos pelo tesouro.

Ninguém sabe que o julgamento vai ser daqui a 8 dias. Apresentam os réus ao camarada juiz e convocam os pais de cada réu. É por isso que a audiência é pública sem o ser. As vezes os amigos dos réus sabem e uma hora antes prantam-se no tribunal, o que irrita os milicianos. Mas ninguém entra na sala de audiências senão os réus, pais e milicianos à civil, a fazer de público. A polícia fardada diz que não conhece esses milicianos à civil, mas não lhes proíbe a entrada e proíbe a todos os outros, ao verdadeiro público, até correspondentes estrangeiros. A um até o prenderam e confiscaram uma fita referente ao edifício do tribunal. O público espera cá fora. As «vezes» o de dentro até na sala de audiências agrupa os réus e a um chamaram-lhe anti-Soviético, agarraram-no e trouxeram-no cá para fora, decerto para molharem a sopa. Sem o juiz dizer nada.

Não tome notas enquanto espera porque anda por ali um miliciano a fazer de verdadeiro público que aponta quem tira notas e só quer ouvir o que vocês falam. Não estranhe se dali a dias for chamado para «uma conversa» na K.G.B.. Vai-se saber por que foi ao tribunal, porque se interessa especialmente por estas questões de direito, quem eram os outros do verdadeiro público,

como é que soube da bem guardada rota da audiência.

E lá na K.G.B. há-de-se ver a passar alguns do público que pôde entrar na sala do tribunal — os milicianos.

É aquela testemunha que defendeu os réus, claro, não se há-de safar de ir lá conversar com os da K.G.B.

É disparate defender os réus porque a acusação até vai assinada por um marechal, além do capitão, juiz da instrução. Um marechal não se enquadra no que vai escrito na «acta de acusação».

Você só é julgado pelo juiz eleito, faz de conta, para inglês ver e é por isso que o fiscal (delegado) tentará enterrá-lo mais, o juiz também e o advogado, na mesma, senão é expulso do partido e perde o emprego. Não se lembra de que Bakunine o maior pesadelo que tinha era ser expulso como refere o Gulag?

Os réus escreveram cartazes e realçaram-nos nuns panos numa praça.

Pouca gente deu por isso, mas ai deles. Aqui onde a Constituição fala de liberdade de manifestar-se não cuidava decerto destes réus, só das do partido.

A mãe de um disse-se formada em Química — os pais estão ali como testemunhas, portanto, para depor mesmo contra a lei natural. E disse que tem dois filhos, que o cobarde do marido a abandonou e o filho — réu — foi criado sem pai. A mãe de outro diz-se actriz profissional, separada do marido, que já morreu, e o padrasto do réu era tão mau que ia às nuvens se a mãe desse um

prato de sopa ao réu, seu filho. Boa gente! E o filho, réu, apesar de ela não ser baptizada, nada ter contra a religião, se benzer antes de actuar como actriz e dizer-se supersticiosa, foi perto dos vintes antes baptizada por um amigo «e encontrou a paz».

Outra fala do réu seu filho, argutíssimo, admirador do jugoslavo Djilas, comunista, que escreveu os livros de Estaline e A Nova Classe — por desiludido. De facto o réu fotocopiou A Nova Classe. Ela e outros, muitos, sabem muito bem que os oposicionistas cravam com eles no manicómio, no S. João de Deus lá da terra porque ele combate demais as leis soviéticas chamando-lhes inconstitucionais. Não é só cá.

Os milicianos, alguns, dizem que levaram bragaadeira, mas ninguém as viu; que se perturbou a ordem pública, mas a testemunha contrariou que até uma mulher com um bebé ali, passou sem ser tocada. É verdade que um dos réus gritou Abaixo A Ditadura e outro tão insolente que se permitiu deitar um protesto para a acta e interpelar o juiz dizendo: — Já lhe disse que o senhor não tem o direito de me interromper.

Estes réus são impossíveis porque escrevem versos e poemas e críticas e apelos contra o partido dos trabalhadores e depois lá vem a BBC e a Voz da América e a Rádio-Alemanha transmitir isso tudo para dentro da

(Continua na 7.ª pág.)

No Tribunal político de Moscovo

(Continuação da 6.ª pág.)

URSS. E o apelo é ouvido. Pessoas na URSS respondem ao apelo desta forma: — Uma mulher soviética vulgar que conheceu a fome e o frio. E você

escreveu um libelo difamatório, e colocou-o nas mãos «suas» jornalistas para a voz da América. Outra: — Porco que perdeste todo o resto da consciência. Outro: — inválido II grupo da guerra nacional. Você ajuda a

cuspir no rosto de sua mãe, a pátria.

Ao contrário, escrevem-lhes: — o seu apelo foi difundido pela BBC e o mundo inteiro, suspenso, escutou-o. Você tem razão. Está-lhe falando um comunista, Você lançou um desafio ao novo fascismo, o qual em jeito de camaleão, tornou a nossa gloriosa cor

COISAS DE LONGE E DE PERTO

201.200.000.000
V. 11.9 J. X. 77

No Jornal Notícias de Famalicão, de 9-9-77, n.º 1312, sob o título Já Vaticano Terceiro?, o padre Nunabre dá notícia do que leu em La Croix de 18-8-77 e é o seguinte: na universidade católica de Notre Dame, estado de Indiana, E. U. A., reuniram-se 70 teólogos que por unanimidade propuseram (transcrevo): V. Red Hominis

«a). Reconhecimento da validade do ministério da igreja protestante;

b) redução dos poderes da Cúria romana; fixação de idade limite para o Papa; eleição dos bispos no e pelo local que lhes houver de ser destinado;

c) modificação da doutrina da infalibilidade pontifícia;

d) seja levantada a proibição contra os contraceptivos;

e) possibilidade de divorciados e recasados poderem comungar;

f) celibato livre;

g) mulheres admitidas ao sacerdócio.

Comentários

Sobre a alínea a): Leão XIII já em 1896, após estudos sérios, declarou nulas as ordens dos padres protestantes ingleses (Ver Montalban, História de la Iglesia Católica IV, p. 570).

Sobre b): a Santa Sé não tem poderes derivados do povo; isso é com o poder civil. E o bispo eleito para o Porto não mais podia de lá sair?

Sobre c): trata-se de um

dogma, impossível de modificar. Contrariá-lo implica ser hereje e desobedecer a Deus.

sobre d): Paulo VI já falou na Humanae Vitae. É temerário agir contra o ensino solene do Papa. Ela, padre

Sob e): para comungarem, converteram-se. Voltem então para a que, ante Deus, é sua mulher.

Sobre f): é questão a decidir pelo povo cristão. Eu oponho-me e sobre o assunto escrevi

PELO

Dr. Francisco de Almeida

o apontamento Então os Padres casam ou não? que remeti ao P.º Guimarães, director do Notícias de Famalicão dizendo-lhe que esperava tivesse a coragem de o publicar — já que publicou os comentários de Nunabre (infelizes).

Sobre g): nada tenho contra elas, nossas irmãs e mães, mas Roma já falou e disse não. É que não consta ter sido da vontade de Jesus Cristo que elas pudessem dizer missa, confessar, etc. E Cristo lá sabia porquê (eu desconfio por que terá sido).

Em resumo: estes 70 teólogos ensinam, parece-me, pela cabeça deles e não o que Deus mandou ensinar. Rejeito-os e estou com a Santa Sé porque só me interessa fazer — e se faça — a vontade de Deus.

É o essencial e é o que Pedro ensina.

Corrija isso, homem!

Num jornal de Famalicão, um Senhor Oliveira fez um apanhado dos jornais existentes neste nosso Minho. Muito útil e oportuno. Infelizmente só os viu por fora, quer dizer, se saem à semana ou ao mês, quantas páginas, quantas cores.

Pois que complete o trabalho vendo-os por dentro que aí é que vai a saúde ou o veneno — e os fundados depois da Revolução são veneno. Lopes Cardoso leu os todos ... para concluir, como con-

cluiu e disse, que só 1% não eram reaccionários. 5.2.78

O certo é que no Minho os jornais lêem-se pouco e assim, nada feito.

Senhor Oliveira: leve a questão até ao fundo e corrija isso. O Barcelense tem bem mais de 100 anos.

Há revistas em Braga que lho demonstram.

Ac. Torres

Correntes políticas na URSS

CV. 65X.27 - pg 2 e 4

Lê-se na revista «Political Science Quartely», fim de 76 e princípios de 77, n.º 4, que a América não está interessada em que o domínio soviético na Europa de Leste se desmorone pela razão de que, se não fossem dominados, países como a Roménia se desintegrariam devido às rivalidades nacionais dentro desses países.

Pior se daria então na própria URSS com o sério problema das nacionalidades — Tártaros, Mongóis, etc., como se pode ver em «Democracia Socialista» do soviético, dissidente, Roy Medvev.

Nesse livro de Medvev, traduzido em Português, Estúdios Cor, há dois capítulos que passamos a condensar e são «As Correntes Políticas no Interior do Partido (comunista)» e «As Correntes Políticas fora do Partido», págs. 67 e 93.

Notem os leitores que detesto os colaboradores, e parecem-me vários, que aqui falam de cor, os indocumentados. Notem ainda que Medvev é comunista.

Distingue ele, dentro do partido:

— Neo-Estalinistas, que lutam pela reabilitação do monstro Estaline, assassino de sessenta milhões de pessoas, o encenador como lhe chama o Gulag e dono da Nova Classe como lhe chamou o jugoslavo Diglas no livro «Estaline» que corre cá traduzido. Ex-seminarista ortodoxo, expulso, fez tais que a mulher dele se matou, nem a filha entendia, detestava um filho que tinha, etc. Por tudo foi desautorizado após a morte e parece, contudo que o Chico da CUF, como muito do povo russo, simpatizam com ele. São os empedernidos neo-estalinistas que temem perder os lugares.

Os Moderados que são menos violentos que os Neo e temem que novo Estaline surja no tablado soviético. Debatem entre os Neo e os seguem.

— Os Democratas do Partido, comunistas que entendem que nem os Neo nem os Moderados têm futuro já que as reformas de 1960 foram tais que se não pode voltar atrás e, todavia, não se desunem de todo no Estaline.

Como é evidente, dentro de cada uma das três correntes há sub-correntes, o que faz, que ao todo haja mais de 12 perspectivas para o futuro soviético.

Acontece que os Neo impuseram a invasão aos Checos em 68 e estão a dominar de novo em 1977.

E fora do partido há:

— Os Ocidentais — que admiram os de além do muro de Berlim, negam que Marx tivesse razão, sustentam que o capitalismo não cai nada e até consegue dar ao povo progresso enorme e bem-estar.

— Os Democratas — que devem ser comparados com os democratas do partido, mas são hostis ao partido, querem uma nação com lei de imprensa, liberdade de reunião, etc.

— Os Socialistas Éticos, desiludidos com Marx, a entender que sem ideais sérios, de verdade, justiça, etc., a Rússia cairá desfeita.

— Os Éticos Cristãos, para quem, sem Religião, nada se fará — e daí os nossos ataques aos Neo contra esta corrente como denuncia o caso do pastor baptista Vins como pode ver no livro «Nas

Prisões Comunistas» (Desmentido pela Novoski, que não tem foros de credibilidade) e o denotam também os relatos sobre Cristianismo na URSS em «Voz Portucalense».

— Os Constitucionalistas ou legalistas porque na URSS é de todos os dias ver a Constituição dizer branco e uma lei posterior dizer preto. Como dizem os do Machel: «a constituição não acreditam nela, isso é diplomacia como pode ver em «Cávado» de 3-2-77, sob o título «Eis o Moçambique de hoje».

— Os Extremistas como Gri-gorenko (general), considerado por Medvev anarquista (e não assim em «Rússia Contestatária»).

Cada um destes grupos tem sub-grupos, o que dará mais outra dúzia de atitudes, um espec-

(Continua na 4.ª pag.)

Correntes políticas na URSS

(Continuação da 2.ª pag.)

CV. 65X.27

tro enorme que a K.G.B. não deixa escrever senão livros manuscritos (olha os templos...).

E se considerarmos o aspecto moral lá do sítio, mesmo à falta de dados, a impressão aqui e acolá obtida é incível:

— Alcoolismo como nunca se

viu, prostituição como não era normal, corrupção que nem no tempo de César, homossexualismo que nem entre os árabes, e inveja, servilismo, sabujice, etc.

As sociedades podem viver sem Deus, podem. Pelos vistos, o sistema não resulta.

A. C. TORRES

Para a história social do Minho 488⁷²

21.9-21
O. Soc. 23/6/78

■ por Francisco de Almeida

Ao fazer a leitura que às vezes é bem difícil dos documentos do arquivo da minha aldeia, encontram-se algumas notícias das nossas gentes de há 200 e mais anos. Tais documentos bem mereciam ser publicados num volume especial porque podem arder ou perderem-se por outras vias e lá desaparecem preciosas informações. Mas por um lado nem tudo interessará; por outro são muitos e a escolha do melhor é difícil; pode haver erros na leitura e sobretudo a publicação fica cara, a aldeia despovoada, perdeu-se um tanto o amor à terra e a maré é austera.

Sugiro publique cada terra um documento seu por ano: isso é facilíssimo e em pequeno prazo estará tudo publicado. Ainda se gasta tanto queimado em foguetes! Voltemos ao assunto.

O documento de que vou falar é certidão das principais folhas de um processo que correu no tribunal da vila de Prado, ali perto de Braga e hoje aldeia de Vila Verde. Mesmo em letra miúda ela tem 30 folhas ou 60 páginas e trata do seguinte caso: em 1767 resolveu a aldeia refazer a igreja da terra. Uma confraria (Santíssimo) aproveitou de mandar fazer sua sacristia própria por 100

mil reis, no fim houve desentendimento e tribunal. Por partes.

Primeiro: nos séculos passados todos os anos ou com intervalo maior visitava cada aldeia um delegado da diocese ou do cabido, perfeita inspecção. Na freguesia havia um livro onde ele escrevia ou mandava isto e aquilo (capítulos) por exemplo, que reformassem este caminho ou aquela parede da igreja. Em Galegos, Barcelos, mandara reformar a Igreja (já não cabiam lá).

Segundo: custou alguns anos que os fregueses se decidissem à reforma mandada embora por 1750 corresse cá muito ouro do Brasil. Por fim lá se decidiram e em 1767 havia uma lista de 63 casas que se tinham comprometido a arcar com as despesas das obras. Falta encontrar essa lista.

Terceiro: perto da aldeia (na vizinha e célebre Manhente — couto) havia notário. O grupo dos concertados chamaram esse

notário e fizeram perante ele a seguinte escritura: a) que estava em 1 livro a descrição das obras a fazer na igreja (caderno de encargos de que não tenho rastos); b) que o grupo nomeava sua beca (cabeça, procurador) um tal Custódio Francisco lá da terra para em nome deles comprar, vender, dar recibos, pagar salários, etc. do que tudo daria contas; c) todos ficavam obrigados a entregar ao procurador suas entradas, fazer transportes de pedras, madeiras, entulhos e quem faltasse sofreria a pena de 200 reis cada vez pela boca do juiz de confraria isenta, a do Subsino e mais obrigados ainda a obedecer ao procurador.

Para não alongar, concluo já:

1.º Não é de agora que o povo se ajusta para tratar de coisa que é de todos.

2.º A cautela obrigavam-se perante o notário (o diabo tece-as) e já foram só 30.

3.º Um deles nomearam-nos eles próprios (eleito) chefe-perfeito e verdadeiro Contrato Social.

4.º Dão-lhe o direito de sobre eles todos mandar e sob pena de multa.

5.º Mas o julgador é outro que não o ofendido.

Isto demonstra que eram já muito experientes e sensatos.

COISAS

ODA a gente ouviu falar dos enormes incêndios havidos no último Verão. Autênticos desastres. São intuitivas as causas deles, não falando já dos casos de fogo posto.

A este respeito, contaram-me na Beira Alta que um fulano, empregado de Beltrano, deu 100\$00 a um garoto para lançar fogo em certa mata, e assim obrigar os lavradores a vender os pinheiros baratos. O crime não conseguiu provar-se, mas não repugna ser o facto verdadeiro.

Apona o preâmbulo do Dec.-Lei 488/70, de 21/10/70, as causas dos incêndios, mas não fala no perigo que as resinagens são para um pinhal, sobretudo quando se deixam, junto às matas tambores cheios de resina.

É de estarrecer o observar-se tanto e tanto pinhal queimado!

Vejam-se algumas punições: — Nas zonas proibidas, fazer lume ou fogo, ir sequer à mata, lançar balões, foguetes — 1 a 2 meses de cadeia e multa de 1 a 10 contos.

— Lançar cigarros (ou semelhante), 500 a 2.500\$00 de multa, etc.

Se alguém, ao ajudar a extinguir fogos, se ferir ou morrer terá indemnizações como em acidentes de trabalho (Lei 1942).

O decreto foi nesta parte mal redigido, porque há nova Lei de acidentes desde 1965 e a lei velha (1942) é muito esganada em benefícios dos trabalhadores. Devia remeter apenas para as leis que vigorassem quanto a acidentes de trabalho.

Francisco de Almeida

PERTO

15. Fev. Dr. Francisco de Almeida

Dr. Francisco de Almeida

«A Voz do Minho» Dr. Luis Francisco de Almeida a quem tivemos o prazer de cumprimentar nesta cidade.

Que as prosperidades que lhe desejamos sejam, extensivas aos seus familiares.

Regressou já a Lisboa depois de, acompanhado por sua Ex.ª Esposa e filhos, ter estado em gozo de férias na terra da sua naturalidade, o nosso estimado Amigo e Ilustre colaborador

Novo livro — Duas palavras

por Francisco de Almeida

Car. Sem. 28/7/78

A Livraria Cruz, de Braga, pôs à venda a Vida de São Frutuoso, antigo arcebispo minhoto, numa tradução, já de 78, do Dr. José Cardoso do liceu de Braga.

Parabéns à livraria: mostra amor à cultura e às gentes minhotas. Não tinha nada que juntar ali a carta do Papa ao arcebispo Profuturo (de há 1400 anos).

Ainda não conferi bem, mas parece-me que o Dr. Cardoso nem sempre atingiu com rigor o sentido do texto latino.

E' exagero que o prefaciador Pina fale ali tanto de São Valério, nada menos que 5 páginas.

Julga bem A. Pina ao sustentar que é «necessário... traduzir... os textos... como são as obras de Paulo Osório, de Idácio» (pág. 6).

Agora um reparo muito sério: quem autorizou a livraria

a dizer que a Vida foi escrita por São Valério? Atrevida, depois do que sobre o tema disse Diaz e Diaz de Compostela. Pina fala de cor quando sustenta que «não houve refundição de pagamentos...» (pg. 7), Pina atacou injustificadamente a região minhota a quem os Modernos conferem a honra de ter escrito a Vida de São Frutuoso. Claro que os nossos eram já então (há 1300 anos) cultos. Isso bastava para a Cruz ter evitado a casca de laranja em que se estatelou.

por este tom.

Fragoso, simpática e importante aldeia do concelho de Barcelos, está na proximidade da estrada, que de Barcelos leva a Viana do Castelo.

As pessoas de bom gosto e apreciadoras das manifestações populares, poderão voltar a Fragoso, no Domingo seguinte, 27 de Maio, dia da importante festa da Senhora do Livramento, uma das mais interessantes tradições barcelenses, com expressão local anterior à nacionalidade.

Alex. Herc. in Mon. e Mem. (C. de Conto) - 1979

Os Republicanos, as Crianças e Fátima

por Francisco de Almeida

Handwritten

TINHA alinhado umas frases sobre o Ano Internacional da Criança mas resolvi rasgar o papel e alinhar outras sobre as crianças envolvidas no caso «Fátima», 7 anos após se implantar a República, 1917.

Ort todos sabem que o regime de então se proclamava pelo menos sem religião: nem nas escolas nem nas repartições nem nas festas públicas podia haver o que quer que fosse que lembrasse o sobrenatural — separação da Igreja como então se dizia. Deste modo, o caso Fátima tinha de ser um quebra-cabeças para os governantes de então. Desconheço quem fosse o correligionário que representava então a República no concelho a que Fátima pertence, seja, em Vila Nova de Ourem, mas pô-tou-se à altura do que as leis da República mandavam: detectar os agentes da fraude que supunham.

C. Sem. 13/7/79

Vem isto a propósito de uma curiosa publicação, revista na forma, que conta o caso Fátima em Banda

existe o mausoléu do conde de Caminha, salvo erro, mas nada vi — nem procurei — de alusivo aos pequenos de Fátima e o certo é que também me não consta que quem vai a Fátima procure saber onde é Ourém e onde ficam a cadeia que guardou os 3 pastores ou a casa do dito administrador republicano de 1917.

Ora o administrador republicano merece uma monografia biográfica se a não tem já — dir-mo-ão os historiadores da República. Porque se atreveu a enganar 3 miúdos de 10, 9 e 7 anos; porque se atreveu a interrogá-los — o que era lícito — mas com ameaças como a de os cozer em azite; porque se atreveu a pressionar 3 serranos sem de nada livrar os competentes autos ou actas.

E porquê? Porque na cabecinha dele, a Mãe d' Deus aparecer ali era de todo impossível. Honra lhe seja, todavia, porque não constasse posto as mãos nos gaitos. Estatelou-se: porque não conseguiu que qualquer das gaitas nem o ra-

pazito se desdissesse e antes: que não podiam retirar o que tinham dito, mesmo perante as ameaças do azite a ferver. E o administrador foi-se e Fátima continua.

O caso devia ter feito aos Republicanos, e a nós, ver: 1.º) que as crianças às vezes mentem, mas nunca sem algo supra humano e mantêm fimes perante uma caldeira aonde vão lançá-las; 2.º) que estupidamente pretendemos que as crianças sejam cópias de nós, velhos, antes que elas sejam elas; 3.º) que perante os casos difíceis, os que se mostram mais estúpidos são exactamente os intelectuais cheios de vento, menos amigos da verdade que os «frutos».

Denhadi, por sinal ao preço da chuva — 20\$00. Só sei que é editada por Editorial Campo Verde, executada na Damaia (Lisboa), distribuída pela Agência P. de Revistas e foi autorizada pelo Prelado de Leiria. Pelo menos utiliza os meios modernos, a moda das histórias aos quadrinhos, como o Brasil, Inglaterra e América usam e ao que me consta, também a URSS.

Eu já estive em Ourém, tanto no castelo como na velha igreja onde

Vol. 9 - T4

Algumas considerações sobre a rejeição de um pároco

ev. 21/III/78

Não estranhem os leitores que aborde esse tema: ele existe e mais vale tratá-lo que esquecê-lo. Porquê? Nada resolve fingir que se desconhece. O caso veio relatado no jornal de Ponte — diocese de Viana, Cardeal Saraiva, de 1-12-78, correspondência da freguesia de Gemieira. É assim: a Gemieira andava anexa a Gandra cujo pároco por ser doente ficou só com Gandra.

A Gemieira entregou-a o Prelado de Viana aos cuidados do prior de Beiral do Lima que já tinha anexa outra, Gondufe.

Alguns da Gemieira quiseram ter como prior seu um franciscano de lá, que aceitava. O Prelado disse não. Aí, começaram a pensar que se lhes impunha pároco (ditadura, etc.), e rejeitaram ter o de Beiral por pároco. Um vizinho recusou fazer um baptismo, outro foi-lhes dizendo que já não era tempo de escolher prior. Conclui o correspondente: — se não o é de escolher, também não o é de aceitar o imposto (latiniza: ubi eadem ratio, idem jus) e aconselha que não deixe a Gemieira de comer e espere até «quando eles se decidirem» (o Clero).

Pergunta-se: quais e quantos da Gemieira se consideram em ditadura? A maioria? Se o não é, quem o ditador? Também rejeitam os professores que os governos nomeiam para lhes ensinar os

filhos. Claro que não. E já não é ditadura? Hedionda e hipócrita contradição!

Certo que ao professor paga o Estado e ao pároco, eles próprios. Que escolham. Mas o pároco não é funcionário, é ministro de Deus. Ao rejeitar o nomeado, já rejeitam Deus? Para quê então a fachada da alegada imposição?

O caso era até há pouco inédito. Estamos perante uma mutação sociológica seja ela profunda e consciente ou só de alguns caciques. Onde páram os cristãos a sério da Gemieira? É que na URSS nem o governo se permitiria recusar o pároco que o Patriarca Pimen nomeasse (opõe-se, estorva, etc., mas antes de ser nomeado). Na Inglaterra de 1600, padres e bispos ou se exilavam ou eram condenados à morte (mas o povo queria-os).

A que luxo se dão os da Gemieira e outras! Decididamente que o nosso povo ou está a ser manipulado e é ignorante e covarde ou não está e é o cúmulo da ignorância e orgulho. Ou então materializou-se de todo. Vai haver mais gestos destes porque o movimento está em marcha e pega-se.

A Gemieira usou sua liberdade: também Eva e Adão usaram mas custou-lhes e a nós muito caro. Onde estão e como atalhar as perversas causas destes disparates?

Acácio Torres

21

não sabe? Se sabe patrocina mensagens falsas? Bad. 25.5.79/49

É-me indiferente aqui se o filme é contra alguém — Deus, a Santa Sé ou os católicos de Portugal: só cuido de saber se diz a verdade ou mente. Como é que pode então vir Sousa Dias, homem da verdade e da justiça, apoiar, quem mente ou ao menos obra mentirosa? E não se trata de um misticismo, não senhor, e tão só de honestidade que é um valor em todo o Mundo e sempre o foi e há-de ser.

Claro que me pode perguntar o que seja ser honesto, caso em que o remeterei para Pilatos a querer saber o que era a verdade. Mas a época dos diletantes sofistas já passou, como um cultor de Feurbach bem sabe.

Concluo então que Sousa Dias ignorava que os textos-base de Macedo eram apócrifos? Longe de mim atribuir-lhe tal ignorância. Que ele vem sustentar que a Constituição dá direitos à mentira e falsidade para invocar protecção policial do Estado? — Absurdo pensá-lo em um atilado jurista. Que se serviu da voz (jornal) católico de Torres para por meio dela a apontar? — É difícil imaginá-lo. Que advoga que os católicos devem pagar a faca com que os anti-católicos os querem estripar? — Não, pelo menos ele.

Então o artigo de Sousa Dias, ao contrário do filme de fim inconfessável, é apenas um desabafo infeliz. Mas nem por isso se deve sem mais deixar que transite em julgado e por mim não transitará.

FRANCISCO DE ALMEIDA

As divagações do Dr. Sousa Dias

T.M.

Na página 8 do «Badaladas» do dia 20 de Abril passado saíram duas gloriosas colunas subordinadas aos temas: «segredos, bilhetes, capacete e acaso». Mas não é por acaso que o nosso caudilho copia Reich e O Jornal, Feurbach e Samuel Beckett para nos dar uma prosa sem princípio nem fim, e toda meios ou cópia. E, contudo, o artigo subjacente (imaneente é disparate), como referido da Constituição, uma certa orientação filosófica — oposta à de Kant ou idealista, donde os leitores já podem extrair qual filosofia é a do artigo.

Ora eu suponho que o «Badaladas» é de filosofia cristã e a ser assim, a militância materialista do artigo é uma atitude como a do cuco: servir-se do ninho dos outros para chocar os ovos do cuco. Admito que a conclusão seja mais extensa que as premissas, mas se assim for, o dr. Sousa Dias no-lo provará em artigo menos esotérico que aquele de 20 de Abril, a que ninguém respondeu

decerto por se cuidar que era exercício de estilo. Mas não era, não senhor.

Em resumo temos — e se resumo mal, Sousa Dias corrigir-me-á — que António foi ver dois filmes: Jesus de Nazaré e o Horas de Maria. Só que para este pretendia equipar-se de capacete por causa dos putos cristãos, que ameaçaram varrer tudo a pau.

Aí Sousa Dias compara Macedo: que se fale e manifeste contra a fita, vá lá; boicotar à força, não. O melhor é permitir-se que sigam os dois: por Deus e contra-Deus.

Aqui é que surge o dilema: quando se sabe que um livro ou um discurso ou um depoimento ou um quadro ou filme são falsos, mentem descaradamente, ainda assim a mentira tem direito a exigir protecção policial e subsídio pago também pelos crentes? É que há séculos se sabe que a mensagem que o Filme corporiza é falsa, tardia, de autor desconhecido. Ou Macedo é tão ignorante que não sabia disso? E Sousa Dias, sabe ou

In Badaladas
[T. Vedras]

Uma Diocese para Torres Vedras

É da história do Cristianismo em Portugal — que tem roupagens muito nossas e ainda bem mal estudada — que outrora eram os reis quem pediam a Roma um bispado aqui e outro mais além. A maturidade da nossa gente dispensa tutores

e consente que seja ela própria a sentir as necessidades e a formulá-las, com a autonomia que o Concílio Vaticano II lhe reconheceu.

É vasta a zona do Oeste, bem povoada e distante do seu Patriarcado, em Lisboa. Já não basta haver Bispos auxiliares no Patriarcado, que só Lisboa dá que fazer. O bispo deve estar no meio da sua gente, e a do Oeste aumentou muito.

Precisa o Oeste de Bispo próprio como o têm Setúbal e Santarém. E nenhuma povoação é mais indicada para sede do novo bispado que Torres Vedras.

Há-de haver algumas dificuldades a vencer, mas nenhuma insuperável. O povo do Oeste merece essa autonomia. As dioceses são para bem servir os povos, e as gentes daqui são de espírito aberto.

Surja então a diocese de Torres Vedras.

PEDRO AFONSO

O REVOLUCIONÁRIO FERNANDES

Documentos para a História

DES TOMÁS e Barcelos tória de Barcelos

Ja escrevi noutro sitio transcrições de uma Bula Apostolica de 1820 referentes a Galegos e Quirás.

Nesse tempo, uma Bula fazia as vezes de uma sentença estrangeira de agora: não pode correr em Portugal sem que um Tribunal de Relação a confirme. Confirmar uma Bula chamava-se dar-lhe o Beneplácito Real. Ora foi isto que o Desembargador do amoso Sinédrio, Fernandes Tomás, interveio, conforme o texto que segue.

TEXTO

«Lisboa dez de Janeiro de mil oitocentos e vinte e um... segundo assim se continha e declarava em a dita Bulla que depois do que havia e mostrava a Petição e Beneplacito Regio do teor seguinte: — Senhor, diz António José de Macedo iniciado em prima Tonca do Arcebispado de Braga que mediante a licença Regia que Vossa Magestade foi servido conceder obteve da Sé Apostolica a Bulla junta de Pensão da quantia de cento e dez mil reis que sobre os frutos da Igreja Abadia de Santa Maria de Galegos e sua anexa Salvador de Quirás impoz a seu favor o actual Abbade o Reverendo João de Macedo com a obrigação de dar da referida pensão annualmente a quantia de secenta mil reis a Dona Maria Jozê de Magalhães Pimentel da cidade de Braga e para que a Referida Bulla possa ter Sua execução, Pede a Vossa Magestade o Seu Regio Beneplacito e Receberá Mercê.

A Junta Provisional do Governo Supremo do Reino concede o Rial Beneplacito para que se possa executar a Bulla Junta da Pensão de cento e dez mil Reis

(pode vê-lo na minha Galegos) era imposta... para o que precedeu a um previdentíssimo administra-competente Licença. Palácio do

Francisco de Almeida

O Revolucionário Fernandes Tomás e Barcelos

Continuação da primeira página

Governo em dez de Janeiro de mil oitocentos e vinte e um, Manuel Fernandes Thomás».

Notas

1.) Aquele senhor que escreveu na Voz do Minho (meados de Maio) a dizer que Freire de Andrade foi injustamente chamado jacobino (e cita o Sarg. Mor de Vilar) esqueceu--ou não sabe--que ele era grão-mestre da Maçonaria daquele tempo.

2.ª) Galegos possui vários Acórdãos da Relação do Porto assinados em nome de D. Isabel, Infanta—Regente--isso pouco antes do Fernandes Tomás.

3.ª) Não chego a perceber as razões por que se deu a pensão supra. Quem veio a ser a tal Dona Magalhães Pimentel?

4.ª) Já por 1700 havia Magalhães proprietário em Galegos.

5.ª) Como Quirás passou em 41 de Galegos para Roriz, que destino tiveram as terras do seus passais e as Pensões supra?

6.ª) Seja como for, o Abade de Galegos, supra, João de Macedo (pode vê-lo na minha Galegos) era imposta... para o que precedeu a um previdentíssimo administra-competente Licença. Palácio do

Algumas notas sobre a monografia de Valpaços

Dei comigo um dia destes a ver livros em Lisboa e até comprei logo a Monografia de Valpaços. São 200, baratíssima, bom papel, quase 700 páginas de saber, muitas fotografias, capa de luxo, obra saída em 78, do notário, Dr. A. Veloso Martins, que decerto gastou nela mais do que muitos ganham num ano e mais de 20 anos de trabalho. Bela obra! Honra ao homem e a Valpaços.

Valpaços! Vale de quê? Terra escondida, serrana, em que passei uma vez ido de Barca d'Alva, fica perto de Chaves, a sudeste. Recordem Camilo e os lobos da Samartã que não andam longe de Valpaços.

Primeiro, trata da Vila e depois, coisas das freguesias sem ser uma por uma.

Defende o Autor esta curiosa tese no prefácio: que não tarda aí o tempo em que os cidadãos de hoje regressem às vilas do interior.

Porquê? Porque a cidade do litoral (Porto, Aveiro, Lisboa, etc) já

se torna horrível para viver: não se tem casa, mas tem-se fumo, ar viciado, água poluída, bichas nos transportes, distâncias enormes até aos empregos, burocracias.

Ora no interior, como Valpaços, cada um é mais senhor de si, de melhor saúde, de melhor tempera, menos cobarde e também tem andar e casa de banho e água nas torneiras e luz eléctrica e rádio e televisão e frigorífico e casa que é vivenda que não caixote. Que falta então à vila para se viver melhor que no Porto ou Lisboa.

E se os governos fizerem mais vilas (rede mais densa) e pagarem melhor aos que de fora vão lá trabalhar, como devem pagar, se atraírem assim para lá médicos e outros que tais, então quem não irá preferir a vila ao grande Porto e à babilónica Lisboa?

Ora aí fica a tese à discussão, que é muito sugestiva e cheia de esperanças.

J. Barc - 29/3/79.

(Segue na 4.ª pág.)

Algumas notas sobre a monografia de Valpaços

(Vem da 1.ª página)

No fim do volume há um dicionário de termos regionais curiosíssimos e do maior interesse para os nossos (povos) filólogos, sobretudo para o Boletim de Língua Portuguesa — que também sofreu rombo com o 25 de Abril.

Traz na página 428 mais de 100 ditados sobre juizes, advogados, demandas e tal. Ai Deus! Que maus olhos têm os de Valpaços para o Rei (hoje deputados) que legisla, para os juizes e para os causídicos!

Na próxima direi mais.

Francisco de Almeida

v. vol 7 e 8

fula

Em torno da nova guerra no Vietname

(4) por Francisco de Almeida

DIGO nova porque além daquelas que a longa história do Vietname relata, ainda há pouco acabou aquela mortífera com a América. E antes desta, a chamada guerra da Indochina em que a América sacançou a França vindo depois a sofrer o mesmo desaire,

Sabemos que Portugal vem de Portus Cale, mas deixa aos de lá saber o que significa Viet Name e viet cong. Segundo os etnólogos as línguas desta região tem parencas não só com as de velhos povos da URSS mas também com as de outros povos. Não admira porque o Português se parece um tanto com o Roménio e ficamos bem longe da Roménia. O mais curioso não é tanto a fala mas a escrita. A este respeito já os antigos se admiravam a ponto de na vida do Santo Xavier, que falei, se dizer que o Santo ouvira do seu primeiro cristão japonês replicar-lhe que escrever as letras umas por debaixo das outras e não umas a seguir às outras (nós da esquerda para a direita e outros da direita para a esquerda) até tinha a sua lógica pois condizia com o corpo humano: em cima está a mente (cabeça) e ao fundo, os pés que tocam a terra. E ninguém sabe a razão de as escritas, até elas, serem assim tão diferentes. Vemos as coisas e à custa de ver nem estranhámos. Por exemplo: já

C. Barc - 30/3/79

repararam que enquanto a árvore não tiver folhas não medra. Logo, não cresce nada durante o inverno. Assim parece. Sabem porque é que não medra sem ter folhas? Não podemos pretender saber os porquês de tudo, mas lá que a escrita destas gentes é esquisita é um facto.

Falei atrás da guerra com a América que até em Portugal causou polémicas já que uns eram pró-URSS e outros pró-América. O nosso Governo tem de ser prudente porque já temos relações diplomáticas com a china e cada parte tentará que Portugal esteja do seu lado. Vendeu-se cá em 68 o livro Bombas sobre Hanoi (a capital do então Vietname do Norte), livro de imensa propaganda pró-Vietname. Mesmo assim, dá nos uma ideia do esforço tremendo que os vietnamitas tinham de fazer para resistir ao colossal poder americano. Diziam então os chefes (comunistas) que preparavam o povo para o pior que

v. 9-14

acontecer pudesse, que não tinham pressa em sacudir os Americanos de lá, mas estes lhes bombardeavam até as escolas, obrigavam a que até as mulheres do Vietname tivessem de andar na guerrilha, etc, e todavia, a cabeça do povo havia de vencer os calculadores electrónicos: a paz era difícil mas havia de chegar. Nesse livro se dá notícia de que também no Vietname o governo incutia nas mulheres a ideia de não terem filhos por aí além (eram as enfermeiras a explicar).

A respeito da paz, desta vez é capaz de ser diferente porque a China conhece as manhas e o terreno no Vietname e ninguém nos é mais perigoso que o vizinho «de ao pé da porta». A China não é a América e quanto ao número de filhos, o que causa pasmo é que a Alemanha comunista dê um prémio que corresponde a 27 contos por cada filho que uma mulher tenha. Quer dizer: na Alemanha Federal os que nascem são bem menos do que os que morrem (logo, daqui a 15 anos, dizem, quase não terá gente) e então sozrá a hora de a de Leste ocupar a de Oeste. Alguém tem dúvidas? Se não há soldados!...

Uma coisa é certa: como dizia um bispo japonês, não foi no

Em torno da nova guerra no Vietname

(Continuação da 1.ª página)

tivas e por outras razões e prova-se que são eficazes. Vamos ver que na Pérsia (Irão) caiu o Xá e ficou o Spínola lá da terra e a seguir cai o Spínola. Em que vai dar o Irão? A China acusa que nas mãos da URSS e daí as cautelas da China tanto mais que o Afeganistão já a URSS o papou. *e. Ser 30/3/79*

Moral da história: as nossas indústrias cairão por terra quando a URSS quiser já que tomado o Irão, em menos de uma madrugada ela engole as Arábias dos petróleos. Começemos pois a criar de novo machos, burros e cavalos para transportes. Mais vale prevenir que remediar (sobretudo a nós Portugueses que só sabemos improvisar; tanto que na guerra de Angola logo improvisámos um «camuflado» à portuguesa!).

Falei atrás de um bispo do Japão que é uma terra em que poucos cristãos há e todavia no ano de 78, um em cada 10 japoneses comprou uma Bíblia. Isto não é espantoso comparado com o analfabetismo bíblico cá em Portugal? Ora também na China e Vietname há bispos

católicos. Os da China proibiu-lhes o governo contactar com a Santa Sé, mas os Chins são bem menos estúpidos que os das estepes da Ásia. Um turista foi à China e viu uma igreja aberta sem sinais de uso e perguntou pelo pároco. Resposta do guia: — tem 6 padres ao serviço dela mas estão todos de férias! Antes de Mao (1959) já os bispos na China eram quase 200.

No Vietname do Sul os governantes não eram comunistas e em 20 milhões, 2 ou 10% eram católicos desde há séculos. O Norte, mesmo comunista (agora todo o Vietname o governam os comunistas pró URSS), continuou a ter bispos e párocos que vinham do tempo em que foi colónia francesa, embora se saiba pouco que liberdade gozam lá os crentes.

E' bom salientar que mesmo um governo comunista não pode alterar as crenças sem as pessoas quererem porque as almas não se veem

e só Deus, não os polícias, as podem governar. Quem sabe se a guerra não é mal para maior bem do Vietname e China?
Vou terminar porque o papel me acaba e também para não ser indigesto.

MORTOS QUE AINDA ENSINAM

A história das Ciências mostra quantas labaredas se atearam, desde tempos antigos, na seara dos homens: um que dizia, ter cada coisa duas verdades, isto é, poder ser ao mesmo tempo falsa para um e verdadeira para outro; outro a dizer que a bala nunca atinge a lebre, pelo que só nos parece que atinge, mas é ilusão, e por aí fora. Engalfinharam-se e disputaram como fez o nosso quinhentista António de Gouveia com um tal Ramos, na França — porque já naquele tempo havia português a leccionar lá fora. Os brasileiros apagam-se e a cinza são os escritos de que a traga não deu cabo.

Desde há uns anos que em Portugal as tais cinzas estão a reacender-se. Porque é que será? Falo do que toca à Filosofia. E vai para aí um seu número de posições: este admite e afirma que há gente noutras mundos, mas nega a pé junto que existe Deus; aquele afirma Deus (como 94 por cento dos Americanos e talvez mais ainda Russos), embora na prática não pense n'Ele.

Por aqui se estreitam os campos sem remédio e por isso falam, falam, cada grupo no seu poleiro: um na Revista de

PELO
Dr. Francisco de Almeida

E guerreiam-se, escondem, distorcem, dizem a conta-gotas, etc. Os prudentes desconfiam e reservam-se o direito de duvidar de tudo e todos, sem fanatismos que isso foi aqui há 400 s.

E de pasmar saber-se quantos e quantos livros escreveram os portugueses sobre coisa filosófica. E de bradar aos Céus que só em Portugal se iam desconhecidos. E ver um famoso Orósio aqui de Braga: os Alemães traduziram-no e os Ingleses e os Franceses e os Italianos. Mas nós, não! As obras do Martinho de Dumevieram da América estudá-las. Nós, pouco.

Francisco de A.

Algumas notas sobre a monografia de Valpaços (2)

J. Barc. 5/4/79

Não sei se a Câmara de Valpaços deu ajuda para esta Monografia como a deram Viana e Barcelos para a de O Rio Neiva saída também em 78. Ia havendo polémica porque alguém a descreveu, mas os autores deram cavaco sobre o caso.

O Autor da de Valpaços refere os livros que leu, os jornais (e aqui rendo-lhe homenagem) que folheou e todavia deixa-nos sem saber o que recolheu de outros autores pois raras citações têm. Não esqueceu acórdãos da Câmara nem os arquivos paroquiais e logo eu concluí: Temos homem. E temos porque a Monografia é melhor que boa. Que a não esqueçam os nossos monografistas e já que muitos estão a surgir.

Porque aparecem tantas monografias agora que os catedráticos, os mais deles marxistas, lêem Camões, e até os Evangelhos, de pernas para o ar?

Olha o que a bruxa de Valpaços reza sobre um coxo fazendo cruzeiros: — Jesus, nome de Jesus / E a Virgem Maria / fogarrão, fogo, monte-sino / Toupa, toupão / Salamaganta, salamagantão, etc. (pg. 378). É bruxa e basta!

Sobre o tema Etnografia, fala das festas de Valpaços: Senhora da Saúde, Santo António, etc. e diz (pg. 318) que com algumas alocias se foram rondas de bombos, pandeiros, ferrinhos em que rapa-

zes e moças cantas loas ao Menino Jesus como aquela Ó Infante Suavíssimo / Vinde, vinde já ao mundo,— loa que Júlio Dinis acolheu na Morgadinha e se cantava no Minho nas novenas ao Menino. Isto levanta um problema: Veio de Valpaços para o Minho ou foi de onde para o Minho e Valpaços? Desde quando existe esta bela quadra ao Menino? Silêncio dos sábios!

Outra questão: por que razão se tinha em Valpaços tanto apreço pelo sacerdote que se canta nos Réis esta quadra: Esta casa é m-u-m mum alta / Casa dum grande senhor / Deus lhe dê um filho padre / Que seja, nosso Prior ou estontra: Viva o senhor desta casa / Quando põe o seu capóte / No mei da sua sala / Inté parece um sacerdote.

Acontece que viva lá senhor António / onde põe o seu chapéu / / No meio da sua sala / Parece um anjo do Céu — é quadra que se ouve na zona de Barcelos. Como assim tal coincidência? Quem foi o poeta? Só resta saber se a música (melodia) também coincide no Minho e Trás-os-Montes. Ele há coisas!

O Autor fala de Deus que nem teólogo e morde padres e bispos (alguns) que nem morcego (pg. 338 e 339). E ele conhece Valpaços porque nasceu lá e lá vive. Adiante.

Francisco de Almeida

UMA POETISA MINHOTA

■ por Francisco de Almeida

NÃO são muitos os poetas de saias que tivemos em Portugal. Por isso mesmo, obriga a justiça a que, quando uma mulher fala como esta, afrouxemos o passo para ouvir a mensagem dela. Com maior razão ainda quando é minhota como nós. *C. Sá - 11/5/79*

Vou dizer-lhes o que se passa porque a não conheço em pessoa. Por razões casuais, soube que mantém no jornal *O Povo do Lima* uma Página feminina de que me fez chegar dois números com o livro de que é autora, *Coração Que Sofre...* Nem o conhecia nem gosto de poesia. Por isso o dei a ler a uma recém-casada e porque ela me devolveu tecendo-lhe os maiores elogios, fui vê-lo.

Se eu fora crítico literário, iria autopsiá-lo. Porque não sou, direi só umas palavras.

Estranho que não seja mais conhecido, apesar de não falar em m... como as pretensões actuais exigem; que se não fale dele, apesar de não ensinar a revolta nem o desespero como hoje se usa; que só tenham curso os supostos versos das lésbicas que aí deambulam e dos seus contrários como o Ary dos Santos e outros libertos.

Laurinda Araújo é uma poetisa diferente: fala de dentro, com o coração aos pulos, sem

distâncias entre o coração e os lábios, rotundamente sincera, musicalmente sonora, galhardamente rítmica. Usa as palavras do dia a dia nas ruas de Braga, na aldeia de S. Julião de Freixo e nas avenidas da Póvoa e por isso todos a entendem quando diz que namoro foi o dela com o marido que perdeu em 1970, quando relata, deixando pressentir, o que é ser feliz, com treze filhos, ao lado dum jovem Manuel que a morte lhe arrebatou, quando demonstra a tese antiga de que homem e mulher, casados, passam a ser um só sangue a semear raízes de novas vidas, que vão já em vinte e quatro netos.

Não perpassa ali ideologia mas aflora o trabalho, o amor, o sorriso, a camaradagem, a solidariedade de dois seres tornados um e que a morte de novo rachou em dois.

Esta mulher aparece inspirada como um Cântico dos Cânticos e expõe em bocadinhos quanto o Mestre de todos ensinou. Como foi possível criar-se uma mulher tão grande e tão forte e tão artista e tão cheia do Espírito e não ter eu dado por ela? Convido os leitores a que leiam *Coração que sofre...* Mais: o discutam e contraponham ao deletério que aí corre.

Memórias de uma mulher sábia

Por sinal viveu aqui em Braga onde trabalhou e criou os filhos. Nome dela: D. Laurinda Carvalho Araújo, professora. Autora de obras diversas, publicou agora *Conversas íntimas com os jovens* que bem se pode dizer algo das memórias da Autora. Não escreveu naquele Português castiço e

castigado mas o povo vai entendê-la como ninguém. Não se preocupou em escalonar o escrito por temas que poderiam ser: Nora e Sogra, Marido e Mulher, Namoro enganador, Ladrões de Marido alheio, mulheres de gancho e divórcio, a casada porcalhuda, marido e concubina, a traída que se vinga com um amante, pais e filhos e outros assim. Porque não sistema-

tizou, acontece-lhe de se repetir. Mas a simplicidade, a humildade e o falar só com a experiência dela nas unhas fazem aquilo ser um escrito saboroso e autorizado. Mais: é inédito entre nós porque nossas damas, que muito sabem — e de boa doutrina — não usam deitar cá para fora suas ideias. *CV. 1/XI/79*

— Fim dela: propor às raparigas e outras mulheres alguns problemas que assaltam as casas e propor que soluções hão-de dar-lhes se querem ser felizes como sonharam ao casar.

A. TORRES

Satoko — uma Santa Japonesa

Como se porventura Portugal, que é para uns quantos apenas «este país» e com letra pequena, não tivesse relações com o Japão, o filme exemplaríssimo da jovem Satoko ainda cá não chegou — tal é a nossa imbecilidade. Kitahara Satoko nasceu em 1929 em Tóquio, filha de um professor universitário que na guerra de 39-45 foi mobilizado. Pelos 20 anos já universitária e com experiência e trabalho numa fábrica, começou a pensar

na grandeza de alma de umas freiras espanholas que sem azedume continuaram no Japão após a guerra e apesar da dura perseguição que suportaram até 45. Por isso convenceu os pais a que a filha mais nova, irmã de Satoko, fizesse a primária na escola dessas religiosas.

Porquê foi nascer nela esta simpatia e não em outras? Porquê foi reparar na imagem da Virgem a sorrir da igreja das freiras que por acaso visitou? Converteu-se ao Cristianismo e de tal modo

que, apaixonada pelo valeroso exemplo de amor aos pobres do polaco leigo, Padre Zeno, deixou tudo para viver com os pobres desalojados da Aldeia das Formigas, um bairro de Tóquio. Ali viveu 8 anos e entre eles morreu este «padre-mulher» como lhe chamavam.

Se há cristianismo, esse é o que a esforçada Satoko praticou e o mais são lérias. Mas leiam o livro *Satoko* que vale a pena.

Ac. Torres

v. 1.º edição - Cad. XI.

Novas Monografias regionais

■ por Francisco de Almeida

PASSA SE qualquer coisa para estarem a aparecer tantas monografias. Eis as de que tenho noticia: de C. Sar. 18/5/79

— Valpaços, escrita pelo notário, Dr. A. Veloso Martins, com 660 páginas, luxuosa, impressa no Centro Gráfico de Famalicão, ano de 1978. Boa bibliografia, mas falta-lhe o exame dos documentos dos Arquivos Paroquiais. O autor gastou de certo mais de 20 anos a recolher tantos versos, rifões, etc., que o povo de Valpaços usa. Sobre a mulher traz: Mulher arrenegada — Pior que víbora assenhada, Mulher sem vergonha — Pior que peçonha. Dai-me acautelada — Da-vos-ei na guardada, etc., página 441. Custa 200\$00 mas vale o dinheiro.

Balugães

Freguesia aqui a sul de Freixo, já no concelho de Barcelos. E' referida no livro de 1978, do Dr. Paulo Figueiras (Tribunal do Trabalho do Porto) e outros, O Rio Neiva. No jornal de Barcelos, A Voz do Minho, vem escrevendo a Monografia de Balugães o sr. Dídimo Mesquita que é também o autor da Monografia de Forjães (Espomense) — 1972.

O Rio Neiva

Já a referi. Traz referências a freguesias de Ponte como Anais, Calvelo, V. das Almas e Sandiães, marginais do Neiva. Fala também de Sandiães, Cabacos, Freixo, e outras de Ponte. Em Vilar das Almas ainda há bruxedos como me contava há tempos uma natural de lá que casou para Barcelos?

Vila Cova

Do concelho de Barcelos, a Ponte da cidade, anda a escrever-lhe a monografia o Dr. Silvestre Matos da Costa e tem sido publicada no jornal de Vi-

la Cova, esquerdista mas curioso, chamado A. Guarita.

São Vitor (Braga)

Foi publicada no jornal da Arquidiccese, Diário do Minho e agora reunida em volume a história e feitos, resumidos, desta freguesia da cidade de Braga, a mais oriental da cidade, quase freguesia de bairro pobre.

Joane — Famalicão

Também desta freguesia, aquela que há tempos andou nas bocas do mundo por causa da sua Igreja de estilo românico que foi pena deitar abaixo, saiu em 78 uma monografia escrita pelo erudito e já falecido escritor, Padre Benjamim Salgado, editada pela Câmara de Famalicão.

Galegos — Barcelos

Esta escrevia-a eu em 76, tem só 32 páginas muito condensadas que resumem o que consegui ver nos arquivos paroquiais, arquivos estes que, ao que leio, o sr. arcebispo-bispo de Viana mandou inventariar e estudar no que à nova diocese toca. O'ptimo: que sem eles, não se pode escrever história capaz de qualquer freguesia.

Ucha — Barcelos e Cervães (V. Verde)

Saíram a 2.ª em 77 e a 1.ª em 78, esta do pároco, Padre Hélio, muito jeitosa. Vai publicar este ano a da terra donde é natural (250 páginas) — Pousa (Barcelos). E das de Ponte, como vamos?

Notícias breves

Dr. Francisco de Almeida

Foi colocado como Juiz auxiliar do Tribunal do Trabalho de Lisboa o Sr. Dr. Francisco de Almeida, que, até agora, o era de Torres Vedras.

Jornalista vigoroso, jurista con-

sumado, investigador profundo, em suma, inteligência poliforme, o ilustre magistrado subiu por mérito próprio a um lugar muito difícil, onde, estamos certos, cumprirá exemplarmente.

D. Modesto Rodrigues Figueiredo

Sobre a visita do Papa à Polónia

(Continuação da pág 1)

bispados de Cracóvia, Breslau e outros. Em 1079, o santo bispo de Cracóvia, Estanislau, morreu, vítima de Boleslau II.... Ora aí está porque é que os Polacos celebram este ano o 9.º centenário de S. Estanislau. Bure. 2/6/79

Tomaram-no como seu padreiro. Mas o centenário já foi no dia 7 de Maio. Era em Maio que João Paulo II e os Polacos queriam que o Papa fosse à Polónia, mas o Governo, Comunista, teve receios Polónia e Portugal — A nossa história teve 3 acideus: tempo de Nun'Álvares, de Camões e D. Manuel II (1910). Conquistamos terras mar-alm e os Polacos chegaram a ser donos da Ucrânia (sul da URSS). A vida da nação polaca foi muito mais difícil que a de Portugal porque de um lado tinha o urso das estepes (russos) e do outro, os temerosos saxões e para mais, eles quase todos católicos, no meio dos ortodoxos a les-te e protestantes a sul e oeste, ago-

ra todos sob o domínio da foice e martelo.

DA VISITA DO PAPA — Visita uma terra onde os padrões andam de batina e as freiras de hábito, ainda... os progressistas são os de cá. Uma terra onde ser cristão custa os olhos da cara, ser sãneado, perseguido, não promovido, etc. Uma terra onde os governos marcam actividades escolares exactamente para as horas a que as crianças deviam ter catequese (cá já se faz como há dias noticiou um jornal de Famalicão).

Uma velhota diz-me que o Papa é Comunista! E agora vejam como o Espírito Santo sabe escolher: por que um Papa de cá nem saberia que S. Estanislau existira e que soubesse, nunca seria autorizado a passar a Cortina de Ferro. O facto de o Papa ser polaco causa muitas dores de cabeça aos comunistas que lá governam, democraticamente apoiados pela KGB e as metralhadoras.

25/29

À memória de Antero de Faria — farmacêutico e escritor

É minha convicção que no ano 2050 já não há-de haver jornais concelhios, porque tudo se vai concentrar nos do distrito: grandes, bem colaborados, com cartas opiniosas de leitores de todo o lado, até porque a carta para o jornal não vai precisar de selo por ser de interesse público publicar e ouvir todas as opiniões. Portanto é bom que de um homem de farmácia agora falecido em Barcelos com 89 anos se digam duas palavras neste jornal central.

Era na Rua Direita a farmácia dele. Da multidão de barcelenses das 89 freguesias não havia ninguém que dele não ouvisse falar: sempre afável, carinhoso, prestimoso, quase o único médico dos pobres.

Fundou jornais, escreveu neles, preparou dois filhos — engenheiro de petróleos e um juiz. Foi um homem e tombou cheio de méritos, porquanto mais que de política cuidou de fazer o bem.

Entre o mais, deixou um livrinho-

guia, de nome Franqueira, com edições em 47 e 56. Ali deixou patenteado quanto e qual o seu amor à Terra, aos córregos, à paisagem de Portugal, à nossa História e aos Monumentos.

Porque a Franqueira são vários monumentos juntos: um Castro e um Castelo e um Santuário Mariano e um Convento que ele descreveu singelamente e com mestria. Se mais não houvera, isto lhe perpetuaria a memória quando aos políticos todos esqueceu.

Disse ele que o livrinho eram só «breves nótulas destinadas a serem lidas de um fôlego pelo turista que à Franqueira pretende dirigir-se».

É modéstia dele. Estampou ali a lindíssima imagem da Virgem da Franqueira que já mereceu honras no «Santuário Mariano» de Frei Santa Maria e na Revista «Brótéria» pelo jesuita Costa Lima. Ali também um texto do arcebispo Azevedo e Moura e de Pio IX. Ali quanto os arqueólogos do Grupo Alcaides de Faria descobriram no Castro e a classificação de moedas por Batalha Reis. Ali a evocação

do casal eremita dos anos de 1400, Vicente e Catarina, vindos do Porto, bem como a dos monges claudrais e depois os seráficos com destaque para o construtor Frei Domingos de Barcelos. Ali no que deu o defensor do castelo de Faria em 1373 que depois renunciou para se fazer humilde pároco da aldeia vizinha, Gonçalo Nunes, bem como a amostra do que eram marcos divisórios da Casa de Bragança a quem pertenceram as terras e cerca da Casa de Deus que os frades ali ergueram, qual Falperra em Braga. Ali honrada vem a memória de um Luís de

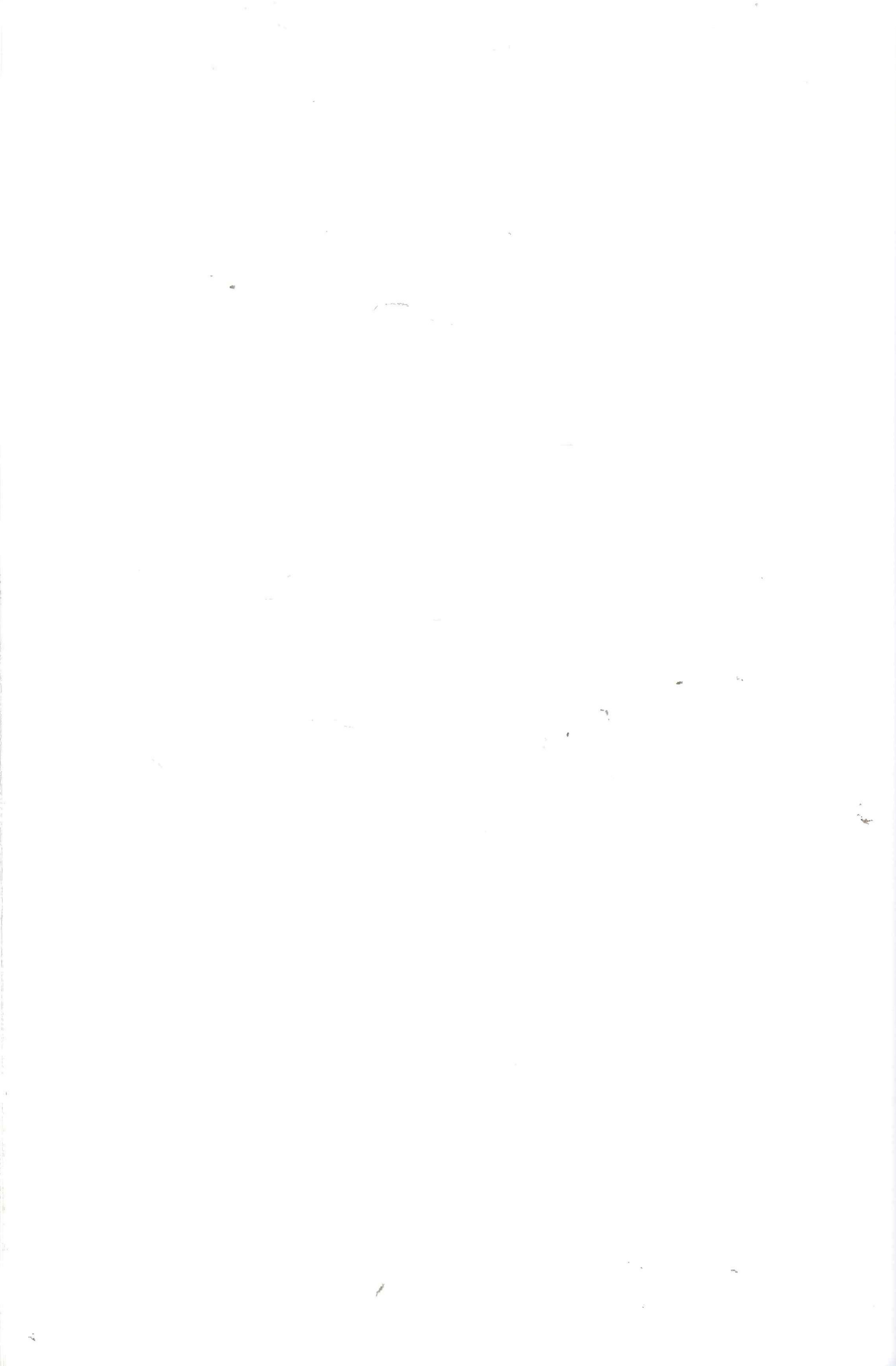
Penha da freguesia de Milhazes, que em 1929 — meio século, fez levantar grande e bela coluna com a imagem da Senhora lá no alto.

Porque nós temos o Sameiro e o Bom Jesus e a Falperra e a Santa Luzia mas também temos a Franqueira e a Aparecida e Rates aqui para os lados de Barcelos. Mas sem Antero de Faria, a Franqueira havia de ser mais um dos locais cujos monumentos e paisagens e história pátria poucos ou nenhuns saberiam ler e ver, quer dizer, seriam inúteis.

Honra pois à memória de Antero de Faria e a quantos na esteira dele sirvam os pobres e a sua terra.

Do Porto no dia 14 de Maio

Acácio Torres



SOBRE A VISITA DO PAPA À POLÓNIA

ONDE FICA — Para que os leitores possam orientar-se, direi que a Polónia fica entre o Norte e Nascente de Portugal e para lá chegar por terra, linha recta, temos de atravessar a Espanha, França, Alemanha, Polónia. Os vizinhos dela são a Nascente — a URSS, a Sul — a Checoslováquia, a Poente — Alemanha de Leste e a Norte — Mar Báltico.

PELO

Dr. Francisco de Almeida

COMO É — Um grande rio — o Vístula — que corre para norte, norte que é quase plano, enquanto o sul é montanhoso (Cárpatos e Galícia). Muito quente no Verão e muito fria no Inverno, pântanos e aréias no norte (florestas, pastos, batata e árvores como o pinheiro, a faia e o carvalho a sul onde há minas de carvão e zinco. Alguns petróleo.

CRACÓVIA — é nesta cidade que fica a sede do arcebispo de Cracóvia (como Braga) donde Karol Voytila transitou para bispo de Roma (papa). É de Roma que agora, mudado o nome para João Paulo II, volta à Polónia e Cracóvia para festejar os 900 anos da morte do bispo de Cracóvia, S. Estanislau.

O CRISTIANISMO NA POLÓNIA — só perto do ano 1000 é que foram cristianizadas a Holanda, a Alemanha do norte (Saxónia), a Dinamarca, Suécia, Noruega, Finlândia, Hungria, Bulgária, Rússia e Polónia.

Desta, uma história universal da Igreja Católica diz assim: «Polónia — a semente cristã entrou na Polónia no tempo do casamento seu dque Miecislavo I (964-992) com a filha de Boleslau I da Boémia, Dombrowska, já cristã. Em 966, o próprio duque recebeu o baptismo e principiou-se a evangelização dos seus territórios. Boleslau I, de acordo com o imperador Otão I, fundou o arcebis-pado de Gessen que abrangia os

(Continua na pág. 4)

Psicologia da Mulher

I

Havia em Barcelos um rapaz que se interessava pelo tema psicologia da mulher. Quase, porém, perdeu o interesse ao ver que um dos nossos médicos, o Dr. Mário Queirós, era opositor desse interesse.

II

A 1.ª vez que ouvi falar contra o proceder das senhoras foi aqui há 15 anos: uma aluna em Barcelos dizia-me que gostava mais dos professores que das professoras porque elas eram vingativas, davam notas injustas por vontade, etc.. Ao contrário dos professores—homens. Tendências inconscientes?

III

Vai senão quando, oiço hoje

uma dizer: — não tenho marido' não, porque mo roubaram; é injusta a reforma de 2.750\$00 a mim que fiz descontos quando outros a têm sem nada terem descontado. Ao que um cavalheiro ao lado respondeu: — minha senhora, não diga mal das pessoas do seu sexo! Mas ela: — digo, porque é a verdade: são umas víboras umas para as outras.

IV

D. Zaida, perguntei eu a uma senhora amiga: concorda em que as mulheres são mutuamente víboras? Confirmou: «lamento dizê-lo, mas é a verdade».

— E continuou a desfiar a demonstração: que se não fosse a sogra de mau génio que teve, ca-

(Continua na página 4)

Psicologia da Mulher

Continuação da página 1)

tólica de mau cristianismo por falta de caridade, não teria sofrido tanto; que sendo chefe de serviços, bem sabe quanto sofreu ao darem-lhe um adjunto—moça em vez de adjunto—rapaz; que sabe de mulheres tão sem vergonha que roubaram os maridos às próprias irmãs; que os homens guardem segredos mas elas, se lhes pedirem segredo, ainda vão mais depressa telefonar às amigas a revelá-lo.

Quer dizer, então, que se ela foi feita da costela, o foi da pior das costelas!

— Mas não tenha dúvidas que da pior das costelas, disse bem.

Nem todas são assim tão mazinhas e sendo-o é só de umas para as outras, o que não deixa de ser «muito péssimo» na frase de um pretensioso letrado.

Francisco de Almeida

Amostras da experiência moçambicana

Moçambique vive como em regime de guerra. Tudo fecha às 10,30 horas da noite e é proibido andar de noite. Nas estradas há controle de duzentos em duzentos quilómetros que até são assinalados com antecedência: — Atenção, controle a trezentos metros. Se não parar, é metralhado. Nem pode fugir ao controle, mesmo nas picadas do interior porque as utilizáveis estão cortadas. **CU 13-9-79**

O material de transportes é bom, ou porque lá o deixámos ou porque já veio, novo, da Alemanha de Leste. Falta quem saiba utilizá-lo.

Há aviões, muitos, a um canto, dos que lá deixámos. Estão sabotados ou falta quem os tripule. Contudo há transporte em avião,

uma vez por semana desde Maputo até ao Norte (Beira e Cabora Bassa). Acontece, porém, que se não pode ir daqui até ali sem guia de marcha (é o passaporte interno como na U.R.S.S.).

O pior de tudo é a falta de géneros, sejam de alimentação sejam de vestuário. É difícilimo arranjar-se um quilo de carne. Não há leite senão em pó. O natural é só para os hospitais. Para tudo há bichas, desde as três da manhã.

Ninguém pode cultivar terrenos porque todos são do Estado. Aqueles que já tinham algum terreno se podem continuar a cultivá-lo. Só que na colheita, chega lá a administração e leva-lha quase toda deixando um recibo de dívida. Pagam a um preço tal que no ano seguinte aquele já não cultiva outra vez salvo na mata, às escondidas: uns grãos de milho, de feijão ou

uns pés de mandioca. Cultivam, sim, as machambas colectivas em que tudo é dividido por todos, mas o Estado leva dois terços do que a terra deu.

Um caso houve em que da produção de dez toneladas de milho, o Estado levou nove e deixou só uma para os mil e tal cultivadores do Kolkoze.

Dinheiro nas mãos do povo há. Alguns até depositam cada mês algumas economias nos bancos, que ainda funcionam. É por isso que metem a mão ao bolso e tiram notas de quinhentos escudos para pagar um galão de leite em pó ou um ou dois bolos que ainda se encontram, o bolo de arroz e o pastel de nata. **CU 13-9-79**

Têm dinheiro, mas andam rotos por falta de tecidos que possam comprar. — A. T.

(Continua)

COISAS DE LONGE E DE PERTO

No novo Regulamento das Casas do Povo, constante do Decreto-Lei n.º 445/70, de 23/9/70, entre outras coisas, vêm-se alteradas as quotas a pagar.

Assim temos o artigo 7.º:

«1 — Os sócios efectivos (jornaleiros e equiparados)... pagarão a quota mensal de 20\$00, se forem do sexo masculino e de 12\$50, se forem do sexo feminino», quantias dos quais diz o artigo 8.º.

«...serão consignadas ao fundo de previdência as importâncias de 15\$00 e de 7\$50...».

Em vez de 20\$00 e 12\$50, poder-se-á pagar apenas 5\$00, em certos casos, o que terá de ser requerido pelos interessados (artigo 9.º).

Por sua vez, os sócios contribuintes pagarão as quotas do artigo 13.º:

«... por cada mês, as quotas mínimas de 2 ou 3 por mil do rendimento colectável...»

Na nossa região são 3 por 1.000, do rendimento colectável dos prédios rústicos abrangidos por uma Casa do Povo, sendo o resultado arredondado para escudos.

Deve notar-se que, em geral, se terá de ir pagar à Casa do Povo (não é assim tão difícil) e que as quotas de Dezembro, por exemplo, devem ser pagas até 31 de Janeiro seguinte. Nos outros meses, a regra é a mesma.

Francisco de Almeida

Em torno de 4 anos de Revolução

74.9 9-31

Quebraram-se os diques e tudo começou a abanar, a encharcar-se, muita coisa ruiu. Porque, não indo tão longe quanto uns desejaram, foi mais além do que os lunáticos supuseram. Claro que o Marcelo deu luz verde à Revolução. Pelo menos ninguém me convence do contrário. Por isso, talvez, o Dr. Falcão Machado o picou tão a fundo na Voz do Minho logo a seguir ao 25 de Abril.

— porque muito ruiu, falou-se em Cenas Imorais no Liceu de Leiria e de Professores que aconselhavam a desobedecer aos pais. Houve reprovados no 7.º Ano admitidos e leccionar o 7.º, perguntavam-se os pais a que professores tinham de confiar os filhos, forjou-se aquela coisa linda da Universidade Aberta, petizes do liceu de Évora puseram-se nos piquetes e ficaram grávidas, mais de uma dúzia delas descobriu-se, só então, que o trabalho doméstico tinha valor e não era pago..., puseram a Mulher Trabalhadora a reivindicar, com gritos e ameaças, Elina Guimarães descobriu que a 3 ou 4 mulheres republicanas da 1.ª República deram agora, nomes de ruas — a Cabete e a Castro Osório. 8.XI.74-7.3.74

Quanto os de ontem fizeram tinha de ruir, por exemplo o lema Deus, Pátria, Família — o 1.º porque como em 1910 são ateus, o 2.º porque agora Portugal é só «este país» — letra pequena e o 3.º porque, Marx o disse, é instituição burguesa. Alguns se alarmavam já com aquela deseducação e uma professora primária declarava que o ensino era tal que se podia ter a 4.ª sem saber ler nem escrever.

Os do MUTI com o frade Luís de França puseram-se a demonstrar no Teatro que pouco separava ateus e católicos, deram em esticar a crista dos Cristãos pelo Socialismo — que Rádio Vaticano disse serem ateus disfarçados, queixavam-se de que Rádio Renascença não alinhava com a Revolução, criou-se um tacho para umas da Condição Feminina. Almeida Santos virou teólogo, abriram os teatros aos travesti, Luís Filipe Costa, fanhoso, leva as abortistas à televisão, o Estado abusa do Planeamento Familiar, Galvão de Melo lê Carta na Televisão mas expulsam-no da

Junta Salvadora.

Há mais: para bispo da Guiné escolheu-se um italiano e não português, são 2 bispos asiáticos — e não portugueses — quem sagrou o novo bispo de Macau. O Papa recomenda coragem aos nossos bispos — que muita tiveram e seja exemplo o Cardeal de Lisboa que o povo cristão da cidade livrou de ser lançado como o fora outro 600 anos atrás. Ele é Vieira do Minho cujo jornal do arcepreste é louvado por ateus, ele foram as vindas cá de chefes religiosos soviéticos — uns pobres desgraçados que se falam claro, comem... Até se viram jornais afectos aos comunistas a darem-nos estatísticas de coisas religiosas lá da Soviética. Recordam-se do comunista Eduardo Lourenço a escrever «O Waterloo da Igreja Portuguesa», citando V. Soloviev a pensar numa igreja nacional, de Portugal, de modo soviético ou laicista?

Foi no D. de Notícias logo a 1-7-74.

Ao mesmo tempo empolaram o Padre Ângelo que abandonaram logo que o arcebispo morreu. Que é do homem de Curvos? Louvaram-se uns por certo padre fazer «esclarecimento» à estação da missa, enquanto outros fugiam de tal pá-

roco. Uns da Sertã queriam festa à Senhora mas nada de abade lá e daí Portalegre proibir se celebrasse lá a missa sequer. Em Braga foi o que se sabe: denunciaram ao Irmão Francisco Maria problemas, que ele não sabia, logo em 13-8-74.

Para além de tudo isto, não vejo que o Presidente Eanes tenha conseguido cumprir a palavra — e um militar nunca mente — de fazer julgar os seveciadores. A herança de ouro de pesado se fez leve com desgate anual de mais de 100 milhões de contos. Quanto deveremos aos estranhas daqui por 10 anos?

Temos uma famosa Constituição que até recolhe regras da Declaração dos Direitos do Homem. Enquanto o povo a não alterar, tem de ser cumprida porque é a lei.

Pelo que antecede vêm-se umas pinceladas do que foi o panorama até agora. Os programas dos partidos não se cumpriram. Todos

queriam o bem do povo e ele sentese afinal cavalo de montar que muito o tem sido. 8.XI.74

Mas esta experiência, para muitos mortal, outros, traumatizante e ainda outros, prelúdio de vitória, ensinou mais que quanto palavrório aí correu. Ponto que dos factos se saiba tirar como da panela o naco succulento da correcta lição sobre o passado e o ensinamento para os anos que hão-de vir. É que, queiram ou não, isto continua.

Francisco de Almeida

ALGUMAS CURIOSIDADES DO QUE VAI PELO MUNDO

pelo Dr. Francisco de Almeida

Não costumam os senhores leitores ter aqui notícias de além fronteiras e menos do que toca aos cristãos de outras terras. Não é por Barcelos não ter franciscanos, espiritanos e outros que sabem da matéria.

Vamos às notícias.

COREIA DO SUL — É um país que fica próximo da China, muito

loso. nem se confessam nem são escru- e meter tudo nos eixos. Que eles e Lenine para purgar essa escória gente vê que não há como Marx pessoas e dos governos toda a tras de bondades e maldades das CONCLUSÕES: destas amos- táos cá da praça.

Vejam como Deus fala até no birmãneses são bem poucos. pelo governo. Ora os sacerdotes dentais foram de lá expulsados católicos e os missionários oc- bem precisa. São quase 300 mil sacerdote católico. A Birmânia porque C foi há tempos ordenado a estudar. Deve estar radian- Pois bem: ajudou o rapazito, C, B e C, que julgava adormecidos, deu de benzer os dois empregados, rezar suas orações frente a Buda, só lá reza; certa noite, no fim de que lá se chama pagode, e nem por isso frequente a sua igreja, da senhora. Esta é praticante e empregado. Quando C, irmão de uma loja onde B trabalhava como A senhora é budista e dona de tagão budista. A história é esta. gres. A população segue a orien- res da borracha, dos leões e ti- Índia, para leste, terra das árvo-

BIRMÂNIA — Logo a seguir à como é? 2 vezes por semana. E por cá roco de uma povoação aonde vai de uma diocese tem de ser o pá- dres salesianos. O próprio bispo GA — Para 80 mil almas, só 2 pa-

ZAIRE, REGIÃO DO CATAN. pouco ladrões, etc.. Parece cá, gragas a Deus!...

ZAIRE, REGIÃO DO CATAN. pouco ladrões, etc.. Parece cá, gragas a Deus!...

ZAIRE, REGIÃO DO CATAN. pouco ladrões, etc.. Parece cá, gragas a Deus!...

ZAIRE, REGIÃO DO CATAN. pouco ladrões, etc.. Parece cá, gragas a Deus!...

ZAIRE, REGIÃO DO CATAN. pouco ladrões, etc.. Parece cá, gragas a Deus!...

ZAIRE, REGIÃO DO CATAN. pouco ladrões, etc.. Parece cá, gragas a Deus!...

ZAIRE, REGIÃO DO CATAN. pouco ladrões, etc.. Parece cá, gragas a Deus!...

e muito longe de Portugal, ainda para além de Macau, agora pouco menos que ex-português. Nessa Coreia, ainda se pode ser cristão que não conseguiram os comunis- tas dominá-la. Mas o governo tem os seus sindicatos e, como sem- pre, não gosta que outros lhe pas- sem o pé. Aconteceu que uma ra- pariga de lá, convertida ao cato- licismo, era quem tinha mais votos, durante uma greve numa fábrica. Logo o governo a acusou de comunista, etc., curioso que tem o nome de uma portuguesa e decerto por sua influência: cha- ma-se Lúcia, Lúcia Ri.

POLÓNIA — Entre 70 e 78, o número de alunos nos seminários cresceu 17 por cento, para os dio- cesanos, e 29 por cento, para os das ordens religiosas. Como cá!...

ANGOLA — A organização so- cial é militarizada, mesmo na mais serrana das aldeias. Tudo é obrigado a marchar, homens e mulheres, velhotes e crianças, de

ao Senhor do Céu, não violentos, passados como ninguém, tementes to; respeitadores dos pais e ante- segue, bem próximas da de Cris- descobriram doutrinas, que o povo sim é que os filósofos chineses riores aos russos — e a nós. E as- chineses são águas muito supe- não chegou o Vaticano II. Mas os dos de contactar com Roma. Lá tão presos ou pelo menos impedi- clusive, católicos cujos bispos es- budistas e de outras religiões, in- A CHINA — Os povos dali são

não senhor. é que é? Não é neo-colonialismo, e sobretudo cubanos. Então como lacos, checos, russos, vietnamitas serem lá como coçumelos os po- aos seus bispos. Tudo, apesar de reginações e mais apeço do povo independência e também mais pe- ra há mais baptismos que até à que se esperava. Resultados: ago- realmente menos inteligentes do te e até à raiz dos cabelos. São

pau nas mãos a fazer de chuço e à falta de espingardas — defesa ci- vil do território.

Lembram-se disso por cá? Os novos têm de se inscrever no par- tido único, a união nacional do sitio, marxista e leninista, o M. P.L A.. Por sinal eu até acho que é Deus a escrever direito por li- nhas tortas — estive lá e eles só vão a ferro e fogo Erros de Neto e M.P.L A.: ter confiscado todos os seminários, capelas, etc., ter-se convencido de ser capaz de subs- tituir os missionários nas escolas do interior; ter-se convencido de que a gente de Angola não é cren-

(Continua na página 4)

Vol. 9
I

Não estranhem o provincianismo porque o termo é bem sugestivo e vou pô-lo a correr mundo: esborrachar-se, todos sabem o que é.

Esborracha-se porquanto sem atinarmos porquê, aquela Pérsia, pátria de Círculos e outros, se desatou em furiosos vendavais à

dos os seres. ... que seria «mais brilhante que o sol e mais formosa que a própria lua» teria que sobrelevar toda a restante humanidade e, dentre todas, ser distinguida e realçada.

E a máxima distinção que Deus lhe poderia ter outorgado foi isentá-la duma mancha que nós, pobres mortais,

inevitáveis consequências. Foi por isso que João viu no céu um sinal esplendoroso: uma mulher, bela e formosa, que se levanta no firmamento e com toda a plenitude da sua virtude esmaga o poderio infernal, preparando o reino de Seu Filho.

Era Maria, a Imaculada, isenta de toda a mancha.

Tributemos, a Nossa Senhora, toda a nossa veneração e amor filial para que Ela seja sempre a nossa Rainha e Padroeira.

Esborracha

POR Francisco Almeida

voz de um velho que havíamos de supor mais prudente, tolerante, ecuménico, etc, vendavais que deram de novo o vestido dos Tuaregues às mulheres, o fusilamento de não sei quantas centenas, exigem a pé junto um deposto imperador moribundo e, sem ser talvez o fim, se atreve

a insultar a ordem internacional ocupando edifício de uma nação poderosa em terreno que as leis consideram internacional e Komeny tinha obrigação de proteger. Noutros tempos, por ofensa menos grave, se declararam guerras. E o pior é que o fogo alastra à Arábia Saudita, ao Paquistão e

sabe-se lá a quantos mais dos sequazes de Mafoma.

Esborracha-se porquanto neste nosso famoso Ocidente está quase a valer tudo, até tirar olhos. Jornais da Arábia Saudita queixam-se de banalidades como estas: na TV, uma mulher felicitar um homem com um abraço e um beijo, uma mulher vestir o fato do marido, transmitirem romances amorosos. Já não estranho que os novos teó-

(Continua na 2.ª página)

R. — Evidentemente que foi desenvolvido o máximo esforço para que os interesses do Concelho fossem defendidos, o que efectivamente aconteceu.

P. — Numa Democracia pluralista (imensamente pluralista) como a que vivemos, é difícil exercer o cargo duma Câmara Municipal?

R. — É efectivamente muito difícil, no caso concreto de V. N. de Famalicão, onde

estão representados os quatro maiores partidos e nem sempre o Presidente obtém o apoio da maioria da Câmara. Acontece por vezes que as deliberações nem sempre são as mais correctas.

Em meu entender julgo que a administração das Câmaras devia pertencer apenas ao Partido mais votado embora a Assembleia fosse como é, pluralista, para fiscalizar correctamente a actividade daquela.

(Continua na 2.ª página)

Resultados eleitorais no nosso Concelho

publicamos os resultados eleitorais no nosso concelho, respondendo os números partidos pela seguinte em: PSR, PDC, UDP, MRPP, UEDS, APU, PS,

PT.

Abade de Vermoim: 2, 0,

2, 78, 1, 0, 29, 30, 0. Antas: 10, 16, 16, 1.380, 23, 5, 200, 667, 5. Arnoso (Santa Eulália): 1, 0, 4, 273, 1, 10, 179, 175, 0. Arnoso (Santa Maria): 4, 14, 7, 461, 18, 5, 56, 210, 0. Avidos: 3, 10,

(Continua na 7.ª página)

(Continuação da 1.ª página)

ricos do Islam clamem guerra à mulher ocidental que consideram devassa, tudo para protegerem, como dizem, os bons costumes da mulher árabe (ver livro O Islamismo). E não têm eles de suportar as revistas sujas que aí se estendem nas ruas aos milhares, escancaradas para os olhos curiosos das crianças. A democracia é libertinagem? Que crimes há agora que irão deixar de o ser? *ver fam 27/11/79*

Mas aí de quem se atreva a falar contra as liberdades: de matar pelo aborto, de obter o divórcio, de não render o justo para o salário que ganha, etc. Porque isso é ser fascista, conservador, imobilista, amigo das tradições, saudosista. Ora o certo é que certos crimes a única pena justa é a de morte, porquanto, por este andar, com terroristas na posse de mísseis (e que mais? E cá?) a sociedade vai ser por eles esborrachada como verme. E quanto merece: fogo e enxofre.

Esborracha-se porque no dizer do esquisito autor de **A política no Confessionário** é melhor a psíco-análise (psiquiatras) que a confissão, porque a confissão só serve para o Papa pressionar os crentes (Santo Deus) porque os sacerdotes em vez de criticarem os bispos, lhes obedecem, porque nos seminários só os anormais vingam, porque os padres só possuem uma rudimentar cultura, porque confessores e professores de Moral não se entendem, porque ainda se coloca o pároco num pedestal se bem que o façam os alfabetos, porque Papa e bispos têm poderes, mandam e mandam como os governos pretendem. Já

viram tanta estupidez junta? Mas há sempre quem acredita e houve e há-de haver. Se duvida, leia os Salmos ou os Provérbios ou o Livro de Salomão que bem mereciam, cada um, de ser livro de bolso nas mãos do povo — e não são.

Certo que o autor escreve transcrevendo um padre sociólogo, serem os verdadeiros ateus apenas 5%, tanto como os verdadeiros homens de fé — seara de tanto trigo quanta a ervilhaca, porque o resto da massa é de 55% de indiferentes, 15% de tradicionalistas e 20% de crentes em fórmulas mágicas (parece o bispo do Porto, Deus lhe perdoe e a mim, a falar).

No meio disto e apesar disto, o Papa lá vai evitando o desconjuntar da jangada: um pulo ao México que de 23 a 29 foi vermelho do que dá notícia o famoso romance *O Poder e a Glória*; outro à valente Irlanda que preferiu morrer a taír, ao contrário da Inglaterra de há 450 anos, outro à América que a Providência preparou através de tortuosos caminhos para ser escudo de muitas nações, que o têm sido e pode deixar de sê-lo, porque também ela se tem deixado esboroar por dentro. Finalmente, viagem à Turquia, onde os católicos se dividem em arménios, latinos, ortodoxos, etc e têm sido dizimados aos milhões. Que mundo é este, que Turquia é esta onde há 80 anos não era registado como cidadão turco só por ser cristão era o mesmo que ser gato, boi, vaca ou jumento? Se querem a prova leiam o livro **Atenâgoras**.

Pessimista, não? Ou será que foi sempre assim, o que é é que não vinham nos jornais — ou não líamos —

as guerrilhas do Cambodja, Zâmbia, Etiópia, Salvador, Timor, etc, nem a TV dava imagens de tanto lado?

E seja como for, algo é certo: os ateus já não podem dizer que o Mundo durou sempre pois se descobriu ter apenas 9 milhões de anos — caiu-lhes o argumento contra Deus e que ao contrário da esperança dos marxistas, tem vindo a crescer a aceitação por parte dos intelectuais de que o ser humano estoura na náusea de sorte ou de Antero se não crer em Deus e no outro Mundo. Daí que a Grécia como a Inglaterra se venham aproximando da Santa Sé. Ao menos quem se esborrachar com ela morre seguro.

Plano Geral de Urbanização de Vila Nova de Famalicão

(Continuação da 8.ª página)

dade de vida da sua população.

Finalmente quero expressar a minha confiança no Povo

Fevereiro «A Juventude é o Japão?» Em parte está estragada

1
assim quando a liberdade voltou por 1860. 9-36

Aquilo traumatizou o povo e será por isso que, tão cultos que são, não se convertam facilmente. Depois, Portugal usou e abusou do direito de Padroado — nomear bispos, etc., e é por isso que, de 1588 a 1633, os 4 bispos que houve na única diocese japonesa daquele tempo foram de cá: Morais, Martins, Cerqueira e Valente. Se eles fossem japoneses — coisa que só tardiamente

(continua na 2.ª página)

30-581

Paula Cardoso, estuante de alegria e vivacidade, 17 anos, aluna do ensino secundário, responde objectiva e concretamente à pergunta do repórter: «Como vai a juventude?» E a Paula respondeu:

«Em parte, está um pouco estragada, mas não lhe podemos assacar todas as responsabilidades. A juventude não recebe os apoios que deveria receber, tanto a nível de Estado como da família».

por OBSERVADOR

Certo. Certíssimo. Sim, a ordem dos factos foi invertida. Primeiro a família, à qual compete a função educativa e formativa. Não está presente a família. Estou de acordo contigo. É um problema atornado a família e, muitas vezes, a educação e formação dos filhos fica para segundo plano. É triste, é um mal, mas é uma verdade a família, muitas vezes, abstrai-se desta responsabilidade e apenas passa o dia a dia, relegando os filhos para um segundo plano. Culpada? Sem dúvida.

Vítimas? Os próprios filhos da falta de consciencialização dos pais.

Depois, a Igreja, que tem a obrigação moral de sustentar a família quando não cumpre.

O Estado também tem a sua função educativa e formativa. Não cumpre?

Não está presente?

Pois também tem as suas responsabilidades, as suas obrigações.

Cumpra-as?

O Estado que responde, Paula:

Foste sincera, aberta, bem (quase) os problemas que te atormentam.

A família que esteja atenta a este depoimento.

A Igreja que não se a

«Lar dos Idosos» foram construídos com um espectáculo de variedades

...a tão salutar e meritório fim, foi mesmo dos primeiros a ser construído em Portugal. Pois bem, por mais sumptuosa e imponente que a obra física possa ser, se a obra humana, que neste caso concreto é, o nobre e Cristão fim de procurar dar o mais amoroso e carinhoso acolhimento a todos quantos tiverem necessidade de aqui se abrigarem, proporcionando a todos o melhor e mais santo bem-estar, não estiver à altura da sua sacrossanta missão, então nada valeria o lindo edifício.

todos empenhados, desde a Mesa Regedora, aos elementos da Congregação da «Ordem Franciscana Hospitalarias Portuguesas», que vem dando a sua mais abnegada e imprescindível colaboração e a todos os trabalhadores desta casa, desde a sua Directora ao porteiro. A Câmara Municipal do nosso Concelho, consciente do seu dever, também tem dado a sua mais franca e prestimosa colaboração. Além de ter contribuído com consideráveis subsídios, está a proporcionar aos utentes, uma vez por

O Papano Japão em Fevereiro

— O que é o Japão? —

(Continuação da 1.ª página)

Roma aceitou — talvez outro galo cantasse. Sempre a aprender e nisso do Padroado, glória nossa e símbolo da nossa estupidez, que Roma respeitou quanto pôde, quebramos lanças. Até os padres e bispos defendiam mais Lisboa do que as ordens de Roma. Pena foi, mas eram as ideias da época. Muito do que hoje defendemos não tardará a parecer disparate.

Assim e agora, para aquelas bandas, perdemos Timor onde já em 69 havia 20 mil chineses, mas raros japoneses. Resta-nos Macau, desde 1545, dois anos depois de Xavier adoeecer de morte às portas da China. Continuamos lá apenas porque, para os Chins, assim rende mais. Das nossas andanças, roubos, negócios, viagens, catequeses e guerras pelo Oriente Extremo ou último, quase já não há, lá nem cá, vestígios. Ficam-nos menos «próximos» que muitos outros. Mercadorias para cá ou para lá sobem de preço pelos enormes fretes (custos). O Japão empata capitais cá; nós... nem cá nem lá. Também têm parlamento, mas é outra coisa. Por cabeça — média — passa de 3 vezes o ganho anual deles face ao nosso. São extremamente trabalhadores, incentivos, disciplinados, cogitadores e passam bem com dois bagos de arroz que é como as batatas lá. Que comeríamos se não existisse a batata, agora que o Alentejo produz três vezes menos trigo e que fica mais caro três pezes!

A reforma tem de começar por dentro do povo, nas aldeias, melhor na vontade. Há quem aceite corrigir-se?

Houve um português que ficou célebre no Japão e cá; foi para lá, escrevendo para cá, e por lá ficou. É Wenceslau de Moraes cuja vida conheço mal. Um grande animador dos Japões, como eu e decerto muitos leitores. Aí por 1950 esteve em Portugal um bispo japonês que desenhava à pena — como a da escola, com aparo. Eles têm desenhos formidáveis e pintam o S. José e mais santos com caras japonesas. Quem não conhece as arcas com madreperla e as loijas do Japão e da China? Vão ver no palácio dos Duques em Guimarães.

Da mulher japonesa há quem diga maravilhas e os filmes do Japão são já muito famosos. Os japoneses não permitiriam que um Oteló, de Moçambique e um Garcia Leandro, mandassem cá como mandaram. Teriam pelas ventas os samorais, que não são para graças nem deixam tropelias impunes. São os mestres do divulgado Karaté — que só é bom se feito por japoneses.

Há dias folhee a Encíclica de Paulo VI, do ano de 1697. É para realizar o nela proposto que os Papas andam de nação em nação, a saber: a) porque agora a chamada Questão Social (conflito) já não é só europeia como ao tempo da Rerum Novarum e sim mundial (China, Etiópia, Portugal, Salvador, Brasil, etc.) e por isso é preciso: — 1) reformas agrícolas sociais (n.º 32) pois os países até há pouco colónias (n.º 7), querem, como os rapazes aos 15 anos, ser eles a governarem-se; 2) que o Papa vá ensinar os rectos comportamentos a essas novas nações (Brasil, Quênia, Filipinas, Ja-

pão — n.º 4) e esses comportamentos são: a) pagar o algodão, o cobre, etc., pelo justo preço (n.º 8.157); b) ajudar as nações com escolas (n.º 6, 9, 35, 40); c) oração a Deus e catequizar as populações convendendo-as (n.º 75) ao seguinte: arranjam-lhes pão (n.º 15), matem-lhes a fome (n.º 45), criem fábricas (n.º 25), abaixo o capitalismo feroz (n.º 26 e 58), não sejam racistas (n.º 63) nem nacionalistas fechados (n.º 62), acolham os emigrantes (69-67) e os universitários (68), não se virem as costas (78), não se fechem (n.º 77), haja um governo mundial (78) ou tratados mundiais (61), haja um Banco do Mundo todo (51) e deitem nele o que iria para luxos (49), façam planos de obras (33 e 50).

A Igreja mais não pretende que os povos vivam bem e em paz e para tanto: a) lhes mande missionários (12), lhes ensina os caminhos do Alto (13 e 14), lhes dá uma moral eterna (18 e 21), lhes garante o que é seu até ao justo limite (23 e 24), elogia os que trabalham (27), lhes ensina a não-violência (30), lhes santifica a família (36 e 37), lhes quer sindicatos (38), os quer pluralistas (39), os quer pluralistas (39), os avisa contra Marx (41) — todos somos irmãos (144-17, 20, 34 e 48). Certo que estes japoneses, raros terão lido — e percebido a Encíclica, a não ser os católicos. Todavia fazem muito do que ela propõe. Quanto a religião: são xintoístas, budistas e cristãos. Católicos, são uns 500 mil, 16 dioceses, 500 padres e 2.000 religiosas japoneses. Veremos como o Japão recebe.

Por Francisco Almeida



O Ocidente, a Unidade, e o diálogo das civilizações

1.º Parte: Diálogo Cultural

Não sei se nas 100 freguesias de Barcelos é uso que a população ouça falar disso da Unidade. Ora ela é um problema social, económico, religioso e político que é necessário dar a conhecer às nossas gentes.

Do Social: se houver na aldeia uns a viver na «opulência» e ao lado deles, outros na «cavernosia», que estranho será haver luta e olho veso entre uns e outros, luta de classes, como dizem os seguidores de Marx? São 2 sociedades paralelas, por causa do económico, isto é, dos bens da terra. Mas como uns e outros querem ter, só eles, a força para vergar o vizinho, segue-se a luta para obter essa força, os comandos, as armas, o dinheiro dos impostos — é a luta política, que sempre em todo o lado houve, com vencedores

e vencidos — hoje uns, amanhã outros. Quem não ouviu pelos anos de 74 e 75 gritar por toda a parte e a toda a hora «Unidade, Unidade»? Pois sim. Mas sob o comando de quem? Tivemos Des-Unidade em 1830 e em 1910: na primeira, absolutistas contra liberais (D. Miguel contra D. Pedro); na 2.ª, republicanos contra regalistas. A desunidade pode dar guerra civil, no mesmo país, matam-se uns aos outros para obter a governação.

Unidade é isso: o consenso, o respeito mútuo, o equilíbrio, a justiça, o diálogo, uma só lei aceite por todos, um só Comando e obedecido sem ser à força.

Há em França um sujeito pensador que dá pelo apelido de Garau-

dy. É comunista, di-lo ele no livro Diálogo das Civilizações. Reparem que anda de candeias às avessas com o chefe do P.C. francês, foi deputado aos 23 anos, e antes disso, dirigente de grupos cristãos da juventude. Se já então era comunista é que não sei. Mas parece que era.

Seja como for, esse homem pretende que todo o Mundo se convença do seguinte: o Ocidente (países da Europa rica) está em erro ao pensar que só o Homem Branco deve contar. O branco matou e esfolou na Argélia e em todas as colónias. Só pensa em dinheiro (capitalismo) à custa seja de quem for. Por isso o branco tem de baixar a alça e aprender com os outros povos: com os Asiáticos, com os das Aféricas, com os das Américas (Central

(Segue na 4.ª pág.)

O Ocidente e a Unidade e o diálogo

(Vem da 1.ª Pág.)

e Sul). Por isso, nem comunismo soviético nem capitalismo. Quê então? Socialismo, mas à moda da China ou da Tanzânia.

A ideia não deu o movimento que Garaudy esperava e parece que se calou frente à nova China, à Polónia, Afeganistão, etc.

Mas é verdade que os povos tem muito a aprender uns com os outros. Por isso, já há dias falei sobre Propriedade Social (comum) entre os Bantos).

III
Simplesmente essa palavra Ocidente é ambígua, por ter vários significados. Para o Japonês, Ocidente é todo o que fica para cá dele (porque ele é o Império Nascente, do Sol). Ocidente é então a China, a Coreia, a Pérsia, a Grécia, Portugal, etc.

Na História Universal aprende-se que Roma era a capital de um império — o maior que já existiu pois se dilatava desde a Inglaterra até à Pérsia. Desfez-se no ano 476 mas já antes estava fraccionado em 2: a oriente de Roma — e falava o Grego; a ocidente, e falava o Latim (França, nós, etc.). E este, do Ocidente, fraccionou-se em nacionalidades, cada uma com seu rei: os visi-

godos, os Francos.

Ora a metade oriental, a grega, nunca perdeu a ideia de voltar a reunir estes reizitos ocidentais. Mas não conseguiu dominá-los com os Árabes à perna. E deu urros quando um Papa se atreveu a chamar um destes reizitos e sagrá-lo imperador do Ocidente (passaram os anos de 476 a 800). Este novo Império ou Comando tem por base uma fonte religiosa, a sagração papal, que não a força das armas. E correspondia a uma Unidade de crença religiosa: todo o Ocidente era unido ao Papa, mais unido que o império cristão do Oriente, que vinha dos anos 300 (Constantino) e não poucas vezes prendeu e matou Papas. Já era fresco.

IV

Os do Oriente (capital na actual

Constantinopla (de Constantino que a levantou) eram gente muito culta: ainda cá não se sabia ler e já já tudo filosofava: Eram ricos por causa do comércio. Assustaram-se com os Árabes — a quem muitas terras de cristãos abriram as portas — e vá de fazer como os Árabes: abaixo todas as imagens das igrejas, todas as relíquias, etc., ordem do imperador, o que o Ocidente estranhou, criticou e contrariou (anos 700 e anos — 2.ª vez — 800). A

seguir o azar de se tornar no Ocidente um Império novo, Sacro e romano (papal) na pessoa do rei dos Francos (algo mais que franceses). Depois a descoberta que os Peninsulares Espanhóis fizeram em Toledo pelos anos 580: a de que Cristo, melhor, a Segunda Pessoa, brota do Pai e do Espírito Santo (por isso se diz «que procede do Pai e do Filho» acerca da 3.ª Pessoa), doutrina que pelos anos 800 era aceite em todo o Império do Ocidente. Ainda: os ocidentais começaram a usar nas hóstias pão sem fermento (logo, sem sal), contra os usos dos Orientais. Depois, no Oriente, os bispos eram funcionários que o Imperador se atrevia a fazer e a depor quando lhe apetecia — contra as ordens dos Papas.

De tudo isso, a pretexto do pão sem fermento, do Filho a proceder do Espírito e outros, a Constantinopla religiosa rompeu com a Roma religiosa, a 1.ª vez pelos anos 800 e tal e a 2.ª, de vez, pelos anos 1050.

Bom de ver: que eram os Barce-
lenses nos anos 800? Quase nada
sabemos. Que eram eles em 1050?
Já havia por aqui alguns conventi-
nhos: Várzea, Palme e assim. Soube-
-se por estes lados que os Gregos
romperam com o Papa? Decerto,
não: estavam longe demais e ti-
nham o maometano ao fundo da
Quinta. 28.5.82 - J. S. M.

O certo é que, desde 1050 e tal, a
força das armas cristãs se partiu
em duas: inimigas entre si. E nem
as Cruzadas bastaram para soldá-
-las de novo. Pior: a separação de
900 e tal anos face a Roma deu que
o Oriente se subfraccionou em mais
umas tantas autonomias: a búlgara,
a romena, a da Grécia, a de Mosco-
vo, a de Alexandria (Sé apostólica),
etc. Isso tudo para os herejes: os
Coptas, os Nestorianos, os Jacobitas
e outros que tais.

No que deu a antiga Unidade dos
Cristãos! Anos 1050. Pois é. Mas 500
anos a seguir (anos 1520) foram os

do Ocidente que se sub-partiram, e
fugindo alguns ao Papa: os de Lu-
tero, de Calvino, etc. (hoje 400 e tal
grupos!).

O Problema é: como deduzir to-
das estas almas à Unidade de um
só Comando — um rebanho, um
Pastor? É humanamente impossível.
Porque os Gregos dirão: se volta-
mos, imos contra os do ano 1000
para cá. E os da Inglaterra, Améri-
ca, Alemanha, etc.: se voltamos ao
Papa, imos contra todos os nossos
desde há quase 500 anos! 28.1.82

De modo que Ocidente, hoje, não
o é a Polónia, mas é o a Suécia,
por exemplo — que não a governam
Comunistas face aos acordos estú-
pidos, dos Americanos em Ialta:
Mas a Polónia, por ser católica, per-
tence à civilização ocidental no sen-
tido religioso quando a Suécia, por
protestante, ou a Grécia, por cis-
mática, não são, religiosamente,
ocidentais.

Uma trapalhada porque numa
frente contra a URSS, se verão, la-
do a lado, a protestante Inglaterra

e a católica Itália — contra a cató-
lica Polónia.

Nestas condições, e sendo a Uni-
dade necessária à Paz, é do inte-
resse de todos que desapareça a di-
visão religiosa entre os cristãos.
Mas só Deus pode mudar cora-
ções (e cabeças) de tantos milhões
de afastados de Roma. De modo que
o Papa ao pedir pela Unidade dos
cristãos tem feito análogo ao do
comunista Garaudy:

Digam lá que não é surpreenden-
te!

Francisco de Almeida

Algumas observações

Reporto-me ao extraordiná-
rio trabalho de Estatística
publicado no jornal Expresso
do dia 8/5/82. Esse jornal
merece arquivar-se pelo seu

jam ainda: dos pobres, só
5,9% contra a Taxa dos ricos
que sobe aos 16,9% (o dobro
da média geral): os operários
— 15,5% e os doutores —
17,5% (ricos de vaidade!)

2.ª: Vai à Missa?

Mesmo no Sul dizem os nú-
meros que são 2,3% os que
vão 2 e mais vezes por sema-
na. E nas cidades do Porto e
Lisboa, 5,4% e 7,1% (para
Lisboa acho coisa de espan-
tar!). C. S. M. 28.5.82

3.ª: Sabe os Mandamentos?

Mesmo no Sul foram 60,7%
a dizer que sim.

4.ª: Confessa-se uma vez por ano?

Responderam que não
46,1% dos inquiridos, no Sul
— 84%, no Porto 52,7% e em
Lisboa, 64,3%. Os homens de
não fazem 58,6% e elas, 40%
(são 18% de diferença entre
os 2 sexos). Dos doutores são

(Continua na 4.ª página)

interesse Científico. Eis o que
quero agora destacar.

1.ª Pergunta: Tem alguma religião?

Só aponto o que mais con-
tradiz o normal: os que disse-
ram Não. E foi nestes termos.

Algumas observações Sociológicas

(Continuação da 1.ª página)

85,6% (o orgulho faz recuar),
dos operários — 50,9%.

5.ª: Em que devem os padres trabalhar?

Que só no religioso — 40,7%,
em emprego civil — 42,7%. Os
do Porto votam o emprego ci-
vil em 48,9%, Lisboa, 57,1%,
os homens 46,9% contra as
mulheres de que só 37,6% os
querem com emprego. Revo-
lucionário é o dos de 18 anos
— 71,1%. Mas onde lhes fica
então tempo para o trabalho
espiritual? C. S.

6.ª: De que hão-de os padres viver?

De salário pago pelo Esta-
do? Pela Igreja? De taxa
etc)? da «primícia»? Do sa-
lário do seu emprego civil?
Responderam assim: pague o
estado — 37,4% e o Sul votou
isso com 41,2%, os doutores
com 65%, os operários, como
os ricos, com 43%, os pobres
31%, os homens, 37,6%; mas

global: 8,1%. Só 8% se di-
sseram ou agnósticos ou anti-
-Deus, que se dividem assim:
No Norte, 3,2% que sobem no
Centro a 9,9% e no Sul a
21,4%; dos homens, 16,8 con-
tra 3,7% apenas de mulheres.
E por idades mais uma curio-
sa observação: Aos 18 anos —
16,6%, aos 25, só 11,2%, aos
45, só 4,8% e aos 65 já apenas
2,9%. Como a idade muda
as atitudes metofísicas! Ve-

as mulheres 37,2%, os de 18
anos com 43,8% e os de 65
anos só com 23,4%. De que
dependem tamanhas oscila-
ções — entre os de 18 e os de
65 anos, entre os doutores e
os pobres, etc.? É que o pro-
blema existe, mas não tem
sido posto à reflexão das
gentes.

7.ª: Qual o nome do seu bispo?
82,3% não sabem, um escân-
dalo, parece. 28.5.82

8.ª: A Mãe de Jesus continua Virgem?

Que não — 20,2% (no Porto
só 14,8% contra Lisboa com
34,3% eles com 82,8% e elas
com 13,9%, os doutores com
17,5% mas os ricos 32,5%
contra os pobres com 14,1%
apenas!

E paro aqui porque para a
curiosidade dos leitores já
basta. Reflitam sobre isso...

PARA A HISTORIA BARCELENSE

Comentários ao livro A Mulher Eclesial

pelo Dr. Francisco de Almeida

(I) Disse «barcelense» para evitar dúvidas: são as 89 freguesias que me interessam, que não a cidade —essa estudem-na os cidadãos, que são capazes. Dizendo Eclesial, distinguem-se 2 sectores: as que fizeram voto de castidade, por um lado, e por outro, as restantes, casadas ou não. Interessa-me investigar como foi isso das celibatárias, por querer, até hoje, na nossa região. E isto vem na sequência de uma amostra que dei de conventos, em torno do S. Bento da Várzea.

30.7.82
ção, eleições ou aclamação pública. Ora por este método, até os Evangelhos serão rejeitados.

E remata: «O Evangelho... céu, penitência, não é popular, nunca foi popular» — não agrada aos instintos, o que é verdade.

Dai o problema: no futuro, irá continuar a haver religiosos e religiosas ou isso vai acabar por si?

mónio) o estado de virgindade», com o objectivo de servir unicamente ao Cristo... muitos cristãos, sobretudo clérigos e donzelas, ofereciam a Deus a sua virgindade e renunciavam perpetuamente ao casamento. O Autor cita os documentos que abonam tal afirmação. 30/7/82

(II) Já disse que rara será a freguesia com documentos sobre isso das religiosas que de lá saíssem. De Galegos, só conheço nos anos de 1700 a 1800, 2 freiras e se calhar nem de lá eram e antes da família do abade Bento de Sousa. Uma vivia nas beneditinas de Barcelos e a outra, no convento de Vairão. De 1800 a 1900, ne-

nhuma freira lá se conhece.

Actualmente há, naturais de Galegos, umas 10 religiosas, o que dá 5 por mil habitantes. É muito. Ora pergunto eu: a) nos séculos passados, as aldeias não tiveram mesmo religiosas ou apenas nós as desconhecemos? b) se não havia então e agora há, que causas provocaram tal mudança?

(III) Concluo que nas aldeias pouco se sabe ou fala disso de celibato por voto a Deus, ou por amor de Deus. Mas na aldeia existe um pastor que fez esse voto. Mas se, por 1940, ainda era assim, por 1500, 600, etc., havia de ser bem pior. Logo, as aldeias não criavam religiosas, ou estas provinham só das famílias de teres?

30.7.82 IV 30/7/82
O tal livro, que comento, finda assim: «Valor e Oportunidade da vida religiosa». Quer dizer: 1.º em 1982 ainda é preciso ou conveniente, que haja rapazes e raparigas a renunciar ao casamento? 2.º tal renúncia — e estado de solteiro — ainda vale, conta alguma coisa?

O Autor faz as perguntas (é americano) porque os saxões só estão a olhar para o cifrão: se rende, se dá dinheiro.

E informa a propósito: a) que lá na América se pretende decidir do valor da religiosa por vota-

A este respeito, pus-me a ver o que ensina um professor de História Cristã da Universidade de Salamanca (Espanha) que diz assim: ano 98 depois de Cristo — reina em Roma (e entre nós) o imperador Trajano; ano 117 — Adriano; ano 138 — Antonino; ano 161 — o filósofo Marco Aurélio; ano 180 — Cómodo. Foi há muitos anos e em cada 100 anos, até nós, correu muito rio por debaixo da ponte! Pois bem: no ano 130, um cristão chamado Basílio rebelou-se e ensinava aos sequazes «orgias mágicas» — o que é o contrário da castidade! Outro rebelde foi Taciano, que ensinava uma vida «rigorosa» e criou a seita dos Encratitas (grego) que se traduz por Continentes, celibatários. Isso levado ao extremo, faria acabar o mundo ou pelo menos à queixa de haver falta de soldados, como se lê para os anos 650, na Vida de S. Frutuoso. Depois, ano 172, aparece outra seita rigorista, a dos Montanistas, apoiados por duas ricas, Maxi-

30/7/82
mila e Priscila. Estes falavam contra os enfeitos nas mulheres — tudo porque a vinda de Cristo estaria à bica! E não veio!

Ora bem: por esse tempo, também havia Diaconisas, que se encarregavam de tratar doentes (pagãos), alimentar famintos, vestir nus, recolher crianças que os pais abandonavam na rua, etc., e eram quem baptizavam as mulheres — o que nesse tempo se fazia em um tanque. Elas já eram castas (religiosas) por voto a Deus, coisa que aos párcos se não exigia. 30.7.82

Porquê elas castas? — Porque, diz o Autor de Salamanca, «estava em maior estima (que o Matri-

A 1.ª vez, era eu menino, que ouvi falar em Religiosas, foi quando meu pai me levou à festa do S. João a Braga. Recordo-me apenas disto: 30/7/82

1.º que havia lá uns Robertos de lã tirar o chapéu (fantoques); 2.º que a igreja aonde fomos à missa do S. João (suponho que foi no Hospital de S. Marcos) estava linda, linda, linda!; 3.º

que aquele gordo, que fazia de rei David, a dançar pelas ruas de Braga era um grande artista; 4.º que no fim do dia, meu pai me levou à casa — convento do Coração de Maria — a visitar a Luisa, que era lá noviça (tinha sido nossa criada e, depois, de um meu tio, rico e sem filhos, o tio Almeida, por alcunha, bicentenária, o Salgado).

Espero continuar, se Deus quiser, como diz um ou outro valente da Televisão. Assuntos, por exemplo: quantas por cento ficavam solteiras na Irlanda ou na África; freires na Rússia ou entre os judeus; a freira que Lutero tomou por mulher nos anos 1520; as freiras de 1700 em Barcelos; há hoje 1 milhão de freiras, etc.

Rescaldo do Dia Mundial das Missões

9-41

por FRANCISCO DE ALMEIDA

Vol 12/43

Vol 9

Pareceu-me útil trazer aos leitores do «Cardeal Saraiva», que vejo espalhados pelos 4 cantos do Mundo e de diferentes parceres, alguns dados sobre esse problema dos cristãos a que chamam Missões. Recordo-me que os militares também usam o termo «missão» como muitos dos que fizeram tropa hão-de recordar-se, neste sentido: operação que um homem, grupo, secção ou outros hão-de realizar para obter certo fim, por exemplo, dinamitar uma ponte em território do inimigo. De facto podemos distinguir: a) quem manda operar; b) quem vai operar (gente); c) que meios utiliza; d) em que é que aplica esses meios; e) resultados da operação ou da missão, tudo isso visto no sentido das Missões Católicas.

II
C. J. 5.XI.82
Primeiro ponto — quem manda. Mandou uma vez e para

sempre — ordem de execução permanente e fê-lo Cristo dizendo a Pedro e aos outros: Ide, ensinai, baptizai, etc. Para isso, um espanhol dos anos 1500, chamado Loiola, organizou um grupo de voluntários, parecido com os antigos Hospitalários, bem célebres em Portugal, a que chamou tropa (Companhia) de Jesus Cristo. O mais célebre dessa tropa foi um tal Francisco Xavier que, de professor na Sorbone (Paris), virou pregador e baptizante. Tão devoto que rompeu caminhos até ao Japão, China, Indonésia, etc., nos tempos em que os marinheiros de Portugal andavam por essas bandas. Xavier foi um génio, pena não ter sido português! Ele mandou. Os que se dispuseram a obedecer ao Cristo angariarão os meios materiais e humanos. Mexam-se, é uma empresa.

III
Há muitas empresas humanas.
(Continuação da 6.ª página)

Rescaldo do Dia Mundial das Missões

(Continuação da 1.ª página)

nas. As que se dedicam a propagar uma doutrina — seja o Cristianismo, o Protestantismo, o Arabismo, o Marxismo, o Comunismo, etc., carecem de pessoal que vá lá: os agentes. Já ouviram falar de agentes da K. G. B. ou da CIA. Uma diferença: os agentes não vão de graça. Os dos católicos chamam-se missionários, têm de ser preparados (escolas, etc.) e por cima só ganham, se ganham, o comer e o vestir. Mas nos anos 1450 a 1820, os governos de Portugal e Espanha davam ajudas a esses missionários. Os meios, nos dias de hoje, saem da bolsa das populações católicas e não de impostos. E angariam-se cada ano, milhões que são aplicados a escolarizar, hospitalizar e ensinar Cristo e Doutrina d'Ele aos das terras a quem ainda não chegaram, seja no Japão, na Tailândia, na Síria ou na Índia, em Moçambique ou no Alasca.

IV
C. J. 5.XI.82
Panorama dos Resultados —

Um 1.º é que os adversários do Cristo hão-de obstaculizar as Missões, evidente. Curioso que nem Bizantinos nem Russos alguma vez fossem para as Missões — eles não ouviram o Ide,

de Cristo. Curioso que os se-
quizes de Lutero e Calvino tivessem as Missões por inúteis e fosse um simples sapateiro protestante a inventar que esses mestres tinham errado — era preciso falar de Cristo no Alémmar. E aí começaram as missões dos cristãos protestantes (que hoje são muitas, também por apoio dos governos, o que é perigoso).

Em concreto, para Portugal eu vi que: ainda por 1500 todo o Brasil era um só bispado; até 1700, os bispados passaram a 4 ou 5; por 1800 eram só uns 9 e agora são mais de 250. Pelo mesmo processo que fez Braga dar a diocese de Viana do Castelo e outras.

O pregador vai, aqui é aceite e ali matam-no (Angola, por exemplo). Para outros sítios nem sequer vai (não deixam entrar): Rússia, China e todos os ditos países de Leste. É contra a ideologia deles — são contra Deus, Cristo, Papa e tudo o que cheira a um Mundo para além daquele que Marx ensinou. Para ir lá, o Cristo, sabe Ele porquê, não dá os meios, logo, o Ide não pode funcionar.

Alguns números, aliás impressionantes, só referentes a terras não comunistas: — Só Itália tem umas 145.000 freiras, de que

grande parte são missionárias (é melhor que serem umas desgraçadas feministas e abortistas). Na Rússia ateia, mais de 75% das gentes são abertamente crentes — e há-os em cargos próprios de ateus por fraqueza

Quanto a números (alguns), em terras que há 400 anos não tinham 1 católico: El Salvador — 91% são católicos; Rússia: 5% de católicos; Cuba — pelo menos 41% de católicos e Núncio da Santa Sé lá; Inglaterra: 10% quando em 1850 eram só menos que 1%; Índia — 2% de católicos em quase 100 dioceses (das 4 ou 5 de há 400 anos); Angola — 45% em 12 dioceses (Moçambique, 9); Austrália — 27% em 27 bispados; Coreia do Sul (do Norte — não se sabe) — 3% (e, o 1.º católico data do ano 1783) em 14 dioceses e até o Japão com quase 1% em 16 dioceses. É mais Madagáscar com 14 dioceses, a Namíbia com 2, o Paquistão com 7, o Senegal com 3, o Sri Lanka (Ceilão) com 7, etc.

Conclusão

O Arianismo foi moda que passou, o budismo tem caído em proporção, o marxismo vai caindo e assim por aí além, como as modas. Só a doutrina de Cristo, aqui atacada, ali impedida, além silenciada, vai progredindo. Devagar, à custa do sangue como nenhuma outra, mas já aceite por uma Terça dos homens da terra.

No Japão? Na Tailândia? Em 50 anos a proporção dos aderentes triplicou (de 15 por mil para 45 por mil), o que dá que daqui a 1000 anos haja lá mais que 50% de católicos. Que dizia o outro: os moinhos de Deus moem devagar. Disse Ide, mas parece que não tem pressa.

A viragem foi que a Revolução Francesa fez perder x por cento de católicos e deu a Cristo x biliões em terras de Alémmar. Hoje até os rurais estão conscientes de ter ou não ou ajudam a ir. Do Dia das Missões aí terei para crentes e não-crentes, segundo o meu ponto de vista. Aposto que os ateus perdem sempre

9-41

Minhas Senhoras e Meus Senhores

E' a falar que a gente não se entende

por FRANCISCO DE ALMEIDA

M. C. Saraiva 9/7/82
Foi em 20 de Maio, que surgiu a oportunidade de eu pegar nas tesouras e recortar o que desde há meses escrevi neste e noutros jornais. Para recordar, aponto o por mim aqui escrito: Templo a Alá (7-5-2), Meia Dúzia de Problemas (19/3), leis fundamentais das Nações (26/2), Como se faz um mau livro (19/2), Para além da Ciência (29/1), O Natal e o nosso tempo (15/1) Cards. 18/6/82

Só recortei o que de meu se publicou e foi aí que comecei a sentir remorsos: então, de tanto que nestes 5 meses outros aqui escreveram, não se recorta nada, pensei. Mas de facto, à medida que ia lendo o C. Saraiva, nada sublinhei para recortar.

Concluí então: não valeu a pena tantos escreverem aqui porque me não deixaram marca. Eu recorto o meu, cada um dos outros recorta o seu. O resultado será então que cada um escreve para se rever e só: não há interpretação de ideia, de mensa-

gens. Logo, estamos surdos uns para os outros. Ora isto, a ser exacto, é grave. É que eu não critiquei uma palavra de outro colaborador e cada um deles não apreciou nenhuma das minhas. Entendemo-nos, é certo, mas no isolamento. Isso, se não por pior. Mas se assim for, e como escrever o não quero como exercício escolar, também não sei se devo continuar escrevendo: Liberto o jornal de compor as minhas frases e gastar tempo.

O Papa decorou e fez correr Mundo aquela nossa frase idiomática: «a falar é que a gente se entende»! No nosso caso, parece-me que tem sido tese falsa: a falar, temos falado (escrevendo). Entendermo-nos é do que suspeito rotundo não. Pelo menos não há nos meus Recortes sinais de que outros lessem algo do que fui escrevendo. E não me custa crer que outros façam na mesma. Isto é jornalismo? Isto interessa aos Limianos? Isto pode continuar quase no ano 2.000?

CORAL DE BARCELOS
É sempre motivo de alegria quando se vê as pessoas acreditarem nas organizações, e, para tal.

COISAS DE LONGE E DE PERTO

Ilha da Madeira

Ultimamente tem sido muito falada por causa de um grupo de políticos que a querem separar de Portugal — e isso constitui, também, um problema de

PELO

Dr. Francisco de Almeida

V. H. 12/9/81
Direito Internacional: descendentes de portugueses, é-lhes lícito exigir a independência e constituírem-se em Estado? A Flama é que sabe disso. Seja como for, por um lado é terra rica de águas e culturas (nós temos campos de milho e eles,

socalcos de bananais e flores) e por outro, a ilha vive dos dólares dos turistas e da cobiça dos tubarões do poder: dava jeito à URSS fazer dela uma base atlântica e não menos à América. Há estados menores em território e em população (tem 1/3 do milhão com 100 mil só no Funchal). Para lá, quase só de avião — 8 contos para ida e volta (nem é caro). A roda do Funchal, aquilo é quase só hotéis que são utilizados pelos nórdicos (Suecos, etc.), sobretudo nos meses de inverno. E já tem seu hino nacional!!! Para onde vais, Portugal?

Bodas de Prata Missionárias

O Padre Martins Salgueiro, de Galegos

Um pouco às escondidas, como tem sido hábito pelas nossas bandas, soube eu agora que o meu antigo companheiro de escola, e como eu aluno do Professor Angela, celebrou no passado dia 13 de Outubro as bodas de prata de ordenação. É o Padre José Martins Salgueiro.

Nada me obriga a escrever este apontamento senão o seguinte: ser meu ex-condiscípulo, ser meu conterrâneo e querer eu que os barcelenses saibam do que com os deles e entre eles acontece.

Parece-me que teria sido muito oportuno juntar nas Bodas do Padre Zé todos os consagrados oriundos de Galegos — que são bastantes, sobretudo freiras, como já referi doutra vez.

Acrescia que se estava no mês de Outubro, exactamente o mês em que recai sempre o Dia Mundial das Missões.

Sabe-se que Galegos não pede meças quanto a meios, dinheiro, para despesas com a festa ao Padre missionário: basta ver a lista publicada na Voz do Minho de 30 de Outubro: deu para os Bombeiros 208 contos, mais que todas as outras, ultrapassada apenas por Barcelinhos (mau era senão) — 1790, Barcelos 1333 e Carvalhal — 350.

Concluo então que houve falha de ideal, programação e preparação, o que se traduziu até na falta de 2 linhas de informação para os jornais.

Ora por um lado, é injustificado este ostracismo e insuportável este

(Segue na 4.ª pág.)

(Vem da 1.ª pág.)

segredo num tempo em que há coe-rência de missionários para os 3700 e tal dioceses do Mundo e por outro, Padre Zé merece grande festa.

Mas nem vos sei dizer se a ordenação dele foi noticiada nas folhas de Barcelos do ano de 1957.

Padre Zé descende de uma ilustre família — os da Pena — e é irmão

do Dr. Martins Salgueiro, advogado em Lisboa, que por sinal não vejo desde há uns 6 meses. Estudou alguns anos no Seminário dos Arcebispos donde passou aos Espiritanos — os da Silva, fez um curso em Espanha e seguiu para Angola até à Independência. Após ela foi pároco aqui no Sul, diocese de Évora — Alvalade do Sado e Ermidas e actualmente dizem-no com cargo directivo no Seminário de Fraião — Braga (espiritano).

Apraz-me que fique aqui anotado que o nosso outro conterrâneo, de S. Martinho, o Padre Herculano, lhe fez referência na grande Revista que dirigia em Angola, do ano de

1962, a das Bodas de Ouro da Diocese de Nova Lisboa, número de 140 páginas, onde há fotos do Papa João XXIII, do bispo D. Daniel Junqueira, de Norton de Matos (que fez Nova Lisboa, hoje Huambo), etc.

Pois a página 122 é dedicada ao nosso Padre Salgueiro e traz 3 fotos: a dele, a da igreja paroquial de Vila Flor (que a esta data já mudou de nome) e a de uma escola

primária com a professoara e alunos.

O texto vem assinado por J. M. S. (o nosso homenageado) e resume-se nisto: que Vila Flor fica perto da Caala, tem 200 habitantes (brancos) quase todos beirões a viver do comércio e da exploração agro-pecuária, tem club, que o Padre Zé era o 4.º pároco e acumulava com o cargo de Professor do Seminário da Caala. Fazia estes votos: que na Vila Flor surgisse o progresso, a ordem, a paz, e o respeito pelas leis — humanas e divinas; que os pequenitos da escola fossem dignos herdeiros do esforço e boa vontade dos tais habitantes de Vila Flor.

Nesse ano de 62 — em que eu calcorreava o Norte de Angola (Luanda, Salazar, Pampo Andongo, Cacusso, Malange, Duque de Bragan-

ça, Baixa do Cassange e depois de em 61 ter andado envolvido nas guerras do Triângulo Vermelho — Caxito, Nambuangongo, Sambacajú), a mensagem do nosso Padre Zé afigura-se carregada de preocupações, mas sem prever a expulsão dos nossos para 12 anos depois — 1974 e 75.

Padre Zé é ainda primo direito do falecido missionário de Cabinda que foi o Padre Domingos Salgueiro.

Concluindo: parabéns ao labor missionário do nosso dedicado conterrâneo, Padre Zé; felicitações a quantos, de Galegos ou de fora, concorreram para dar alguma ênfase a esta festa missionária de Bodas de Prata; o voto de que todas as freiras de Galegos façam as Bodas na nossa aldeia e nunca mais fora dela nem em segredo; que a população veja e sinta a festa como missionária, que assim o mandam os Papas de Roma. Senão, não presta.

E tenho dito. Passem foto aos conterrâneos ausentes.

Francisco de Almeida

2.ª pág. 2 - 1.ª ed. 11/16

Os Peruanos, os Índios, os Incas e o Papa

por Francisco de Almeida

Vi agora, pelo número de aniversário, que o «Cardeal» celebra as bodas de diamante. Impressionou-me acima de tudo aquela história de vir a Lisboa, ter fugido o processo, aparecer o processo. Queriam fazer o «Cardeal» entrar nos caminhos da prescrição de direitos. Bom seria então uma brochura que relatasse às gentes os trabalhos com as aflições dele desde que nasceu. Ainda para os seus anos, aqui vai este apontamento.

* Cardeal 1/3/85

Muitos dos leitores, ouviram que Sua Santidade se deslocou há dias (escrevo a 18 de Fevereiro) ao Peru e outras nações vizinhas (Equador, Venezuela, Tobago), povos cujas origens são um quebra-cabeças. Daí ter-me lembrado do tema que propus.

O 1.º Problema: se os índios são todos gente sem barba ou muito rala, de onde foram eles para o Peru, etc? — Vou seguir o relato da obra Os Incas da colecção suíça, Grandes Civilizações Desaparecidas. O Autor deste volume, Valla, sustenta que os índios das Américas são gente derivada da Ásia Oriental. Portanto parente dos Mongóis. Só que surgem estas objecções: antes de os Portugueses e Espanhóis lá chegarem, já lá viviam negros e brancos, louros e barbudos. De onde e como lá chegaram? Estes loiros são antigos irlandeses? São originários dos fiordes da Noruega? O Autor cita obras e documentos para explicar o que as escavações arqueológicas no Peru, Uruguai, México, etc., revelam, tudo na verdade, inacreditável. Obras muito recentes: — Les Origens de l'Homme Américain (Rivet, 1957, fundador do Museu do Homem em Paris), etc., etc.

Se é como diz e o carbono 14 se não engana, então no tempo dos nossos Castros (Cel-

tas) i séc. 8.º antes de Cristo, já nas Américas se fazia uma grande civilização — a de Chavin. A este respeito, até discute se os brancos barbudos não serão os Filistes que lutaram com o rei David.

Segundo Problema: a Arqueologia e as tradições dos povos, quando por 1500 os Europeus lá chegaram, observaram que isto: 1.º) relatos de um deus branco (homem) — portador de 1 cálice e 1 hostia; 2.º) referências a um sujeito, monge ou marinheiro, de nome São Brendam — de que sabemos que foi irlandês e viveu nos anos 500 (ainda Portugal vinha longe); 3.º) elementos bíblicos que a religião dos Aztecas (México) apresentam (por exemplo, a queda de Adão, induzido por Eva) e um rito de baptismo, semelhante ao nosso); 4.º o facto de os Incas serem brancos barbudos (espécie de colonizadores face à massa índia, imberbe) e até no Paraguai havia desses Incas — com uma

cultura tão alta como a europeia do tempo (anos 1000 a 1500); 5.º) o facto de todos os índios contarem aos 1.ºs europeus que tinha pregado entre eles uma religião boa um tal Pay Zumé (que o Autor refere como provável sacerdote católico), apóstolo do famoso Titicaca (região do lago); 6.º) o facto de as alturas do planalto peruano (mais de 4000 metros) dar sinais de ter sido cristianizado antes de a Europa de 1500 lá chegar — até há um friso com a Adoração do Cordeiro e cópia de figuras da Catedral francesa de Amiens (Professor Dr. Mahieu); 7.º) o facto de à Europa Central ter chegado, antes de 1500, a madeira do pau-brasil; 8.º) o cavaleiro inca preparar-se como o fez Nun'Álvares: jejuns, corridas, combate (provas de selecção); 9.º) o facto de terem

raparigas, freiras por escolha delas, consagradas ao deus Sol (o deles); 10.º) o facto de Inca concordar com ing (escandinavo, sufixo para linhagem), capac (escandinavo — homem valente Kappi), chupe (em Dinamarquês, Suppe = sopa), Kollu = Koll (lar, carvão), etc.; 11.º) terem um rito em que comiam pão e sangue; 12.º) cultuarem — em 2 templos — um Deus Todo-Poderoso (contra a deusa Terra dos índios, a alma das plantas — que as faz crescer, veneração dos mortos); 13.º) terem tido um padre-chefe (um Papa) indígena e até chefes menores (bispos) e ainda uma Confissão de faltas perante um ministro, ajoelhado, secreta (a que também o imperador inca se submetia).

Tudo isto cria uma reviravolta nas nossas Histórias da civilização Mundial sem falar já daqueles autores que sustentam que os Incas praticaram um sistema de Socialismo. Pois bem: foram estes povos que o Papa foi visitar.



CARTA DE LISBOA

por FRANCISCO DE ALMEIDA

LEITORES CONDICIONADOS

Já repararam que x por cento de portugueses só lêem o Diário; que x por cento só lêem o Jornal de Notícias, jornais que, para outros, nem vê-los. País onde o povo seja condicionado, não é possível por exemplo, haver missionários católicos.

Significa isto que merece censura quem teima em ver as coisas só por um prisma, um lado, um ponto de vista. Há que ouvir o que o

(Continua na 3.ª pág.)

O LIVRO TEXTOS/TEXTOS

N. tam 22/3/85 (e 2011)
É escolar, quase um ramalhete de peças literárias, autores quase todos vivos. Curiosamente até recolhe escritos de jornais — mas só de dois — e é isso que eu estranho, só dois, o Expresso e o nosso vizinho (Porto), Jornal de Notícias. Até o Sérgio Godinho tem lá uma poesia, o que nos faz suspeitar que os textos, que têm valor, foram seleccionados um tanto pela colaboração dos autores. Ora isto, em livro escolar, é faccioso demais e é o que censuro em Textos/Textos.

REVISTAS DAS MULHERES

Há dias falava-se que os jornais dão prejuízo (muitos) por causa da

teimosia dos jornalistas. E um argumentava que a revista Maria, com suas 200 mil e tal assinantes ou compradoras, nem precisa de ajudas do Estado nem deve aos bancos. Concluía então: é que a

diferença está nos jornalistas, porque os da Maria ou da crónica escrevem o que às mulheres interessa — e elas compram; os dos jornais, diários ou não, trazem o que os teimosos jornalistas deles querem que tragam — e só a eles interessa — o que faz que o público os não compre nem queira sequer ver. E parece-me que não raro os jornais merecem esta censura. Mas Textos/Textos mostra que as da Condição Feminina detestam tanto a Crónica como a Maria como as Fotonovelas. Digam as senhoras leitoras.

(Continuação da 1.ª pág.)

vizinho tenha para dizer, embora eu saiba que há sujeitos tão, tão, que se zangam logo se a gente não concorda com tudo quanto eles pensam. Evitem ser condicionados (os meus leitores).

MUROS DE LISBOA

Famalicão ainda escreve nas paredes? Lisboa passou a uma linguagem repreensível, como:

— Cunhal prá Sibéria, Eleições na Rússia! O que eu estranho é que aquilo não fosse logo raspado ou coberto de outros ditos, mais em uso desde 74. Os muros mudaram.

EMPREGOS N. f. 22.3.85

Há dias apresentou-se num Tribunal um sujeito com suas quatro testemunhas. E daí? O curioso é que ele e as testemunhas estavam todos desempregados. Claro que o Governo nem sabe que fazer a esta maleita. Nem eu sei porque o facto é que falta que fazer, do que o desempregado quer e ele não quer fazer do que há para fazer. Possivelmente a lei que proíbe, absolutamente, os despedimentos é prejudicial aos bons trabalhadores.

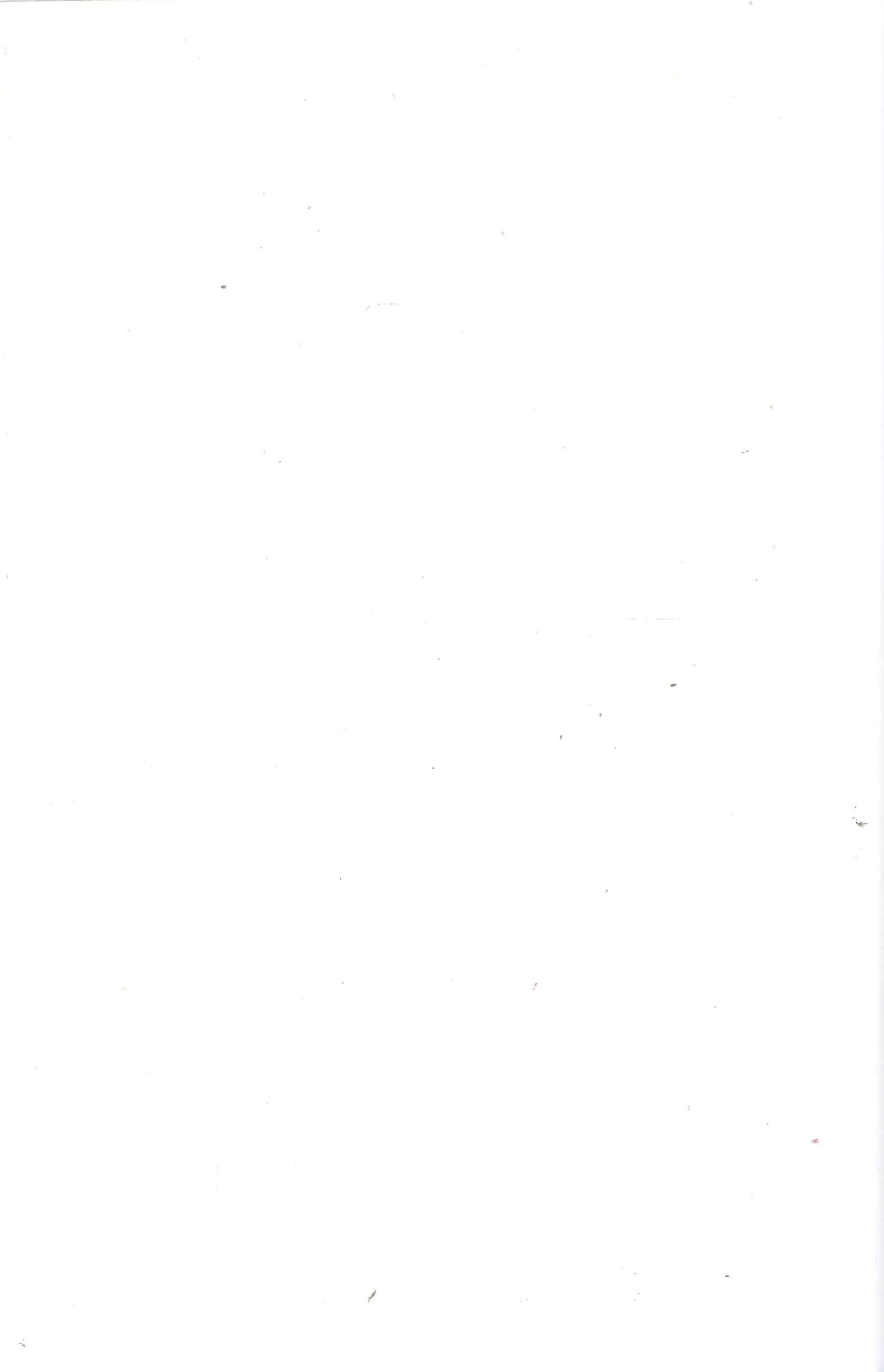
PARA UMA NOVA HISTÓRIA

Lamentável que cada Família não possua em casa uma pequena História de Portugal. Mas as recentes falam muito das nossas andanças pela Índia, etc. Como Angola e outras são independentes, que escrevam eles as nossas idas lá. A História de Portugal tem de abandonar isso para descrever a vida dos Portugueses cá aqui. Para isso, uma Monografia como a de Emeriz, de 1984 — Boletim da Câmara, é já uma achega muito grande. Mas, ao que parece, não fala nos jornais. Ainda bem que há dias, Notícias de Famalicão transcrevia palavras do ilustrado Padre Benjamim, extraídas do trabalho dele Tombo das Antas. Que transcreva mais.

PARA A HISTÓRIA DAS FREGUESIAS

Acaba de sair a monografia de Rio Covo (Barcelos). Bem ordenada, não aprofundada. Pena a Autora, a ilustre Professora de Braga, D. Laurinda Araújo, poetisa também, não ter ido ver os

jornais desde 1860 para cá, sobre Rio Covo, nem os Livros de Usos e Costumes, que foram a lei de cada aldeia. A propósito lhes direi que um professor da Universidade do Porto escreveu no jornal A Guarita (de Vila Cova-Barcelos) um belo artigo para provar que Vila Cova teve ou foi «Vila» romana, quer dizer, palácio de um grande graúdo de há dois mil anos. Recordem Vila em Vila Nova (Famalicão) que o Padre Benjamim aborda (ver Vila Nova entre Dois Forais e o tal Tombo das Antas). Acabo aqui, mas não tenho podido seguir a Lenda das 7 Irmãs no Notícias de Famalicão. 30/1/85.



Acabo de receber uma carta da minha irmã Amélia.

É a minha informadora oficial e veio dizer-me, que tanto minha mãe como D. Brilhantina Lourenço se encontram acamadas cada uma com sua moléstia. Ia escrever ao Lourenço, mas ao pensar nos doentes dessas freguesias, resolvi escrever para todos.

Reparei então que temos clubes para tudo, menos para os Doentes? Ele é o de futebol, a Confraria do Rosário, a da Misericórdia, na cidade, o dos radioamadores, o dos rotários, sem falar já nos clubes partidários, desde o P. C. ao C. D. S. e agora os anarquistas. Ora de tudo quanto é Ser (coisa) ou facto, a explicação suficiente é pelas causas. As causas são: o sujeito (quem fez isso) a causa eficiente (que dá efeito, faisca); outra causa é o fim em vista a que chamam causa final.

Então pergunto eu: porque é que não apareceu um samaritano a fundar um clube dos doentes? Hei-de ver se descubro as causas que levaram a essa falha, falta. É certo que o doente se junta a outros no hospital, mas não é clube.

E quantos seriam os clubistas, pensando só nos acamados? Vejamos: se Barcelos tiver 100 mil bicos, ainda que haja um só acamado por cada 500 habitantes, o meu clube tinha pelo menos 200 acamados hoje uns amanhã outros, este do fígado aquele com a perna partida e por aí fora — que o número das mazelas é infinito.

Estou a ver, era eu menino, quando a esbelta e jovem Brilhantina veio de Perelhal ou coisa assim, casar com o João para se tornar uma minha conterrânea. Há que anos! Tomo medidas e verifico que a vida de todos nós é de facto tão trajectória como a de uma bala, granada ou pedra: sai de rente ao chão (quando nascemos, pouca força), sobe até alturas grandes (20-25 anos) e vai descendo até ficar de novo esgotada de forças e prostrada num leito, quase sempre com belas dores. *A 7. do M. 6/4/85*

Por isso, bem disseram os filósofos da Índia, há séculos: que o valor da vida, dele ou dela, é nenhum já que tão-pouco dura! Daí concluíram que o que importa é a delivrance. Ou como disse Paulo livrarmo-nos do nosso corpo. Só que isso é morrer e tal como o coe

lho ou o anho não quer largar a pele, nós, o nosso Eu, criado para este nosso corpo, não o quer largar. E com razão. Por isso as doenças nos assustam e ninguém quer ter bilhete para entrar nesse clube. Entramos sem querer. A doença é um mal, um falta do bem, saúde, como a sombra é falta de sol.

Percorramos as folhas de uma revista mundial, por exemplo uma sobre missões que é a Alem-Mar. Santo Deus! Nem os lisboetas escapam às doenças! Nem os do Brasil nem os de Angola, do Japão ou do Alasca. Eles são tantos que vi agora no jornal que até há, cada ano, o Dia Mundial dos Doentes! Bem pensado, mas não basta. Porque o doente sente nojos e picadas e medos e febres altas, vê que as pernas lhe não obedecem, a cabeça anda-lhe à roda, está muitas horas só, não tem fome e isso o enfraquece, as dores levam-lhe o riso e a alegria, ler não pode, falar custa-lhe e nem sempre tem ajudante que lhe fale e traga notícias.

A doença é uma coisinha tão sem ser desejada que houve quem inventasse a seguinte explicação para essa bicha: foi Deus (bom) quem fez e deu a saúde e a alegria, mas foi um Deus (mau) quem nos pregou com a dor no pêlo! *A 7. do M. 6/4/85*

Um faz e o outro desfaz e nós é que pagamos as favas! É claro que a dor, as doenças, são um problema — e por isso há-de saber-se explicá-lo. Ora o Manual de Filosofia, que por 1950 se dava nos liceus o mais que sabe dizer é que há em nós uns corpúsculos da dor — como há outros para sentir o que é bom. Pois sim! E daí? Porque é que eu hei-de de ter de sofrer? E reparem que nisto Jesus não serve de modelo pois nunca ouvi que estivesse doente, acamado.

Quer dizer: vem a Biologia e diz-nos que é o vírus tal e tal; mas quem o pôs logo em mim? E Deus não fez senão o que é, o ser; não fez a sombra nem a doença nem os outros males que aí vemos e sentimos. E todavia, aquele Catecisminho da aldeia ensina, vi agora: que Cristo também Padeceu com o Pilatos (Credo), que nós estamos sujeitados ao Mal (Pai Nosso), o qual vai até ao extremo da Morte (Avé Maria), que esta vida é para nós degredo, campo de lágrimas, desterro (Salve Rainha), que há quem morra assassinado (5.º Mandamento) e que a regra para vencer tudo isto, e perceber, é pensar no que Deus explicou: que isto já vem da Eva (Baptismo), que o melhor é largar até a pele (pobreza voluntária, o que dói), conseguir de Deus o Dom de ser forte (não desanimar), saber que os doridos aqui (que choram) terão prémio Além (Bem-Aventuranças), que Deus dá Paciência para não nos irritarmos com esta moinha da dor,

O MEU CLUBE DE DOENTES

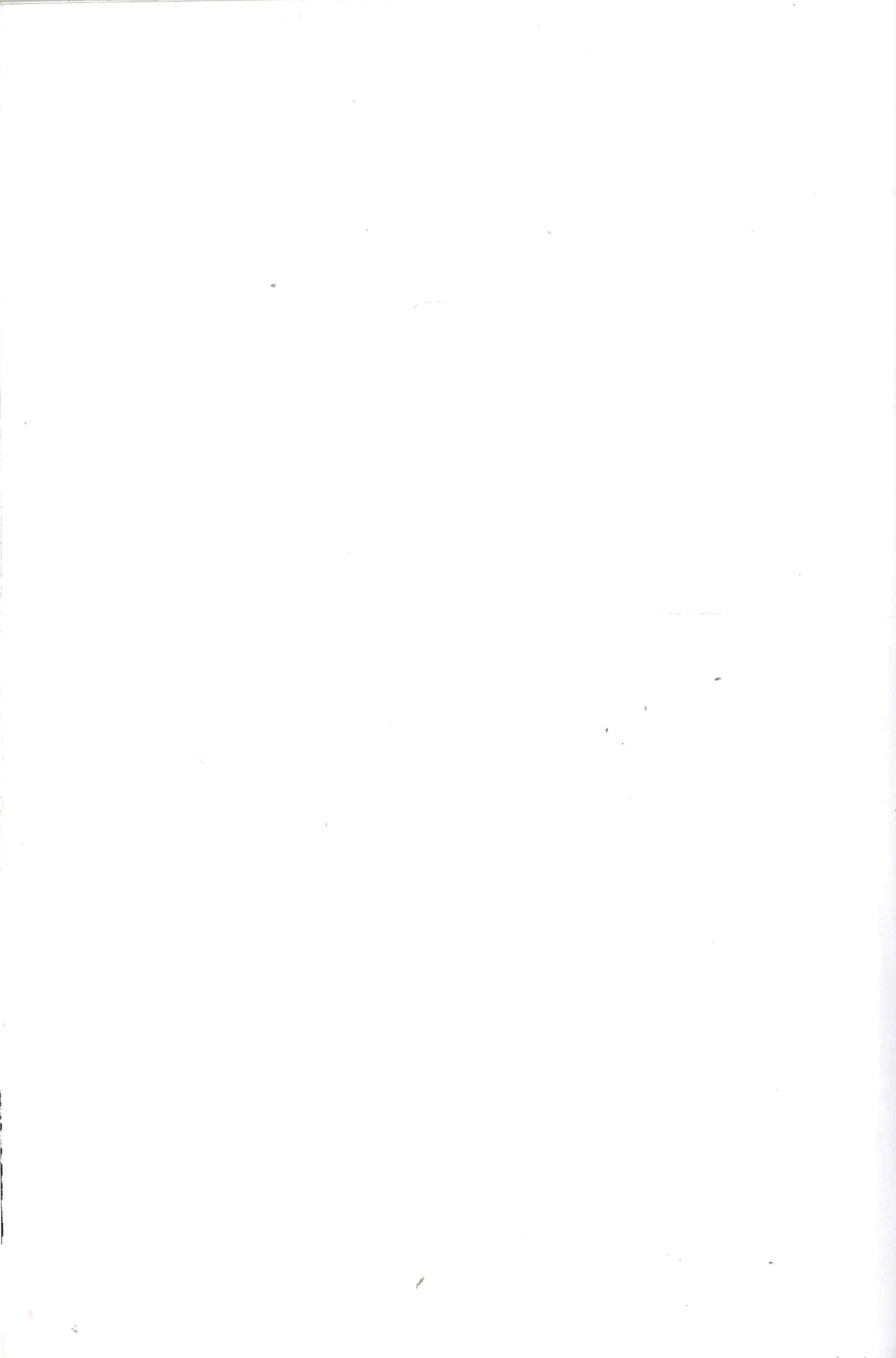
Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

Para o meu amigo em Galegos, João Lourenço

que Deus mandou ajudar os enfermos visitando-os para os distrair (esquecer as dores) e que o mal pode vir de facto, de um nosso fiel Inimigo. Mas: o nosso destino é vir a ter este corpo tão belo, como o de Cristo esteve quando fez o Pedro dizer: — alto, fiquemos já aqui para sempre! (e era num monte!).

Há aí leituras que ajudam os doentes, por exemplo as Sementes de Esperança do Dom Prior de Barcelos. Vamos, não desanimem, que somos mais que o Mal.

Francisco de Almeida



TOMAR O PULSO AO DOENTE

Francisco de Almeida

Nunca senão desde há uns anos para cá, se ouviu em Portugal falar da Nicarágua, do Sudão e outros pequenos países um tanto afastados deste nosso Minho-Algarve.

Há dias, e só por uns dias, o falado foi o Sudão. Agora, o da hora é Nicarágua (escrevo a 2 de Maio).

O Sudão é uma região e como tal, vai do Senegal e o Mali até ao Mar Vermelho. Como país, resultante da saída dos Colonizadores, é o território a que outrora se chamou Níbia. Vive das águas do Nilo que corre nele de Sul para Norte (não estamos habituados a isto!) e tem bons vizinhos — Egipto, Kadafi, Etíopes e outros. Caiu há dias, também nele, uma nova revolução. Pois bem: a revista missionária, Além Mar, fala mais que uma vez neste Sudão, no número de Abril/85 para dizer: a) que nada menos que 1 milhão de etíopes fugiram da sua terra — à fome e ao governo moscovita; b) também no Sudão os povos se afligem com a fome, a lepra, a doença do sono, a cólera — a que algumas reli-

Card. Sar. 24/5/85 -

giosas vão dando os lenitivos que podem (são missionárias); c) se não erro, é neste país cujo Sul é negro e com boa percentagem de católicos, que trabalha uma freira — enfermeira, do nosso distrito de Viseu. E este facto merece ser destacado porque é preciso uma mulher ser bem corajosa, mulher de armas, para se ter atrevido, como atreveu, a deixar o torrão natal (Viseu) para ir servir pobres lá perto de onde nasce o formidável rio Nilo, das Geografias.

Ora acontece que certas revoluções vêm causar não poucos dissabores também a estes arrojados missionários. O tempo dirá no que vai desembocar a revolta do Sudão.

O outro que anda na berra é a Nicarágua que para simplificar, direi aos menos geográficos que fica perto da Chamada América, a do Reagan. É terreno bastante grande em que cabe 3 vezes a população que lá vive (se a densidade for igual à de Portugal). Alguns dados recentes, segundo as minhas notas=48 por 100 de analfabetos,

(Continua na 2.ª página)
(enãna 8ª!)

94 por 100 de católicos, 1 tribu toda protestante, 6 bispados, independentes da Espanha vai para 170 anos, andou em guerra civil e caiu nas mãos dos chamados Sandinos. O chefe deles anda agora pela Rússia e satélites. Vejo um estudo sobre o Socialismo Africano — que foi o da Guiné-Conacry, do Gana, do Mali, do Congo — Brazza, Angola, etc. Quer dizer =nos anos 45 a 60, todos os líderes negros eram pró-socialistas, com o cuidado, todos, de se não dizerem ateus. Porque se se dissessem tais, sabiam que as populações lhes fugiriam. É contra o que os teóricos de Moscovo ensinavam, mas... Moscovo teve de tolerar. Como tolerou os crentes na URSS, na Hungria, etc. Ora os Sandinistas estão ainda numa Nomenclatura tenra e por isso na Nicarágua foram mortos só 9 missionários e expulsos 10. A confusão e dificuldade de escolha deve ser

grande porque dos 67 sacerdotes nativos que tem, 57 são contra o governo e 10 pró-governo (1 para 11, de facto menos que os pró-comunistas da Igreja Viva de Moscovo, em 1918). Não admira então que até os crentes se fracturem, levados pelo factor político. São estes 1 para 11 que formam a apregoada Igreja dos pobres, sandinista, anti-Roma se calhar. São cismáticos.

Card. Sar. 24/5/85

Mas se nós estivéramos na Nicarágua — que ainda não conseguiu a perfeição da Nomenclatura de Moscovo, via K. G. B. (com os seus 10% da população, ou oficiais ou bufos, até à força) — exactamente porque a não conseguiu, ainda podíamos escrever o que disse uma limiana na Além Mar de Abril, a saber: eu leio-a e faço publicidade dela. Ainda é livre. Outros farão publicidade do «Cardeal Saraiva, livres que são.

Daqui a alguns anos, se tudo correr bem à Nicarágua sandinista, só será possível publicitar o livro aqui falado — e ao que pareceu, elogiado — que quer nada menos que fazer condenar os que diz assassinos de Sua Santidade o Papa, João Paulo I. É claro que todos estamos a favor da condenação de assassinos. E havemos de folgar muito por ver um homem, que se confessou aqui (não qualifico) de ateu, defender um Papa. Não era costume ver isto nos ateus. E como não vi ainda sequer o livro — e para mim uma prova, uma só, irrefutável, basta para condenar quem assassinou, fico à espera que seja mostrada a todos essa prova irrefutável. Se o não conseguir, nem assim o apelidarei de fantoche porque isso já não há — é ilusão dos que veem pirilampos e pensam que é diabo.

Depois de tudo isto, voltemos ao tema: doente está o Sudão, mas ele há-de salvar-se; doente a Nicarágua, mas ela tem de continuar viva, queira ou não queira, com ou sem embargos, com ou sem Nomenclatura; doente está Moscovo cujo nível de vida é já menor que o dos desgraçados agrários — Satélites (Bulgária, Hungria, etc) e por isso não pode alimentar os famintos da Nicarágua: a própria URSS, dizem escritores, caminha para a Queda Final; doente está Portugal e vai continuar, que a doença não é mortal.

A JUVENTUDE — O ANO DELA

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

A JUVENTUDE — O ANO DELA

(Continuação da página 1)

Oxalá então os da ONU não decretassem este ano da Juventude para a criar igual a eles: falsa, corrupta, mentirosa, gozadora. Deste modo, o que proponho é que oijam a juventude, façam inquéritos, auscultem as mentes e os corações dos jovens que aqui, como na URSS, China ou Angola é sensivelmente gente com os mesmos dotes e os mesmos defeitos. Se querem guiá-la, talvez vos gozem. Por isso passo ao concreto.

Em Portugal, como vai a Pirâmide das Idades? Por exemplo dos 14 aos 24 anos? Já repararam na velhada que dá pelo nome de

É verdade que o Cávado não tem abusado deste tema — não pode ser criticado por isso. Mas há aí abusos — e pergunto-me se o primeiro abuso — e pergunto-me porque não tenho obrigação nem direito de aceitar visto um Magister Dixit — se o primeiro abuso não será o de a Velhada da ONU nos ter fixado festas jubilares neste 85. Porquê o ano a lembrar a Juventude? Admito que deva celebrar-se este ano. Mas não vemos que quem escreve, ordena, fala, organiza são os Adultos? Pois que o faça a Juventude, se a festa é dela.

Ora eu vejo que o Dr. Falcão Machado, acirrado ao que disse por uma leitora, botou esta em «A VOZ DO MINHO», de Barcelos: a juventude de agora é irreverente, pensa só por si, não aceita conselhos de ninguém, gasta como nunca gastou — afunda-se nos prazeres.

Penso que muitos por 100 assim pensam e assim agem. Daí a droga, a sexualidade à flor da pele, a auto-suficiência. O meu problema é este: afinal, se a juventude já sabe o que quer, para quê querer encaminhá-la, guiá-la, moldá-la? As escolas que há quase só instruem, e mal. Mas a vida encarrega-se de moldar, educar, travar os jovens. É verdade que os vejo faltar descaradamente à palavra dada; deixar sem respeito de comparecer no encontro à hora, etc. Mas na prática dos deveres realmente importantes, a de hoje é como a de há 30 anos, apenas menos carecida e menos medrosa de perder as sopas (e pai agora é rico e há 30 anos, não).

Juventude Comunista, Socialista, etc.? Aquilo são os Pioneiros da URSS, igualzinho à Mocidade Portuguesa, sem farda, alfobres de políticos dos anos 2000. Ao quê vejo esta Juventude quer (e nós, é que fomos estúpidos): curso rápido, sem palavreado, eficácia; emprego aos 20/22 anos; que dê pelo menos, a começar, 50 contos por mês. E os outros? A resposta dela é: que se lixe, mexa-se. Daqui nasce isto — que vive bem sem curar do espiritual (nem lhe lembra), se morrer não importa, se ela engravidar, isso arranja-se, alguns querem voltar à lei da sua razão e só — e por isso, abaixo quanto me contradiga. No fundo, segue os gostos, não a razão.

Não se dá isto só em Portugal. Na Itália, esquece Roma e droga-se mais que tudo. Nas Áfricas apanha-se alfabetizada e foge aos pais para as grandes cidades, que de pequenos, grandes vão ficar: à procura de emprego limpo e se não houver, elas vendem o que têm — foi sempre assim.

Na França é o que se sabe e por isso vejamos que nos diz a de Leste.

Na Alemanha Comunista, o filho do ex-lavrador, alegra-se por o partido lhe ter dado oportunidade de subir, ele que é dotado, e pode assim viajar até Praga com a amiga, que é filha de sujeito da Nomenklatura, — na Hungria até se afeiçoa ao chefe do governo por saber que o desgraçado, nacionalista embora, não a pode libertar que o Exército Vermelho está ali estacionado — vêem? Na Rússia vê-se nisto — já vomita o Comunismo, mas a oligarquia é gorda e é quem manda e quem dá o pão. Ora pão por pão, não pouca juventude opta por aderir ao partido, na esperança de um naco mais carnudo — porque se não fores do partido, ainda andas menos garantido.

Então o que é a Juventude? É o que foram seus pais, estúpido operariado que se entregou a Lenine e o colocou lá no comando. Agora são os filhos da Nova Classe, quem de novo mete o operário na cadeia — como o Czar fazia — e o faz passar fome.

De novo anda esse Leste todo, e a China, com duas classes — a de cima, oligarquia, podre de rica, bem estudada, e a de segunda, operários e camponeses. Claro que são duas, claro que lutam em surdina. Mas se tantos por aí cuidam que a História é tão só a descrição ao vivo de lutas de classes — ricos contra pobres, os de baixo contra os de cima, só há uma coisa que os cure dessas ideias — a prática, um governo Comunista. É o que Cuba já experimenta e os da Nicarágua irão apalpar. Para ela já os Sindicatos não defenderão direitos e só ajuda-

rão a que a produção suba, suba, como se diz em obras que a nossa Juventude não lê. Nem lê este apontamento nem o quer ouvir sequer.

Vinha a propósito dizer da Juventude que as Escolas Cristãs de Braga — Seminários — ensinaram. Mas não digo porque acho que elas falharam. Muitos dos que lá se formam são pouco menos que ateus. O povo não tem culpa, os dirigentes tiveram, também eles. Gostava de ler testemunhos do que pensa a nossa população sobre o valor dos Seminários. Isso poderia ser muito útil para toda a Juventude neste ano de 85. Digam os jovens.

F. de Almeida

O Rito Bracarense no contexto dos Rituais Humanos

I

Ao falar do rito de Braga para um público profano, cuido que temos de o situar e comparar com outras actuações que os homens têm e tiveram. Por exemplo: nas Etnologias fala-se sempre em Ritos de Passagem, ou seja, de trânsito: do ventre da mãe ao ar do ambiente (rito do nascimento), da meninice à juventude (puberdade), da puberdade ao estado de casado, da vida, aqui, ao túmulo. Rito é o mesmo que acção, andamento, processo ou como dizia o professor Palma Carlos, marcha de processo em tribunal: 1.º, o pedido, requerimento, depois o acto de citar o réu, a contestação deste, etc., audiência, absolve, condena. A própria feitura de uma casa tem seu rito: não se começa pelo telhado.

Mas se rito é acção, então ele é vida dos homens. Chamam-lhe também liturgia, nome importado e foi com este nome que o Vaticano II legislou, sem artigos, para a feitura do rito católico, quer dizer, mundial. E o público que tem com isso? — Tudo porque ao prestar culto a Deus, aos anjos e aos santos, é o público o implicado na tal marcha processual. Senão vejam este pouquinho de prosa, do jornal Cardeal Saraiva (Ponte de Lima), de 1 de Novembro, sobre um baptizado: «ao acto presidiu o Prior substituto... na rea-

lidade, a nova orgânica religiosa é sumamente convincente, adequada e participativa». Portanto, aqui temos um leigo a dar seu parecer favorável (percebeu) sobre o rito actual do Baptismo.

II

Vejo um Manual de Etnologia (autores alemães) e vejo-o falar de ritos, rituais, tudo do nosso tema. Casos: África Central, o casamento: «o grande relevo dado à fecundidade e à procriação tem correspondência nos muitos e minuciosos Ritos de Passagem à Maturidade a que se submetem as raparigas, com uma instrução sexual profunda...».

Na África do Nordeste: «em caso de doença ou debilidade senil, o monarca deve ser submetido a regicídio ritual». Na Indonésia: «a par de uma autêntica classe sacerdotal, preparação durante longo período de estudo dos Ritos e Mitos...».

Quer dizer: os etnólogos estudam os factos do sector do Sagrado e verificam que para os primitivos, é um acto de religião matar o rei incapaz, instruir a rapariga sobre a sexualidade, etc., coisas que para nós, são puramente profanas. Nem admira: para os Romanos, casar era um acto sujeito à vigilância do Alto e logo, acto sagrado. Foram os repúblicos de 1910 quem profanizou o casamento em Portugal. Significam os textos dos pri-

mitivos que eles fazem do religioso o centro de toda a vida deles e vivem impregnados de programas não escritos nos actos da vida corrente. Entre nós, como sagrados, subsistem a consagração baptismal, o acto de casar e o enterro, cada qual com o respectivo rito, mandado e descrito em um Ritual e que o sujeito pontelicense louvou.

III

O de Braga, Missal de Mateus, foi o processo de nossos avós louvarem a Deus: no Mateus, as missas do ano; no Pontifical que Vaz refere, os crismas, etc.; no Breviário do Sueiro, as orações dos párocos e outros. Assim, os três venerandos livros fazem-nos imaginar, lendo-os, como faziam os antigos deste linho: à moda da sua terra, diferentes um tanto dos católicos que então havia. Conseguiram, portanto, inventar (eles) um rito ou processo marcado pela psicologia e gostos minhotos. E ao que diz Vaz, foram brilhantes os mestres católicos desta Bracara, sabiam da poda. Só que, se assim é, como vamos nós desmerecer deles? Era o que faltava!

Sobre umas Reflexões Im-Pertinentes

«JUVENTUDE E SEXUALIDADE»

Pelo Dr. Francisco de Almeida

As gentes da nossa Terra passam a ter à mão nada menos que 185 artigos de jornal que o Dom Prior reuniu em livro e me mandou. Os artigos saíram não sei onde. O livro é de 85 e tem 320 páginas mais uns apêndices. Chamou-lhe Reflexões Im-Pertinentes. Ora são bem a propósito, e logo, pertinentes.

Por outro lado, um brilhante advogado de Lisboa mandou-me um romance, de 78, que escreveu e que se chama O Homem que queria ser Papa. Quem me dera ter tão brilhante imaginação e arte de dizer! É o Dr. Melo. Barc. 8/6/85

Tudo isto vai girar em torno da Juventude e a Sexualidade. O pretendente Ugandês a Papa foi avisado de que :

Roma não poderia chegar—nem aspirar ao governo do quase bilião de católicos—porque ser Papa não era compatível com o ter-se 4 ou 6 mulheres.

Nas Reflexões do Dom Prior vejo temas como A Juventude Sabe, Juventude e Educação, Homens ao Serviço do Mal, Coeducação e Ensino, etc.. E no Barcelense de há dias apresentou-se um Oliveira a falar de Sexualidade—pela Cartilha da O.M.S. (Organização Mundial da Saúde).

Ora bem: pus-me a folhear o livro de um professor de Biologia na universidade russa de Leninegrado, o Dr. Nemilow. O livro é A Tragédia Biológica da Mulher. Livro antigo, mas ainda com muita actualidade. Qualquer leitor pode ver uma Biologia—por exemplo a do 7.º Ano, de Pires de Lima e Soeiro. Não falam na sexualidade humana—ao contrário de Nemilow—mas explicam tudo quanto é sexo na rã, na galinha e outros bichos,

Qual a teoria da O.M.S. e do tal Oliveira?—Que se há 100 anos a avó era menstruada aos 15 anos, a mãe já teve isso aos 14 ou 13 e a menina de agora, aos 12 ou 11. Em Angola e Brasil é pelos 10 anos e entre os Esquimós verificou-se que só há menstruação pelos 19 ou 20. E reza o Oliveira: mas se estão prontos para o sexo, quem as há-de impedir? Daí citar: aos 15 anos, em 71—27% o exerciam, mas em 76, a taxa tinha subido a 35%. São as relações pré-matrimoniais. Sweden

Não duvido de que em todos os séculos houve as ditas pré-matrimoniais. Houve. Mas reconhecia-se que era contra a razão

e a lei da natureza (que traduz a de Deus). A O.M.S. não cuida disto. Nem Nemilow. Nem Oliveira. Causou-me sempre impressão a maravilha de engenharia que o corpo da mulher e do homem demonstram. A Fisiologia, a Medicina, a Biologia e agora a Bioquímica, causam

assombro ao explicar pontinho por pontinho, o engenheiro, o génio criador de quem fez a sexualidade. O microscópio há tempos inventado na Suíça, que aumenta 300 milhões de vezes (uma pulga fica maior que um camião), vai trazer à luz do dia muitos mais segredos do corpo

humano, mais maravilhas. Varizes

O meu problema é: porque será que admiramos uma pintura—e chamamos inteligente ao pintor—e ficamos sem nos admirar ao saber (e ver fotos) de como um óvulo de rapariga vai dar um menino ou menina? E sem a rapariga intervir nada! Aquilo é que se chama Automação! Mas quem foi que programou—dê o poder—de tal maravilha se realizar? A educação sexual tem de começar por aqui. Nem me alarmo se não começar por aí já que não há melhor que os anos para curar as loucuras de sábios ociosos e políticos tontos. Barc. 8/6/85

Por exemplo: conta o Dr. Wels, um ateu

traduzido por outro. Oscar Lopes, no 3.º Volume da História Universal, que por 1860 os sábios viraram darwinistas, evolucionistas—o homem vem do macaco! Ora toda a gente sabe que isso é falso e a moda de o dizer é hoje dos políticos, dos marxistas, não das Ciências exactas. Essa teoria fez que um ror de gente perdesse a fé. Diziam: se o homem vem do macaquito, então Deus não o criou nem Eva pecou nem Cristo é Cristo!

Mas só se convence disto os que querem pulso livre para se atirarem ao sexo e ao mais que Deus regulamentou.

É verdade que na China, em Roma, etc.,—diz Nemilow—castravam a gente como se faz ao boi ou à porca (para terem juízo!). Mas isso é que é contra Deus. É dura a força sexual. E Nemilow reconhece-o. Mas reconhece também quanto a sexualidade faz do homem e da mulher seres de alta valia. De tal modo que Nemilow se revolta dizendo que José não é José, mas um iludido sexuado que cai na ratoeira do sexo. Maria, na mesma: toda programada para ser terna e dar óvulos e esperar noivo e se fazer escrava dos filhos.

Nemilow é um hedonista, um pessimista. A biologia da Mulher não lhe traz infortúnio e sim a grandes coisas: se não fora a biologia, nem Maria de Nazaré podia ter sido a Mãe de Jesus Cristo. Só com esta diferença: A Mãe de Jesus aceitou ser Mãe dele. E muitos dos nossos teóricos não querem que a mulher de hoje se ofereça para mãe. Então quê?—Que se herte! Daí a Coeducação, o ataque ao ensino dos colégios, etc., etc., que Dom Prior vergasta. E precisava de chicote mais brávio. Sweden

Vou já muito comprido para o que queria dizer: comentar dois livros e um artigo do Barcelense. Só este aviso: estudem os factos—todos—da Sexualidade, mas, louvem as maravilhas que ela é, em

vez de ma deturparem. Nem tenham medo: Deus que a fez sabe bem porquê. Por mim, louvo muito a Deus, Engenheiro, que pensou e pôs a andar a maravilha que é o sexo humano. As Escrituras di-

zem que tudo o que é astro no céu prova o dedo de Deus. E eu digo que o sexo o prova ainda mais: pensem nele como gente, não como bestas.

A nossa saudação às Nações

Considerações sobre Macau

As agências informam que Roma acaba de elevar à honra de cardeal mais uns quantos cidadãos de países deste grande Mundo. Resumindo, dá o seguinte: os 28 novos cardeais provêm do Canadá, da Itália, da Índia, etc.

Assim, dos cento e tal países que há no Mundo, 56 já têm pelo menos um Cardeal—dignidade máxima das chefias católicas. Dos novos cumpre destacar em 1.º lugar a Etiópia, depois a Rússia, os Checos e a Nicarágua. Todos esses povos passam assim a ser eleitores quando for preciso eleger Papa. Quem diria não já há 500, mas ainda há 100 anos, que em 1985 os católicos da tão longínqua Índia, da verde Nicarágua, da faminta e crismática Etiópia, haviam de chegar a eleitores do Papa? Que longe estamos dos anos em que os padres de Roma e arredores impunham ao Mundo todo, a sua escolha!

Que a Índia ou a Etiópia tenham já seu cardeal custou rios de suor a milhares de homens e mulheres que criaram um povo que serve agora de apoio ao Cardeal. Foram então os missionários. Eu só passo mas é de como se chegou aos anos 1500 sem os Etiopes, os Americanos, os Chineses serem cá conhecidos. Mas foi o que sucedeu, só que, sem Portugal, esses povos não conheceriam o Papa nem a Europa senão muito para cá dos anos de 1500.

Deste modo, nós Portugueses, descobridores das Nações, com muita honra, alegria e orgulho devemos saudar esses filhos das Descobertas ao merecerem que o Papa lhes dê seu cardeal. Alegramo-nos com os homenageados. ~~***~~ *Cân 13/6/85*

E dito isto, faremos uma pausa para apreciar a estátua que Coimbra levantou em honra do Papa. Porque infelizmente ainda vamos nisto — um pastor protestante não quer lá a estátua! Teve a resposta que merecia e foi esta: «quer queira quer não (queira) o Pastor Daniel, João Paulo II têm a missão suprema de ser o pastor de milhões de almas... e o seu apostolado tem sido de molde a espalhar o Amor fraterno entre os homens... Lastimamos que a Igreja Evangélica não tenha também um vulto proeminente...»

De facto qual o chefe protestante que governa sequer 50 milhões de almas? Qual o chefe protestante que se assemelha ao Papa João Paulo II?

Concluimos então que foi um erro, até político, o que Lutero, Calvino e Isabel de Inglaterra fizeram quando os Portugueses andavam nos Descobrimentos — que iam até Macau. De concluir é ainda que precisamos cá cada dia mais, de uma História, breve do Cristianismo em Portugal. Nem me falem daquela abelhuda, do lisboeta Padre Miguel de Oliveira, que não é coisa que se leia. Ora pus-me a ver a lista das obras feitas em Portugal e que existem na Biblioteca dos Acores.

Lá se vê: o Preste João das Índias — do ano 1540, do Padre Álvares, é a Etiópia. E a Terceira Década da Ásia — do ano 1563 — que já é capaz de já falar sobre Macau. E as Cartas dos Padres e Irmãos Jesuítas, vindos do Japão e da China (aqui,

Macau) — do ano 1598; hão-de significar que nesse tempo, os da Metrópole gostavam de ler relatos dessas longas gentes. E ainda uma Hystória de la yglesia — impressa em Coimbra (vergonha nacional por ser em Castelhana) — em 1554. Seja: mal, mas

Saudação às Nações

(Conclusão da 1.ª pág.)

já então por cá se estudava a História Geral do Cristianismo, o que hoje raros conhecem.

Concluo então que há que fazer com que às elites e até ao povo se levem conhecimentos correctos do que foi a vida dos Cristãos Católicos, desde os princípios. As falhas que houve só provam nela a mão de Deus.

Mas... e a nossa História missionária? Confunde-se em parte com a das Descobertas. Mas a missionária de Macau nem só nossa é, apesar dessa coisa que se chamou Padroado. E pus-me a rever o Wels sobre a História da China. Foi decerto interrompido o intercâmbio com os historiadores chineses após 49. Os do livro Vermelho isolaram-se.

Seja como for, já em 1930, as elites chinesas faziam quanto podiam para não continuarem isoladas como até ali. Daí o cuidado deles em comparar a História política da China com a do Império Romano. É muito elucidativa tal comparação.

E Macau? Foi o fruto desse isolamento e remédio parcial contra ele. Mas quem de nós conhece mais que umas leves tintas sobre a História de Macau? Quantos descendentes de Portugueses há nos seus 500 mil habitantes? Macau, se não fosse a China, o governo que agora o quer entregar a ela, etc. — deveria ter um Cardeal, farol para a oprimida China. cv. 12/6/85

Aí vai Hong Kong parar às mãos de Mao. Aí vai Macau também. E como se vai garantir, ao menos em Macau, a liberdade e fidelidade à Santa Sé de que Macau deu provas desde o seu 1.º bispo, ainda nos anos de 1500?

Eu entendo que o governo não pode decidir isso tudo sozinho. Os católicos do Continente (Portugal) têm uma palavra a dizer. Ou então traímos aquela gente. Deus me livre de trair ninguém! Logo: levantem-se e exijam garantias para os católicos de Macau, que são 50 mil.

Lx. 27-5-85

ACÁCIO TORRES

Os gestos e danças e cantos e orações dos primitivos, que disse, e os dos falados Vedas na Índia, são pagãos, invenções do homem, como o Bracarense invenção do homem é, já que Cristo estabeleceu doutrina, mas não os modos (ritos) de adorar.

IX

Ocádo 9.1.86
No Bracarense de Mateus, vindo do fundo das idades, como era o rito de um enterro? Por que processos se baptizava? Mandamos os Etnógrafos (recolhedores de rituais pagãos) atender a pontos como estes: 1) a eficácia religiosa; 2) postura (técnica do corpo) no rito; 3) se usa lume (fogo) e onde o coloca; 4) matérias dos objectos (alfaias: barro, ouro, etc.); 5) agricultura e rito; 6) o vestuário (paramentos); 7) tipo do edifício sagrado (diferentíssimos de cá até à Oceania, mesmo neste ano de 85); 8) a Estética (o belo) no rito, a elegância, a grandiosidade (os bizantinos encham a boca com o rito deles, oriental, Santa Sofia); 9) o rito como jogo (ocupa) e como tacto (instrue); 10) contributo das Artes para construir o rito (a literatura, textos), pintura, escultura, canto (música); 11) rito e posições sociais do público (o rei tem deferências, mesmo que igual, perante Deus, ao mais pobre do povo); 12) de que vivem os officiantes do rito e a pirâmide deles (hierarquia); 13) o rito como fenómeno jurídico obrigação de o público, população, assistir; 14) rito como sociedade só de homens; 15) rito e família: acto de a fundar (casamento) cerimónia dele, a vida do casal, a viuvez; 16) rito e impacto na propriedade (bênçãos, etc.); 17) rito e acção penal para com os desse rito; 18) rito e impacto na moralidade, privada e pública; 19) rito e fundamentos doutrinários que o perpassam (catequese, Escritura, etc.);

20) rito e cultos (errados certos, em público, individual em casa, e até os cultos tribais, ritos orais, manuais). Por fim, os abusos: magia e superstição.

V

Deste modo, como o rito tem agentes, lá vêm os xamãs da Sibéria e outras bandas, um nunca mais acabar.

Ora entre os pagãos, os ritos pouco têm de recto: enormes os erros de doutrina — até na ideia de Deus, e nas práticas que não poucas vezes são imorais contra a bem ordenada razão.

Na história da filosofia Indiana, coisa que os nossos, que por aquelas bandas

andaram, não quiseram ver, fala-se que de Goa a Calcutá e do Pasquitão actual até Ceilão, os 250 anos que foram desde o ano 1000 a 750 antes de Jesus Cristo, constituíram uma época sacrificial, época dos Vedas, arianos. Estes, poucos mas fortes, invasores, ficaram a elite e quanta gente lá havia passou a escravo. Mas o invasor trazia ou criou famílias onde eram recrutados os sacerdotes, de pais para filhos, sabedores do Sânscrito escrito e dos segredos rituais. Só que tais ritos foram deturpados (miséria dos humanos!): porque não se destinam a louvar a Deus e sim a exigir, quer dizer, tornaram-se em Magia, actos com que pensavam obter da divindade o útil aos desejos do homem. Ritos virados do avesso porque os indianos quiseram apossar-se dos poderes de Deus, em vez de se submeterem a Deus. E como Deus não verga, foi o diabo fazer-lhes o que queriam, enganando-os! E já desde há mais de mil anos antes de Criso.

Conclusão

Há portanto muitas pistas para abordar, comparando-o com outros ritos, a beleza, a riqueza e a santidade do Rito de Mateus que os de Braga nos deixaram. Havemos de ser dignos filhos dos Antigos.

UMA HISTÓRIA PARA AS PRESIDENCIAIS

Pelo Dr. Francisco de Almeida

03.01.86

Era uma vez, pelos anos de 1830, uma família da Pousa que comerciava na grande cidade do Porto. Vai senão quando, essa família aderiu ao partido dos Liberais e por isso ficou na mira dos do outro partido, que eram os Absolutistas, também chamados Miguelistas. Tudo bem. Até que, no Porto, os Absolutistas passaram à mó de cima. E aí é que foram elas: a família da Pousa, para escapar a um enforcamento certo em qualquer carvalheira em que o Porto abundava, como ainda se vêem ali perto da cidade, na Maia, resolveu dar à sola, a pé, para vir em mais segredo, para se refugiar numa quinta que tinha em Cabreiros. Mas havia lá, na casa do Porto, uma gata, que andava no fim do tempo, e tam-

bém a gata resolveu fugir do Porto para Cabreiros.

Ora, durante a viagem, os donos fizeram alto para dormir e, ao acordar, aparece-lhes a gatinha a trazer para junto deles um filhinho pelo pescoço; entregue esse, foi buscar outro. Os nossos Liberais não tiveram coragem de não carregar ainda com os dois filhinhos da sua fiel serva. A gata morreu depois, em Cabreiros, de fome ou da caminhada, mas salvou os dois pequenos. (Monografia da Pousa, de 1979, pg. 178).

(Continua na Quarta Página)

O BARCELENSE

UMA HISTÓRIA

(Continuação da Primeira Página)

Cu-
or-
ra,
lô-
e-
ra

Como vêem, sempre houve partidos ou gente de pareceres diferentes, às vezes até opostos: um, a dizer sim, e outro, a dizer não. Agora não temos dois partidos como em 1830, mas quase um

18-1-1986

IA PARA AS PRESIDENCIAIS

cento deles. Tanto que os candidatos a Belém, depois de peneirados, são ainda quatro dos graúdos. O dos Comunistas até só quer já que lhe elejam o Zenha. Há dias, em Lisboa, dois maduros até fizeram a seguinte aposta: Freitas ganha — pagas-me 500 paus; Freitas perde — pago-te eu os 500\$00! Se Freitas perde, quem ganha então o mando de Belém? Isso não apostaram. Mas cuido que ambos os apostadores excluíam, se pudessem, 3 dos candidatos: 1.º, o pior, Zenha; depois, a Lurdinhas e por fim, o Soares, já gasto e cansado. Se todos fizessem apostas, isso os obrigava

a não ficar em casa. Quem fique em casa devia, por castigo, ser metido nu até ao pescoço, nas profundas do nosso Cávado, logo no dia seguinte às eleições, 27 de Janeiro. Podia morrer essa abstencionista, como a gata do Porto, morreu. Mas deixava fama, libertando-se ele, e a nós todos, da vil tristeza que Camões tanto vergastou. Mas será que algum leitor está interessado em votar nos Miguelistas de 1986? Curiosamente, esses dão hoje por nome de Eanistas, comunistas, zenhistas.

Fazem-vos exilar em Cabreiros.

03.01.86

A luta das Presidenciais

Política

Vai Portugal com 10 milhões de residentes e se todos os emigrantes votassem, seriam 14. Os inscritos para votar, ainda são uma boa soma — uns 5 a 6 milhões de pareceres ou de aprovadores.

Para já, têm de dividir-se, necessariamente, em pouco mais de que 4 lotes, tantos são os candidatos reais, a saber = \times para Freitas, e 100 menos \times para os 3 restantes. Ainda que Freitas contasse só com 29% do Cavaco (P.S.D.) e uns 10% dos ex-Freitas (C.D.S.), isso dava-lhe uns 40% — que é necessariamente mais que 100 — ou 60% a dividir por 3 (Soares, Lurdes e Zenha). Logo: Freitas é sempre o maior pelo menos no 1.º round. Mas o meu vizinho Macedo sustenta que o povo vai raciocinar assim: Freitas ganha à 1.ª porque é o maior; e ganharia à 2.ª porque o povo tem medo do Zenha (que o candidato Veloso só ajuda a prejudicar) e medo da Lurdes porque não confia nela e medo do Soares porque já deribou demais. Logo e para evitar trabalhos, o povo votará logo à

1.ª no Freitas, o que desgraça os outros 3, derrotados. Pior, o da Convergência!

Hoje estamos melhor que em 1836 e 1820 — como se vê dos nomes e números publicados em Exposição para os Constituintes de 1975.

Vejam alguns dados: os deputados eram homens de leis (1821 — eram 39; 1837 — eram 31; 1911 foram 16. Os padres foram = 16,5, 1 (decerto que era maçom). E os operários? — 0, 0 e 1! Belos democratas, estes de 1821, 1836 e 1911!

Mas agora votam em massa. Em qual? No Freitas ou qual dos outros? O Cunhal anda triste porque enorme fatia do operário, em vez de seguir o seu conselho — e logo, vote Zenha — prefere a Lurdinhas. Se as mulheres votassem na sua, na mulher, Lurdes ganhava já que dos votantes, mais que 51 por cento não são varões. Mas vejo tanta mulher a dizer mal da Lurdes! Pelas mulheres, ela não vai lá. E se fizerem como as de Ponte de Lima,

quem ganha são os do C.D.S. — o que faz os «democratas» de Ponte, após as autárquicas, deitar lume pela boca, tanto a APU perdeu lá em Ponte!

Em 1820 e 1836 só deram direito de voto a 300 mil sujeitos — o que dava 10% da população. Em 1914 já o deram a 850 mil, seja 14% da população. Agora é diferente e para mais, já não conseguem tirar o voto às mulheres e estas não gostam nem de ditaduras nem de habilidosos Zenhas.

Logo as mulheres votam... Freitas, cuja campanha vem sendo sem falhas, convincente.

É claro que isto também desagrada à oculta Maçonaria. Oculta porquê? Porque, como se vê no livro do maçonete, Jorge Ramos, ano de 1975, ela não tem coragem de dizer o que é, para que é que serve, o que pretende, ao público, a nós, «os Profanos». Ela tem a Alta Venda, para nos vender os olhos a todos ou vender a pataco, ela, a dos «sábios».

Pena que seja assim, mas já o era por 1918, diz a Monografia da Pousa, tanto a págs 237 como na pg. 172. Na 1.ª mostra-nos a jovem Cristina, nos anos 300, a ser tortu-

rada pelo governador da cidade, o pai dela, Juliano, o seguinte, Dion, um outro, Urbano, todos do partido dos deuses antigos contra o partido do Cristo. Na 2.ª, os monárquicos da Pousa, em 1918, a queimar a bandeira dos Repúblicos e a apresentá-la (não queimada!) aos intimidadores de Barcelos! Queimaram mesmo, mas quem em Barcelos ficou mal visto, caluniador, foram os republicanos da Pousa.

E agora: por quais lotes se vai dividir a Pousa e as mais 100 freguesias barcelenses? Eu só digo que se as chefias de 1910 a 26 não fossem loucas, não seria preciso a Ditadura de 1926. Zenha, por si, não dá ditadura mas pode não a poder

evitar. Os chefes só mandam enquanto os de baixo obedecerem. Como vão obedecer a Presidente, prisioneiro de conselheiros tolos? Diz-me com quem andas... Pelas companhias dos candidatos poderis decidir quais candidatos afoagar, derrotar, não aprovar. E se as chávénas do Dr. Malpique nos trouxessem notícias sobre História Política?

Francisco de Almeida

Carta de Lisboa

Pus-me a ler o vosso jornal, o Vilaverdense e reparei que já não cabe em si. Vai em seis páginas. A letra, para caber tudo, é pequena demais. Passá-lo a semanário é coisa que está a fazer falta.

ANÁLISE POLÍTICA

V. Verdura 2/2/86

Análise é comparar os votos. No Vilaverdense de 27-10-85 aparece uma boa coisa que são os votos por freguesias.

Primeiro reparo: a população, para quase sessenta freguesias, é escassa — só umas 45 mil pessoas. Fiz classes dos inscritos e deu-me isto: freguesias com 100 a 200 inscritos, são 5; de 200 a 300, 15; de 300 a 400, 11; de 400 a 500, 6; de 500 a 600, 1; de 600 a 700, 5; de 700 a 800, 3; de 800 a 900, 1; de 900 a 1000, 2; de 1000 a 1100, 2; de 1200 a 1300, 2; de 1300 a 1400, 1; de 1600 a 1700, 1; de 2500 a 2600, 1. Apenas 6 freguesias têm mais que 1000 inscritos e só uma tem mais que 2000. Concelho bastante

despovoado com a sede a pesar menos que Prado.

Outro reparo: de 1983 para 1985 os inscritos aumentaram em 2095 unidades. Onde vem esta subida? Gente regressara às origens, da França e da Alemanha?

Mais 2 mil inscritos e contudo, os votantes de 85 foram mais que em 83 apenas 867 unidades. Ficaram em casa (abstiveram-se) uns 1200 sujeitos.

E se os inscritos eram 30 mil e só 22 mil foram votar, um dos maiores partidos é o dos abstidos, com quase 30 por cento. Votos Brancos: são covardes que vão só para que se não diga que... mas somam apenas 93. Os Nulos: estes são uns revoltados, a partir tudo: nenhum partido, dos muitos que temos, lhes serve. Gente perigosa e foram 610 — um batalhão da tropa, 4 companhias grandes. A Democracia Cristã: não percebo como houve 343 votos para estes sujeitos. Só Coucieiro lhes deu um zero. Felicito-os porque esse

partido não é o que parece e diz ser.

Quanto ao caldeirão da APU: já é tempo de o Cunhal não ter medo da Foice e martelo que tem por emblema. Vale-se da muleta do MDP e dos ecologistas (os das verduras) que, se fossem por si aos votos, fariam o Cunhal cair mais fundo do que caiu em Outubro findo. O comunismo está visto: teoricamente é um erro e na prática mete tudo na Sibéria. Mas deu-lhes Vila Verde ainda 721 votos, um pouco mais que os nulos. Novidade: deram-lhes um zero os de Gondomar, os de Marrancos e os de Penascas. Abriram os olhos ou quê?

Dos Maoistas (pró-chineses): a estes ainda deram 113 votos, o que significa que há entre vós 113 tão utópicos como o Arnaldo de Matos. Mas é um bom orador. Os Albaneses tiveram 117 votos, o que significa outros radicais, arrasam tudo como o Tomé.

Outra nota: as gentes não votaram no partido, mas na figura, porque Cavaco foi que seduziu — e não o PSD; Massleiros. Quer dizer: na roda do ano, visitam a casa do Santo, povos de quase tudo quanto é mundo!

Conta esta que extraiu do Livro de Visitantes: «Meu querido S.to António: Aqui te faço este pedido: dá-me um companheiro honesto, trabalhador, respeitador, temente a Deus que comigo case pela Igreja e venha preencher esta minha solidão, que é tão triste!» Não pensei que o Santo também tinha de resolver problemas destes. Mas o problema existe. Por outro lado: anda aí um boletim sobre o espanhol Balaguer, fundador do chamado Opus Dei. Relata o que diz uma pretita do Quénia (África Oriental): que queria ser baptizada mas o pai não lho permitia. Ora o futuro São Balaguer mudou a ideia e o coração do pai da moça e ela tornou-se católica.

Ponto final nesta carta que vai mais comprida do que esperava.

1-11-85

Francisco de Almeida

nuela foi quem venceu e não o PRD, o CDS perdeu o Freitas e logo se estendeu; como foi erro do PS tirar o Mário em quem as mulheres confiam. Quem deu votos ao incrível PRD? As perigosas mulheres que se movem por simpatias, o coração.

De freguesia a freguesia: porque é que Aboim, de 614 votantes, deu 10 votos à APU e 6 ao Tomé, quando Cabanelas, com 811 votantes, foi dar 29 à APU e 15 à UDP?

Cabanelas é 3 vezes mais radical que Aboim. Algumas razões fizeram a UDP em Prado — a maior freguesia — ter menos votos que em Cabanelas.

Porque andam, em Cabanelas, tão radicais? Os radicais são de cabeça dura: não mudam de ideia, de ideal, de desejos, apesar de saberem que são fatias bem pequenas!

CURIOSIDADES

Quando vierem a Lisboa, não deixem de visitar a casa onde Santo António nasceu. Vi agora, quase por acaso, o

jornal VOZ de SANTO ANTÓNIO, editado pela igreja dele. Diz que faz quinhentos exemplares por mês e é gratuito (o que já é raro nesta época).

Vai no ano 13 e o de Julho/Agosto informa que os visitantes ao berço do Santo (junto à Sé de Lisboa) foram: 261 italianos, 231 alemães, 215 franceses, 163 ingleses, 126 belgas, 92 espanhóis (muito pouco!), 86 americanos, 67 suíços, 46 irlandeses, 26 holandeses e 20 austríacos — tudo em Maio de 85. E em Junho, até 41 polacos e 21 bra-

A Propósito da Unidade dos Cristãos (Jan^o)

Francisco de Almeida

C. Sar. 7.2.86

Alguns leitores ouviram falar que a semana que vai de 18 a 25 de Janeiro é chamada o Oitavário pela Unidade dos Cristãos. Porquê? Decerto porque andam desunidos, dispersos. E porquê ainda? Por razões semelhantes àquelas que causam partidos diferentes num mesmo País. Vejam números da Revista que já vos disse, a Além Mar, de Janeiro de 86: em Portugal, os jovens (20 a 24 anos) declararam-se: 76 por cento — católicos (e destes 29% praticantes), ao lado de 471 não praticantes; 1% protestantes, 10% muçulmanos, hindus, budistas, 13% ateus. Isto dá-nos de cristãos, declarados, 76% mais 1%, ou 77% da população. Logo, os não baptizados ou não cristãos, somaria 23%.

Comparando com outros países (dados do ano 74): Argentina: cat. 93%, protestantes 3%; Brasil: cat. 88%, prot. 7%; Canadá: cat. 43% e prot. 45%; An-

gola: cat. 45% e prot. 15%; Coreia do Sul: cat. 3%, prot. 13%; Holanda: 41% cat. e 40% prot.; Japão: 0,4% cat. e 0,6% prot., etc. A mesma Revista informa acerca do Quênia (a Norte de Moçambique): Diário da Missão de Kariobangi (bairro perto da capital, bairro de lata), padre Ferreira:

«A população (do bairro) calcula-se em cem mil pessoas — mosaico de tribos e culturas — paraíso de miséria — Na melhor parte do bairro já há luz eléctrica». E depois: não lhe dei dinheiro, chamou-me espião. A noite, qualquer lugar serve para as almas se venderem e os corpos produzirem o dinheiro que o trabalho (que não há) não deu. Ao Domingo, seitas. Os católicos têm 1 igreja e 3 capelas, 45 comunidades de base, as crianças baptizam-se aos milhares (a sede de Deus é grande), etc. Em 1974 o Quênia tinha 22% de cat. e 37% de protestantes.

Ora bem: nestes nossos lados, isto de Unidade dos baptizados quase nem é falado. Motivo: o problema não existe, todos são católicos. Mas pelo que mostrei atrás, num Canadá, um Japão, uma Holanda, um Quênia, defrontam-se de um lado os Romanos

(Continua na 4.ª página)

A Propósito da Unidade dos Cristãos

(Continuação da 1.ª página)

nos e do outro, os anti-Romanos. Estes formaram outrora o grupo dos Ortodoxos (hoje divididos em bizantinos, como os Russos e iacobitas e coptas, etc.) e os Protestantes (subdivididos em mais que 200 correntes: Baptistas, Metodistas, etc.). Como pode ser isto se o Cristo mandou que todos fossem um só? Mas é! Todavia, tanto os Governos civis como as chefias religiosas procuram corrigir a coisa. É o movimento Ecuménico, da Unidade. Melhor se diria que Cristo ordenou não já a unidade, mas ainda a unidade — um só Povo, um só Pastor supremo (Pedro). C. Sar. 7/2/86

Não é fácil obter a unidade de porque na natureza dos humanos está esse fervor pela independência, ser ele a mandar (nos outros), o que Marx chamou — e aí tem razão — domínio, explorar o próximo, sugã-lo. O roubo é sugar o próximo.

Assim sendo, temos que os subgrupos protestantes só têm isto em comum: serem baptizados. Em quase tudo o mais divergem, e é por isso que em algumas terras novas os povos se fazem protestantes: estes autorizam o que Deus proibiu, divorcio por exemplo. Diz na Revista o pastor Cardoso: o protestante é em Portugal pigmeu face ao número de católicos. O entusiasmo ecuménico foi crestando desde há uns anos, aqui e lá fora (Inglaterra, França, etc.), já que há protestantes a chamar

traidores aos que dialoga, e se consertam com a Igreja Católica. E porquê? Lá se me vai o meu comando das coisas!

O comando, romano, disto da Unidade (com ortodoxos e com Protestantes) está num Secretariado papal, criado em 1960. Em 64, os Ortodoxos pediram adiantamento, desde 67 reu-

niões com os Luteranos, desde 72 com os Pentecostais, desde 75 os Ortodoxos retomam o diálogo com Roma, etc.

Não será tão cedo que uma Suécia, Noruega, Inglaterra, oficialmente protestantes (o governo paga aos párocos) voltarão ao Comando único de doutrina, etc., se bem que os católicos ingleses passaram de 50 mil nos anos 1850 para 100 vezes mais no de 1974 — 5 milhões. A mim me impressiona o consenso e unidade dos quase 800 milhões de católicos que há. Como é possível, onde se tende para «cada cabeça sua sentença», manter unidos ao Papa 800 milhões de sujeitos de todas as raças e cores, línguas e lugares da Terra? Bem escreveu o «Cardinal Saraiva», de 10/1/86 — Homem de Esperança: porque sei que a História da Igreja (Católica) é toda cheia de maravilhas. Mas o Oitavário e bom para aproximar os baptizados fazendo que evitem os coices uns aos outros.

11513

11513

11513

HONRA AO MÉRITO

A MONOGRAFIA DE ESMERIZ E O NOSSO TEMPO

I

Não sei porquê, resolveram os de Esmeriz, terra de Famalicão, publicar uma História da sua freguesia. Mas ela é tão "enorme" que qual-quer, de Esmeriz ou de fora dela, há-de levar bons serões até que a possa ter lido todinha.

Não admira, portanto, que José Miguel tenha dito no jornal CIDA-DE HOJE (Famalicão) que tal Monumento – a monografia – custou dois mil contos! É dinheiro.

Pus-me eu também a vê-la (que ma mandou o ilustre Abade de Esmeriz, Padre Joaquim Carneiro) e do que vi dou notícia aos leitores deste jornal, O Cávado.

II

Fique desde já bem claro que eu não a saberia fazer tão a preceito. Aqui os meus louvores ao Dr. Neiva Soares e ao Abade Carneiro por tamanha investigação que fizeram.

É claro também que eu não a escreveria pelo método que os autores usaram.

Cávado. 4-5/78 III - 72.722 —

III

Resumindo, resumindo, também nela não temos nada por exemplo, sobre um capítulo famoso que é os Mártires Cristãos. Concluo então que neste nosso Minho nunca custou o sangue das veias o ser-se cris-tão. Mas eu entendo que fazer-se história da freguesia é um trabalho de muito alcance pastoral: ela mostra aos de hoje e aos vindouros como se foi cristão há 1000 anos a esta parte.

IV

Os temas ali tratados hão-de ser aprofundados, este por uns, aque-le por outros. A descrição de Esmeriz só agora começou. Por exem-plo:— no Iraque, na Pérsia, há igrejas católicas no meio de um mundo islâmico e isso já desde 1000 anos. Como se comportou o povo de Es-meriz quando a nossa terra esteve sujeita aos Muçulmanos? A de Es-meriz abordou isso (pág. 23). Tomaram por padroeiro o apóstolo Pe-dro. E há tanto a dizer sobre este homem! Outro santo que lá veneram é Marçal. E porquê o São Marçal lá? Admiro como é que o Santo de As-sis, agora muito falado, teve nos de Esmeriz tamanha implantação desde 1741, como se vê das listas que publicam sobre os respectivos irmãos. Belo trabalho de recolha (também listas das receitas e despesas e até dos empréstimos, quando ela fazia de Banco Rural).

V

Outro tema do maior interesse é o do movimento da população — nascimentos por ano, e desde o longínquo ano de 1531 — há 500 anos! Bela chegada para a demografia histórica (pág. 405 e 419), sem esque-cer os ilegítimos que sempre houve e vai continuar a haver — é das re-gras. Outro tema que voltou a ser actual é o das **Anexas**: Ontem por falta de gente, hoje por falta de párocos. Nem esqueceram as celebri-dades que na freguesia brotaram (pág. 517).

Mas não vi nada que cheire aos agora falados Descobrimientos (Bra-sil, Áfricas, Índia, etc). Por isso é que uma Monografia tem de ser sem-pre completada.

VI

Se um Japonês, Brasileiro ou Africano a lêsse, havia de ficar pasma-do com o nosso sistema, antigo, de assegurar a Côngrua, quer dizer, suficiente sustento do pároco. Porque... como foi possível a instituição paróquia, igreja, ter obtido a propriedade de tantos campos, bouças e leiras? Foi o que deu haver muita terra e pouca gente. A paróquia, tam-bém ela, tinha seu dote, como uma noiva. Isso acabou e nas Áfricas não há dotes.

Outrora, o Seminário viveu também da quota que Esmeriz lhe man-dava. Como isto mudou! E vive-se. É bom não esquecer que na Ale-manha de 1500 lavrava revolta funda contra Roma, exactamente por causa das chamadas Anatas (impostos para as despesas do Papado). E agora? Roma vive, apesar de em 86 as despesas terem sido quase o dobro das receitas. Esmeriz tem de ajudar nas despesas do Papa, mas não se é forçado como outrora foi.

E não vos digo mais por falta de espaço. Aconselho a que façam es-crever a história da vossa freguesia.

A de Esmeriz mostra como se procuram dados. E o Sr. Cónego Vaz, nos Cadernos de Liturgia, que O Cávado tem trazido, também ajuda.

Honra ao Mérito.

fra Almeida —

Acácio Torres

69

-M 9

ESMERIZ—MONOGRAFIA—À LUZ DE UM MANUAL DE TEOLOGIA

03mar.7/5/88—

I—Vão pensar os leitores: à luz da Teologia? Mas que é isso? Aqui não usamos! Vão ver que não é assim. O tal Manual, que o é como outro qualquer, de Filosofia, de Agricultura, de Electricidade, etc., começa por *Advento Futuro de Cristo*.

A Monografia não trata este tema, mas supõe-no. Na verdade, mesmo numa paróquia, as opiniões acerca do regresso de Cristo à Terra, dividem-se. Falta saber os quantos por cento (10, 20, etc.) de cada opinião. O tema seguinte do Manual é este: *O Amor (afeição) e o Ódio a Cristo*.

Não estranhem. Creio que em qualquer freguesia há sujeitos que sentem assim ao falar-se do Messias, o Cristo: os que ocultamente O odeiam (repelem), os indiferentes, os afeiçoados. Cada um de nós desagrada a uns tantos (diz-se: não agrada Gregos nem a Troianos que são como América—Rússia). Na de Esmeriz refere-se que todos eram baptizados (e isso é sinal de adesão a Cristo, entrada no grémio ou sindicato ou grupo dos fiéis e filhos de Deus). Mas quantos não entraram no Partido X e se voltaram contra ele? A Natália Correia a Helena Roseta e agora a D. Zita Seabra que anda às turras com o Dr. Cunhal. Ao menos parece-me que Judas, se traiu, não odiou a Cristo. Seja como for, a praga dos Não-Praticantes também grassou sempre nas aldeias. As Monografias é que não descem a esses pormenores.

II—Seguidamente, o Manual

sus no exílio do Egipto, etc.. A primeira vez que desses livros ouvi falar foi em Braga, o que mostra que a cultura religiosa das aldeias é de nível muito baixo. Bem sei que importa mais a Boa Vontade que o Saber, mas o povo devia saber.

Segue-se no Manual o tema *Apostolado*. Este ano fala-se de um Congresso do Apostolado dos Lei-

passa ao tema *Anjos*, palavra que diversos adoptaram como apelido: João dos Anjos ou José de Anjo (como em Galegos). Não vi este tema referido na de Esmeriz e lá fala-se deles (é evidente), pelo menos nos cursos de Catequese (que são a escola de fé e de moral). A catequese trá-la a de Esmeriz na pg. 487 e diz: «É também essencial a formação e instrução religiosa». É verdade e eu acho que é por falta da Catequese que se vê um caso como este: o sr. dr. x toma posse de um juízo em Lisboa. Esse juízo fica no andar Y de um prédio. Nesse prédio há mais 3 juizes, todos mais antigos que o dr. x. E o dr. x nem subiu ou desceu um andar para dizer aos colegas (que já lá estavam): —aqui estou! É o cúmulo! Imoral? Sei lá! Julguem os leitores.

Voltando aos *anjos*: há grupos na América que se dedicam a venerar o diabo! Aberração? Há dias fez-se na Itália do Norte um congresso para debater se há ou não há diabo, Satanás. Mas se ele é um ser como a alma de um homem, evidente é que não podem provar que há, senão por «obras do diabo». Ninguém viu o vento, mas ele até arranca pinheiros grandes.

III—Apócrifos é o tema a seguir e refere-se a Evangelhos, etc., que os Apóstolos não aprovaram, melhor, não há provas de aprovação. São livros curiosíssimos de sujeitos cheios de imaginação que descrevem como foi a vida de Je-

gos. A Monografia refere apóstolos, que foram muitos dos párcos de Esmeriz. Honra lhe seja que não vi nunca tão aprofundadas biografias dos que foram pastores de uma freguesia! O capítulo sobre os párcos não é capítulo, é um tratado! Ah grande e brioso Abade Carneiro, de Esmeriz!

Vejam lá que com tão poucos temas lá se me vai o papel todo!

IV—Segue o tema *Apóstolos*, mas não o trato se não para dizer que Esmeriz escolheu o Pedro para orago. O que Cristo foi fazer de um simples barqueiro! E sem o trabalho de estudar anos, fê-lo Doutor dos Povos. Mais: fê-lo Seu Substituto. É incapaz de errar ao falar de Deus e chefe dos outros todos, etc., etc.. Atenção: não o livrou de se ser assassinado. Com o argumento de que Ele, Cristo, também o foi!

E nós a pedir ao valoroso S. Pedro que nos não doa sequer a barriguinha! A de Esmeriz não dá grandes traços da devoção a São Pedro.

Do Apostólico: Significa isto que nós aprendemos o que, de boca em boca, vem desde o tempo de Cristo e dos Doze. Na Inglaterra, Alemanha, etc., é diferente: recusaram o apostólico e voltaram-se para as teorias de um Wiclef (anos 1380), de um Huss, (anos 1400), de um Lutero, Calvino e outros (anos 1530).

Cá por mim, mais me quero a errar com Pedro (Roma) do que certo com o Patriarca de Moscovo ou o chefe dos Luteranos ou Calvinistas. Acontece porém, que as freguesias estão a ter também rebentos de Luteranos e outros profetas modernações. Não vi seitas referidas na de Esmeriz e o problema existe, tanto como há-de haver (há sempre adepos de tudo!) adeptos dos nudistas que a nova lei sancionou. Está tudo a escorregar para baixo, o charco. E não vai tardar que surja aí a lei da Eutanásia, que Hitler fez, mas às escondidas (a injeção de petróleo!).

O Manual—de Teologia, como disse, " a a seguir o tema *Ateus*.

Mas destes sabem os leitores melhor que eu e eu hoje não trato mais temas. Que vos ia fatigar. O tema também o não refere a Monografia de Esmeriz.

FRANCISCO DE ALMEIDA

03mar.7/5/88

O Cávado, CAVADINHO, CAVADÃO

De Lisboa ao Minho

Por: Acádio Torres

I

Só em fins de Setembro teve Eugénio via livre para ir visitar os seus ao jeito do mínimo católico: ao menos uma vez cada ano. Facilmente se cola: a qualquer actividade e também aos diversos ambientes. E nasce nele tremenda aversão a deixar seu ninho na Capital, que é Lisboa — uma grande cidade. As promessas de gente cumprem-se, tinha de meter-se ao caminho. De avião nunca foi; de carro decidiu não ir, o comboio Alfa, andava azarento e por isso e por dois contos menos pouco saltou para a Rodoviária. Eram quase seis horas da manhã e já Eugénio revia velhos sítios da Bracara Augusta. CV.10x1.94-3.

Aquele largo e fundo buracão como o Banco de Portugal ou as arcadas nunca tinham visto! Imagino o ex-condiscípulo Silva Araújo, pondo em marcha e nas ruas o copioso Diário do Minho — a 70 moedas. Recordou a atrevida Romancista da gens famalicense a quem não prendeu a língua a insuficiente 3ª ou 4ª classe dos anos trinta: como o galo que se revê ao espelho, da Igreja do Terço em Barcelos, a nossa escritora sonha e suspira na habitação por ela erguida ali perto do Seminário Menor dos Arcebispos, por ela dito Da Tamanca. Madrugada algo fria. Tiveram de suportá-la os não



O Rio Cávado, junto à Ponte do Bico

menos que seis vultos que dormiram no lagedo coberto do que já foi o Paço dos Arcebispos e também serve de Biblioteca Pública aos sempre crescentes moradores de Braga. Tais moradores marcaram ali ao lado do Paço, os poucos palmos de frente da casa em que viveu aquele Padre Martinho que teve a ideia de plantar o Sameiro onde agora é o Sameiro — o templo, a imagem de sonho da maior filha de Homem, a Cripta que dias depois foi de propósito ver.

No pólo da cidade, oposto ao Paço dos Biscainhos — que por 1600 se faziam dizer donos da Quinta na ~~aldeia~~ aldeia — lá ardiam pela matina as mais que 50 velas ao São Bentinho do Hospital e passos adiante, lá estava a quadrilátero que já serviu de colégio aos padres Jesuítas com dois mil alunos em 1600, e depois passou a Seminário Conciliar, passou com a República (e a mãozinha

maçónica de alguns bracarenses) a ser quartel de tropas.

Acolheu Eugénio no Curso Filosófico da Diocese há mais que 30 anos e tem perto a Torre e a Cidade e o Noviciado das do Coração de Maria e também a Rua dos Pelames que o coração de Eugénio queria rever. Já era tempo de deixar Braga e o passeio e ir ao pequeno almoço: saborosíssima a meia torrada no café a Brasileira! Muito atenciosos os empregados. Mas quando Eugénio requereu ao Senhor ao lado lhe facultasse passar os olhos pelo Diário do Minho, o homem que nem tinha ar de ser bruto de todo e era acompanhado por outro — de certeza padre ou adorado — deve ter formulado a ideia de ser Eugénio um portador de Sida, se bem que não dissesse recusar o jornal. Também o teve de volta em 2 minutos!

Paro aqui. Direi mais em outro dia.

Lisboa, 23 de Outubro

7/10/94

as críticas que lhes eram feitas

COISAS DE LONGE E DE PERTO

I

O Carácter Português

No jornal Diário de Notícias, de Lisboa do dia 20/X/94, página 8, Freixe Antunes confronta Salazar em Dean Acheson dos Estados Unidos. O americano pinta assim os portugueses (e muito sabe ele, que era ministro dos Estrangeiros):

«Os portugueses têm um prazer especial na conspiração... não vão a lado nenhum. Toda a gente conspira — acerca de qualquer coisa — durante todo o tempo.»

E os leitores têm visto e lido que neste jornal aparece um que tudo baptiza de lacraus e de «nabos» e aparece ao lado outro a apitar: cuidado que é mau para o povo que os governos sejam desautorizados. E eu digo: quem já leu duas linhas daquela ciência a que chamam lógica, hoje muito esquecida, logo reparou que é mentiroso todo aquele que por haver 10 corruptos, vem clamar que todos os 1000 — e não só os 10 — são corruptos. Ora transformar, igualar 10 a 1000 é cometer um erro de 990 em 1000. Um mentiroso, tão mentiroso é preciso chamá-lo à pedra. E com esta nota não faço política nem teoria política.

cem — naquela talha, naqueles azulejos que falam pelo desenho e no mais que a Igreja do Terço encerra, a ponto de o Professor americano (e não um dos nossos!) a ter vindo cá estudar, ver e rever.

Ambas (Barcelos e Beja) foram igrejas de casas religiosas. Ambas construídas pelo Estado (a de Beja por 1450, duque de Beja); a de Barcelos pelos reis D. Pedro II e seu filho, D. João V. A mais rica é a de Beja. Em ambos os casos, lá se foi a cerca do claustro, etc, do convento, conforme a evolução das mentalidades.

Ora penso eu que convém confrontar as duas porque:

a) na de Beja, o que hoje se estuda é a freira que à força lá viveu, fidalga — D. Mariana ou Maria Ana Alcoforado (ou Alcoforada ou Alcaforada — e nós tivemos Alcoforados na Casa da Silva — Barcelos.

b) na de Beja, deu-se um desastre moral com a dita Mariana e

II

Em Galegos era habitual que a população escolhesse para ser Junta, gente do P.S.D.. Na última eleição, dizem que de modo travesso é uma flor, os que têm reformas se assustaram e deram o votos aos designados (sejam-no ou não) P.S.. O P.S. ganhou (e note-se que com gente muito mais lida que a do P.S.D.). Os restos da surpresa ainda se não diluíram. Ora se fosse tudo lacrau e nabo no governo, então a esperança de melhor governo levaria os votos futuros ao Guterres ou substituto dele. E no P.S. não há nabos nem lacraus? Pois não! E o Monteiro, nada? — Nada mesmo. Não tem votos para virar a agulha.

III

Igreja do Terço em Barcelos e Igreja da Conceição em Beja.

Vi o anúncio do Falar Barcelos e da Arte no Barcelense. Agora é oportuno reler a Monografia do Padre Avelino Ferreira — ano de 1482 e reparar melhor — porque as nossas gentes não a conhe-

(Continua na pág. 4)

pode-se suspeitar de que a do Terço se fez para evitar que se desse desastre igual aqui no Norte.

Por isso, reza a História do Seminário de Braga, pág. 175:

— Rei D. Pedro II, guerras após 1640: mandou fazer novas muralhas de defesa (guerra) em Monção.

Para isso foi preciso deitar abaixo o mosteiro das beneditinas. Saíram e passaram a viver no Seminário de Braga — e por isso andaram os alunos, anos, em bollandas, cá fora — As alterações em Monção começaram em 1659 e elas foram para Barcelos em 1713.

E a Mariana de Beja: no convento aos 11 anos, professou aos 16 (ano de 1656), desastre amoroso pelos 25/28 anos. Que cartas escreveu ela se ao menos, lhe atribuem!

Saíram em livro na França. O Rei soube. Ao conde militar foi

dado aviso para se pôr ao fresco. As cartas mais acirraram o Rei e os de Braga. Barcelos era terra mais segura e, também, talvez por isso, passou Barcelos a ser acompanhada das santas mulheres beneditinas desde 1713.

Muito investigou já o operoso Sr. Padre Avelino sobre o Monumento de Barcelos. Muito mais foi feito sobre o de Beja e a Mariana — que tem renome internacional (só em Portugal e no ano de 1923, as cartas já iam a edição — ver Dr. Belard da Fonseca (que era alçado).

Mariana Alcoforado, edição de luxo — 1966).

Out/94

Outubro

Francisco Almeida

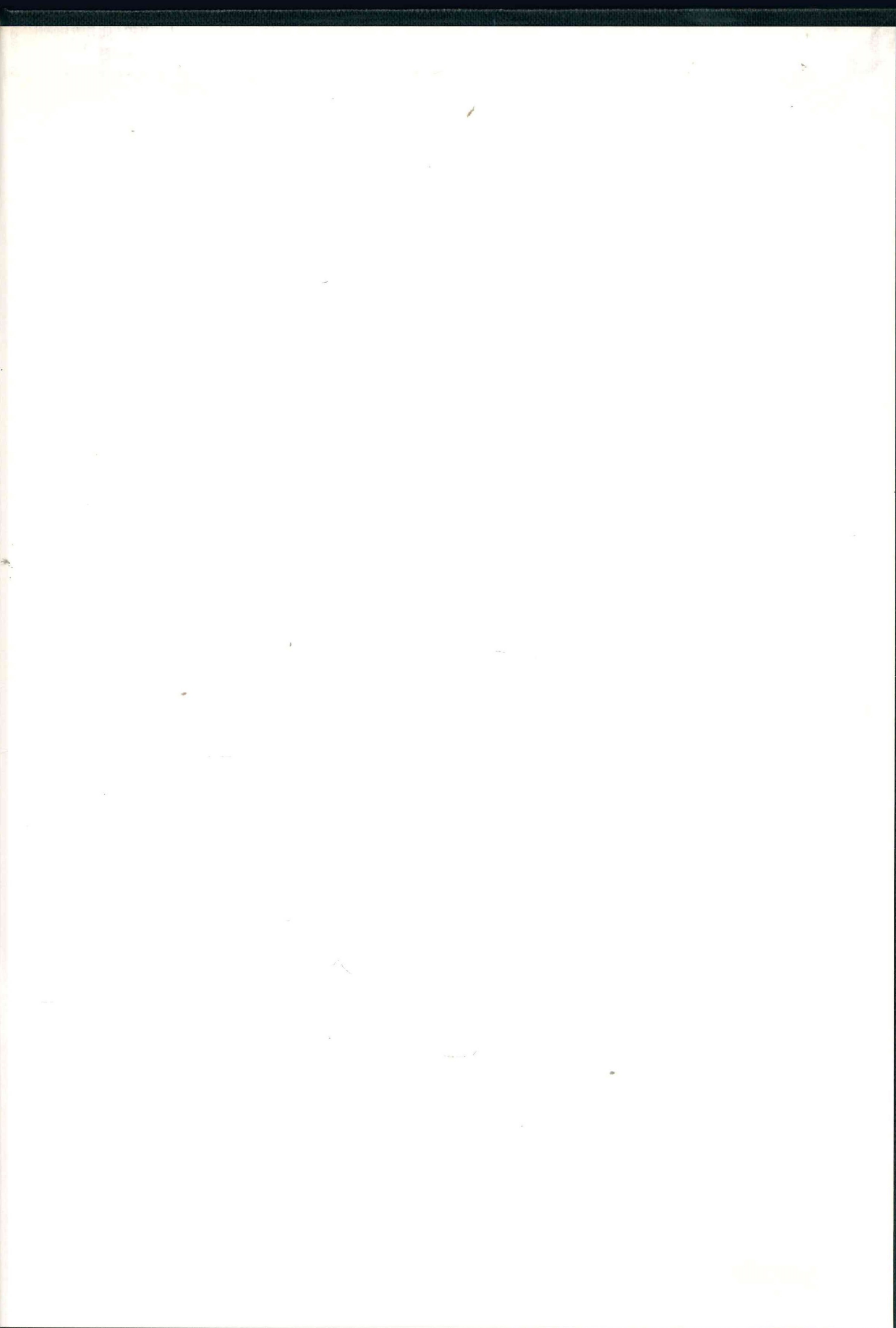
Segment X (20)

90

~~from 20~~

60





biblioteca
municipal
barcelos



27662

Artigos de jornais regionais